

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano VI-VII – 1-2 2015/16

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920 ~ Porto Alegre-RS. Brasil

tel (51) 3024-6504 ou (51) 9407-4242

E-Mail: revista@polonicus.com.br

www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczan

Impressão

Corgraf Gráfica e Editora Ltda.

Fone: 41 3012-5000

www.grupocorgraf.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI

Mariano KAWKA

Piotr KILANOWSKI

Renata SIUDA-AMBROZIAK

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – In memoriam

Cláudia R. KAWKA MARTINS – Colégio Militar - Curitiba

Edward WALEWANDER – Universidade Católica de Lublin (KUL)

Franciszek ZIEJKA – Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Jerzy MAZUREK - Universidade de Varsóvia (UW)

José Lucio GLOMB – Ordem dos Advogados do Brasil-PR

Marcelo PAIVA de SOUZA – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Marcin KULA – Universidade de Varsóvia (UW)

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Regina PRZYBYCIEN - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Tadeusz PALECZNY - Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Thaís Janaina WENCZENOVICZ - Universidade Estadual do RS (UERS)

Tito ZEGLIN – Vereador da Câmara Municipal de Curitiba

Tomasz LYCHOWSKI – Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro

Waldemiro GREMSKI – Pontificia Universidade Católica - PR

Walter Carlos COSTA – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Wojciech NECEL SChr – Universidade de Card. S. Wyszynski de Varsóvia (UKSW)

**Esta revista foi publicada graças ao apoio
do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba,
com recursos do Departamento de Diplomacia Pública
e Cultural do Ministério das Relações Exteriores da
República da Polônia**



**Czasopismo ukazało się dzięki wsparciu
Konsulatu Generalnego RP w Kurytybie,
ze środków Departamentu Dyplomacji Publicznej
i Kulturalnej Ministerstwa Spraw Zagranicznych RP**

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 6-7, n. 11-12 (jan/ 2015 – jun/2016) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

SUMÁRIO

EDITORIAL

Wstęp

POLÔNIA

Polska

Mariano KAWKA

OS POLONESES CELEBRAM OS 1050 ANOS

DA SUA IDENTIDADE CRISTÃ16

Polacy świętują 1050 lat swojej tożsamości chrześcijańskiej

NOVA VIDA EM CRISTO

Carta Pastoral do Episcopado da Polônia

para o Jubileu dos 1050 anos do Batismo da Polônia27

Nowe życie w Chrystusie. List duszpasterski Episkopatu

Polski na Jubileusz 1050 lat Chrztu Polski

Dom Adalberto POLAK, Primaz da Polônia

HOMILIA PROFERIDA EM GNEZNO DURANTE

A MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS PELOS 1050 ANOS

DO BATISMO DE MIESZKO I32

Homilia Prymasa Polski wygłoszona w Gnieźnie podczas

Mszy św. dziękczynnej za 1050 lat chrztu Mieszka I

Tomasz LYCHOWSKI

POLONIA SEMPER FIDELIS38

ARTIGOS

Artykuły

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO

Dia Mundial do Migrante e Refugiado 2016.....42

Przesłanie papieża Franciszka z okazji Światowego Dnia

Migranta i Uchodźcy 2016

Dom Estevão WESOLY

O ETOS DA EMIGRAÇÃO POLONESA

NA DOCTRINA DE JOÃO PAULO II47

Etos emigracji polskiej w nauczaniu Jana Pawła II

Krzysztof SMOLANA
**A VISITA DO PRIMEIRO LEGADO DA REPÚBLICA
DA POLÔNIA, KSAWERY ORŁOWSKI,
A SÃO PAULO E CURITIBA EM 1920**59
*Wizyta pierwszego posła Rzeczypospolitej Polskiej
Ksawerego Orłowskiego w São Paulo i Kurytybie w 1920 r.*

Anna DVORAK
**UMA IMIGRAÇÃO OCULTA:
AS EXPERIÊNCIAS POLONESAS NO BRASIL
COMPARADAS COM A IMIGRAÇÃO
NOS ESTADOS UNIDOS**83
*Imigracja ukryta: porównane doświadczenia Polaków w Brazylii
z imigracją w Stanach Zjednoczonych*

Aleksandra SLIWOWSKA BARTSH
**PASSADO E PRESENTE DA COMUNIDADE
POLONESA NO RIO DE JANEIRO**102
Przeszłość i terażniejszość wspólnoty polskiej w Rio de Janeiro

Jerzy MAZUREK
A GRANDE GUERRA DO HOMEM BRANCO122
Wielka wojna białego człowieka

POEMAS

Wiersze

Tradução: Rodrigo PENA
BRZECHWA PARA CRIANÇAS134
Brzechwa dzieciom

RESENHAS

Przegląd literacki

Leila BIJOS
**MAZUREK, Jerzy. A Polônia e seus Emigrados na América
Latina (até 1939). Tradução de Mariano Kawka. Goiânia-GO:
Editora Espaço Acadêmico, 2016, pp. 458**137

CRÔNICAS

Wydarzenia

Stanislaw PAWLISZEWSKI
85 ANOS DA SOCIEDADE POLONO-BRASILEIRA 141
85 lat Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr
JUBILEU FRANCISCANO 145
Jubileusz franciszkanów

VISITA À “FAZENDA POLÔNIA” 149
Odwiedziny w “Fazenda Polônia”

JUBILEU DE PRATA DA BRASPOL 151
Srebrny jubileus “Braspolu”

Mons. Tomasz GRYSA
ANIVERSÁRIO
DO MONSENHOR CESLAU ROSTKOWSKI 152
Urodziny prałata Czesława Rostkowskiego

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr
CASA DA CULTURA POLÔNIA-BRASIL EM CURITIBA 153
Dom kultury Polska - Brazylia w Kurytybie

FRANCISCANO POLONÊS NOMEADO BISPO NO BRASIL 154
Polski franciszkanin mianowany biskupem w Brazylii

DELEGAÇÃO DE UNIVERSIDADES POLONESAS
NO BRASIL 155
Delegacja polskich uczelni w Brazylii

Henryk SIEWIERSKI, Zdzislaw MALCZEWSKI SChr
O PROF. MARIANO KAWKA
PUBLICA UM NOVO DICIONÁRIO 156
Prof. Mariano Kawka publikuje nowy słownik

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
COMEMORAÇÃO DO 3 DE MARIO EM PORTO ALEGRE158
Obchody 3 Maja w Porto Alegre

VISITA DO ARCEBISPO DE CZEŚTOCHOWA
DOM VENCESLAU DEPO161
Wizyta arcybiskupa Częstochowy Wacława Depo

Zdzisław MALCZEWSKI SChr
**POLONESES COMEMORAM 140 ANOS DE PRESENÇA
NO RIO GRANDE DO SUL**164

EDITORIAL

Com grande e indisfarçável satisfação apresentamos aos nossos leitores um número “especial” da nossa revista. Utilizei a palavra “especial” visto que este número está sendo publicado após certa pausa, bem como pela razão de que neste ano a Polônia comemora solenemente os 1.050 anos do batismo do seu fundador, o duque Mieszko I.

O presente número duplo do nosso periódico só pode ser apresentado aos nossos leitores graças à compreensão e à ajuda do Sr. Marek Makowski – cônsul geral da República da Polônia em Curitiba. Esse representante oficial da Polônia sempre nos tem demonstrado apoio e continua a nos respaldar, não só verbalmente, mas através de atos concretos. Foi justamente por intermédio dele que recebemos uma subvenção do Ministério das Relações Exteriores da Polônia para a publicação desta revista polônica. Ao senhor cônsul geral, que nos apoia, bem como às pessoas responsáveis do ministério do governo polonês que decidiram prestar-nos ajuda financeira, expressamos aqui o nosso agradecimento.

Uma outra razão que determina o caráter “especial” da edição deste número são as comemorações dos 1050 anos do batismo da Polônia, que ocorrem neste ano. O batismo do primeiro soberano histórico da Polônia, o duque Mieszko I, inscreve-se na cronologia histórica da nação polonesa como um acontecimento de caráter religioso, mas também político. Graças à decisão então tomada por esse governante, a Polônia ingressou na comunidade das nações cristãs. Um acontecimento de caráter religioso ao mesmo tempo deu origem ao jovem Estado que surgia e se organizava. No batismo de Mieszko I percebemos os alicerces do Estado polonês.

Em razão da importância histórica do batismo de Mieszko I, que possui um significado tanto espiritual como político, a esse acontecimento dedicamos a primeira seção do periódico, intitulada “*Polônia*”. Ali o leitor encontrará um texto do Prof. Mariano Kawka, nosso fiel e permanente colaborador. O autor comprova, com base na história da nação polonesa, que

desde o momento da aceitação do santo batismo o elemento religioso nela esteve presente. O artigo do Prof. Kawka proporcionará ao leitor uma melhor compreensão da carta pastoral dos bispos poloneses encaminhada aos fiéis por ocasião do Jubileu dos 1050 anos do batismo. Em simbiose com essa carta do episcopado encontra-se a homilia que o arcebispo metropolitano Wojciech Polak pronunciou na catedral de Gniezno no dia 14 de abril de 2016, durante a Missa jubilar. Essa seção recebe como coroamento um texto de Tomás Ly-chowski. De forma característica dos seus textos, num enlevo poético, o autor tece diante do leitor a história da nação polonesa desde o batismo do duque Mieszko I. Da mesma forma que na história da Polônia se insere a dimensão religiosa, também – segundo o autor – encontra-se nela presente o espírito da Constituição de 3 de Maio. Os valores do espírito cristão, tais como a liberdade, a solidariedade, a igualdade, a justiça, podem ser facilmente encontrados na Constituição de 3 de Maio, a primeira no continente europeu. Essa grande carta da nação polonesa não foi apenas um registro legal, mas expressava acima de tudo o espírito da nação. E o espírito é a vida que continuamente se renova, haurindo a sua força da fé.

A segunda seção, “*Artigos*”, abre-se com uma mensagem do papa Francisco dirigida, por ocasião do Dia Mundial do Migrante e do Refugiado (2016), não apenas aos fiéis católicos, mas a todas as pessoas de boa vontade. A seguir o arcebispo Szczepan Wesoły, que por dezenas de anos, em nome do Primaz da Polônia, encarregou-se da assistência espiritual aos poloneses emigrados, no artigo publicado apresenta o etos da emigração polonesa na doutrina de S. João Paulo II. Por ocasião das suas viagens apostólicas, apesar do intenso programa oficial, o Papa Polonês sempre encontrava tempo para se encontrar com os poloneses no exterior e confirmar neles os valores religiosos e cívicos. Em outro artigo, Krzysztof Smolana, que trabalha no Arquivo de Documentos Novos em Varsóvia, apresenta-nos o relatório do primeiro legado da Polônia renascida, Ksawery Orłowski, de uma viagem por ele realizada em 1920 aos estados de São Paulo e do Paraná, onde visitou núcleos de imigrantes poloneses. E Anna Dvorak, dos Estados Unidos, partilha as suas pesquisas, fazendo em seu artigo uma comparação entre a experiência dos

imigrantes poloneses no Brasil e aqueles que se estabeleceram nos Estados Unidos. Com a publicação desse texto queremos honrar a memória dessa jovem intelectual americana e polônica que perdeu a vida há um ano, quando praticava o perigoso esporte do montanhismo. Agradecemos à Senhora Zofia Powell – mãe da tragicamente falecida Prof^a Anna Dvorak – pela autorização para a publicação desse artigo no nosso periódico. Nessa seção da revista, uma outra intelectual polônica e brasileira – Aleksandra Sliwowska Bartsch – apresenta ao leitor o impressionante passado e presente da comunidade polonesa no Rio de Janeiro. Como último texto dessa seção apresentamos um artigo do Prof. Jerzy Mazurek a respeito da Primeira Guerra Mundial, cujo centenário a humanidade rememora enquanto se publica a nossa revista. Neste ponto vale a pena lembrar que em razão das operações daquela guerra pereceram 20 milhões de pessoas e outras tantas ficaram feridas. Tem-se a impressão de que desse doloroso e triste passado o homem não é capaz de tirar as adequadas conclusões para o bem da humanidade no presente e no futuro.

“*Poemas*” é a seção seguinte do nosso periódico. Rodrigo Pena – um jovem brasileiro de Brasília – apresenta a tradução de alguns poemas curtos do poeta polonês Jan Brzechwa. Esperamos que a tradução desses poemas do conhecido poeta polonês desperte o interesse dos nossos leitores pela sua poesia dirigida às crianças.

Na seção seguinte, “*Resenhas*” Leila Bijos, familiariza os nossos leitores com a publicação de um livro da autoria do Jerzy Mazurek, que lhe deu o título *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939)*. Este livro foi traduzido por Mariano Kawka e editado pela Editora Espaço Acadêmico em 2016.

A última seção do nosso periódico é “*Eventos*”, que abrimos com um artigo de Stanisław Pawliszewski, o qual fala da comemoração dos 85 anos de existência e da rica atividade da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia. Nos textos seguintes o leitor encontrará uma crônica das comemorações e solenidades que envolveram a coletividade polônica brasileira. No entanto, quero assegurar que os textos publicados não esgotam toda a gama da diversificada atividade do nosso grupo étnico no Brasil.

Alimento a profunda esperança de que os variados textos publicados no presente número de Polonicus, de autoria de muitas pessoas que colaboraram com o nosso periódico, pela temática apresentada despertarão o interesse dos nossos caros leitores.

Faço votos de um agradável e enriquecedor encontro com os textos que publicamos nas páginas deste nosso número de Polonicus.

Zdzislaw Malczewski SChr– redator

WSTĘP

Z dużą i nieukrywaną satysfakcją oddajemy do rąk naszych Czytelników numer „specjalny” naszego czasopisma. Użyłem słowa „specjalny”, ponieważ ukazuje się po pewnej przerwie, a także z tej racji, że w obecnym roku Polska uroczyście obchodzi 1050 lat chrztu księcia Mieszka I.

Obecny podwójny numer periodyku możemy oddać naszym Czytelnikom tylko dzięki zrozumieniu i pomocy p. Marka Makowskiego – konsula generalnego Rzeczypospolitej Polskiej w Kurytybie. Oficjalny przedstawiciel Polski zawsze nam okazywał poparcie i dalej nas wspiera nie tylko słownie, ale bardzo konkretnie. To właśnie za jego pośrednictwem otrzymaliśmy subwencję z polskiego Ministerstwa Spraw Zagranicznych na wydanie tego polonijnego czasopisma. Wspierającemu nas panu konsulowi generalnemu, jak również decydentom w polskim MSZ o przyznaniu finansowej pomocy wyrażamy nasze podziękowanie!

Inny powód świadczący o „specjalnym” wydaniu tego numeru jest tegoroczny obchód 1050 lat chrztu Polski. Chrzt pierwszego historycznego władcy Polski księcia Mieszka I wpisuje się w kalendarz dziejów polskiego narodu, jako wydarzenie o charakterze religijnym, ale także politycznym. Polska dzięki ówczesnej decyzji księcia Mieszka I weszła do wspólnoty narodów chrześcijańskich. Równocześnie wydarzenie mające charakter religijny dało początek pod powstające i organizujące się młode państwo. W chrzcie księcia Mieszka I dostrzegamy podwaliny państwa polskiego.

Ze względu na podniosłość historyczną chrztu księcia Mieszka I, która ma tak znaczenie duchowe, jak i polityczne, temu wydarzeniu poświęcamy pierwszy dział periodyku **Polska**. Znajdzie w nim Czytelnik tekst prof. Mariana Kawki, naszego wiernego i stałego współpracownika. Autor prezentuje na tle historii narodu polskiego, od momentu przyjęcia chrztu św. obecność pierwiastka religijnego. Artykuł prof. Mariana Kawki ułatwi Czytelnikowi lepsze zrozumienie listu duszpasterskiego biskupów polskich skierowanego do wiernych z okazji Jubileuszu 1050 lat chrztu. W symbiozie z listem episkopatu jest homilia, jaką wygłosił 14 kwietnia 2016 r. podczas Mszy św. jubile-

uszowej Prymas Polski, arcybiskup metropolita Wojciech Polak w katedrze gnieźnieńskiej. Ukoronowaniem tego dzieła jest tekst Tomasza Łychowskiego. W sposób charakterystyczny dla swoich artykułów, w polocie poezji, autor snuje przed Czytelnikiem dzieje narodu polskiego od chrztu księcia Mieszka I. Tak, jak w historię Polski wplata się wymiar religijny, tak też - według autora - jest w niej obecny duch Konstytucji 3 Maja. Wartości ducha chrześcijańskiego, takie jak: wolność, solidarność, równość, sprawiedliwość, możemy z łatwością odnaleźć w Konstytucji 3 Maja, pierwszej na kontynencie europejskim. Ta wielka karta narodu polskiego nie była tylko zwykłym zapisem prawnym, ale nade wszystko wyrażała ducha tego narodu. Duch jest życiem, które ciągle się odnawia czerpiąc swoją siłę z wiary.

Drugi dział **Artykuły** rozpoczyna przesłanie papieża Franciszka skierowane, z okazji Światowego Dnia Imigranta i Uchodźcy (2016), nie tylko do wiernych katolików, ale do wszystkich ludzi dobrej woli. Z kolei arcybiskup Szczepan Wesoły, który przez dziesiątki lat w imieniu Prymasa Polski sprawował opiekę duchową nad Polonią, w zamieszczonym artykule przedstawia etos emigracji polskiej w nauczaniu Jana Pawła II. Papież-Polak, podczas swoich podróży apostolskich zawsze znajdował czas, pomimo napiętego oficjalnego programu, aby spotykać się z Polonią i utwierdzać w niej wartości religijne i patriotyczne. Krzysztof Smolana, pracujący w Archiwum Akt Nowych w Warszawie, udostępnia nam sprawozdanie z podróży pierwszego pośła Rzeczypospolitej Polskiej Ksawerego Orłowskiego w 1920 r. do stanów Paraná i São Paulo, gdzie odwiedzał skupiska polskich imigrantów. Anna Dvorak ze Stanów Zjednoczonych, dzieli się swoimi badaniami, kiedy w swoim artykule stara się porównać doświadczenia polskich imigrantów w Brazylii z tymi, którzy osiedlili się w USA. Publikacją tego tekstu pragniemy uczcić pamięć młodej polonijnej i amerykańskiej intelektualistki, która przed rokiem zginęła podczas uprawiania niebezpiecznego sportu wysokogórskiego. Dziękujemy pani Zofii Powell - mamie tragicznie zmarłej prof. dr Anny Dvorak, za wyrażenie zgody na publikację tego artykułu w naszym periodyku. Kolejna polonijna i brazylijska intelektualistka - Aleksandra Sliwowska Bartsh przybliży czytelnikowi bardzo frapującą przeszłość i terażniejszość polskiej wspólnoty w Rio de Janeiro. W czasie ukazania się naszego czasopisma ludz-

kość wspomina kolejną rocznicę wybuchu pierwszej wojny. Końcowym tekstem tego działu to artykuł Jerzego Mazurka o pierwszej wojnie światowej. Warto w tym miejscu przypomnieć, że w wyniku działań wojennych poległo 20 milionów osób i tyle samo poniosło rany. Odnosi się wrażenie, że z bolesnej i smutnej przeszłości człowiek nie potrafi wyciągnąć odpowiednich wniosków dla dobre ludzkości na dziś i jutro.

Wiersze to, kolejny dział naszego periodyku. Rodrigo Pena - młody Brazylijczyk ze stołecznej Brasílii dokonał przetłumaczenia jednego z wierszy Jana Brzechwy. Mamy nadzieję, że tłumaczenie wiersza, tego znanego polskiego poety, zainteresuje naszych czytelników jego poezją skierowaną do dzieci.

W kolejnym dziale **Przegląd literacki** Leila Bijos przybliży naszym czytelnikom książkę autorstwa Jerzego Mazurka, który zatytułował swoje dzieło „Polska i jej emigranci w Ameryce Łacińskiej (do 1939 r.). Książka została przetłumaczona przez Mariana Kawkę i wydana przez wydawnictwo „Espaço Académico” w Goiânia-GO (2016 r.).

Ostatni dział naszego czasopisma to **Wydarzenia**. Otwieramy ten dział narracją Stanisława Pawliszewskiego, przybliżającego nam świętowanie 85 lat istnienia i bogatej działalności Towarzystwa Polsko-Brazylijskiego w Warszawie.

W kolejnych tekstach znajdzie czytelnik przegląd kronikarski zorganizowanych obchodów, uroczystości przez brazylijską społeczność polonijną. Pragnę zapewnić, że zamieszczone teksty nie wyczerpują całej gamy wielorakiej aktywności naszej grupy etnicznej w Brazylii.

Mam głęboką nadzieję, że zamieszczone w tym numerze „Polonicusa” różnorodne teksty, autorstwa wielu osób współpracujących z naszym periodykiem, znajdą wśród Drogich Czytelników zaciekawienie zaprezentowaną tematyką.

Życzę miłego i ubogacającego spotkania z tekstami, jakie publikujemy na łamach niniejszego numeru „Polonicusa”!

Zdzisław Malczewski SChr – redaktor

OS POLONESES CELEBRAM OS 1050 ANOS DA SUA IDENTIDADE CRISTÃ

Mariano KAWKA *

A importância de um fato histórico se torna maior na proporção em que se apresenta durável a natureza das suas consequências. Esse raciocínio deve determinar a atenção que devemos dar aos eventos históricos, embora distantes, mas que preservam um caráter de atualidade até os nossos dias. Isso também se aplica ao Jubileu dos 1050 do batismo da Polônia, acontecimento que no ano 966 retirou a Polônia das brumas da sua pré-história e a inseriu na civilização europeia e ocidental, conferindo-lhe uma missão providencial na evolução geral da humanidade.

O protagonista desse episódio foi Mieszko I (?-992), o primeiro representante da dinastia dos Piasts, que em 966 recebeu o batismo e deu início à organização eclesiástica na Polônia. Em 965 o duque Mieszko casou-se com Dobrawa ou Dąbrówka (?-977), uma princesa da Boêmia, aliando-se assim a um vizinho eslavo que já havia adotado o cristianismo desde 874. Em 966 ele mesmo foi batizado e imediatamente promoveu a conversão da sua nação inteira. Fundou o seu Estado com a capital na cidade de Gniezno, que se tornou também a metrópole eclesial da Polônia.

A Polônia surge então no palco da história como um país decididamente ligado ao cristianismo romano e à tradição ocidental. Toda a história da Polónia está imbuída do espírito católico. Desde o início o país assumiu o seu lugar histórico na Europa cristã, tendo demonstrado, também, uma contribuição notável para o tesouro intelectual do mundo. Recorde-se, por exemplo, que as primeiras universidades na Europa Central foram fundadas em países eslavos: em Praga (1348) e em Cracóvia (1364). No período medieval, a Polónia participava, em pé de igualdade com as outras

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

| Polônia

nações, da vida cultural da Europa de então. A sua literatura latina fazia parte da literatura latina de toda a Europa; o seu maior historiador, Jan Długosz, foi um dos maiores historiadores medievais em toda a Europa; o seu pensador Paweł Włodkowic de Brudzewo (Paulus Wladimiri), autor de uma tese sobre o direito de todos os povos, inclusive os pagãos, a seu território, pertence ao grupo dos maiores pensadores medievais da sua época; o seu poeta latino Klemens Janicki (Ianicius) foi um grande poeta não apenas em escala polonesa. Os santos poloneses, como o bispo Santo Estanislau, São Jacinto, São João Câncio e outros, eram conhecidos em todo o mundo. A universidade de Cracóvia, fundada em 1364, deu à ciência europeia muitos sábios eminentes, como os acima citados Paweł Włodkowic e Jan Długosz, mas principalmente o renomado astrônomo Nicolau Copérnico.

Motivações e consequências do batismo

Difícil se torna avaliar os reais sentimentos religiosos de Mieszko. Na situação em que a nação se encontrava, caso permanecesse pagã estaria sempre ameaçada pelos vizinhos germânicos do oeste, a pretexto de expansão cristã, e não podia ter sido aceita, numa base de igualdade, entre as outras nações europeias.

Entre o mar Báltico e os montes Cárpatos, numa vasta planície sulcada pelos rios Elba, Odra, Warta e Vístula, desde tempos imemoriais haviam-se estabelecido tribos eslavas, denominadas polanos, vistulanos, mazovianos, silesianos, pomeranos e muitas outras, que, unificadas no século anterior, formaram a nação polonesa. Os polanos, estabelecidos em volta de Gniezno, deram origem ao nome do país e dos seus habitantes: Polônia e poloneses (em latim, *Polonia*, *poloni*), que se definiu na passagem do século IX para X. Essa obra de unificação foi realizada por Piast, o lendário antepassado de uma dinastia que governou a Polônia por vários séculos. Foi um neto de Piast, Mieszko I, que em 966 recebeu o batismo e introduziu a Polônia na cultura e na civilização ocidentais.

Polônia

Mitologia eslava

Os antigos povos eslavos eram pagãos, professando o politeísmo. A primeira referência aos eslavos na história escrita aparece no século VII com o historiador bizantino Procópio de Casareia, em cujo *Bellum gothicum* (A guerra dos godos) são descritas as crenças de certa tribo eslava meridional que havia cruzado o rio Danúbio. Esse escritor fala de um deus do relâmpago e do trovão (que seria o Perun) e menciona a crença em vários demônios e ninfas.

A antiga mitologia eslava englobava muitos deuses, demônios e entidades mitológicas, tais como: Światowit ou Świątowit, o onipresente senhor do céu, representado por um rosto de quatro faces; Perun, o deus que controlava os raios e os trovões; Swarog, o senhor do sol e das nuvens; Duzbog, o deus do sol e do bem-estar; Volos/Weles, o senhor do submundo, do reino dos mortos, associado à magia; Mokosz, a deusa da fertilidade e protetora das mulheres; Baba Jaga, uma bruxa, senhora da magia e espírito das florestas; Boruta, entidade maldosa da floresta; Strzyga, entidade má feminina; Kupala, divindade solar cultuada no solstício do verão; Mamuna, que roubava os recém-nascidos e os trocava por crianças travessas; Morana, a deusa da morte e do inverno; Wesna, a deusa da primavera; Leszy, o demônio das florestas e o senhor dos animais selvagens; as Rusalkas, entidades femininas da água, geralmente consideradas espíritos de jovens afogadas, etc. Até hoje, percebe-se a permanência de algumas dessas entidades no vocabulário das línguas eslavas (em polonês: *piorun* – raio, *wiosna* – primavera). Os eslavos não construíam templos nem tinham um sacerdócio organizado. Em vez disso, prestavam um grande culto aos mortos, cujos cadáveres incinerados eram depositados e encerrados em montículos.

Com a conversão dos eslavos, ocorreu um processo de sincretismo (fusão de diferentes cultos e crenças religiosas, com reinterpretação dos seus elementos). Muitos elementos cristãos foram adaptados às crenças mitológicas pré-cristãs. Por exemplo, kolada/koledo passou a ser o nome eslavo para as procissões natalinas. Ainda hoje, em polonês, *kolęda* pode significar canção

| Polônia

natalina ou a visita pastoral dos padres aos paroquianos no período natalino. A própria palavra cristã Bog/Bóg (Deus), apesar de ser usada para o Deus cristão, é de origem pagã e muito antiga, podendo sua origem remontar à raiz protoindo-europeia *bhag* (fortuna), relacionando-se com o avéstico *baga* e o sânscrito *bhaga* (que são nomes de deuses).

Nova religião – nova vida

Com a conversão de Mieszko, os poloneses se afastam da sua cultura e mitologia pré-cristã e abraçam o cristianismo. Até a sua morte, em 992, Mieszko I se empenhou por regular as relações com os vizinhos alemães e ampliou o território polonês até o mar Báltico. Por volta do ano 990, ele promoveu a união das terras etnicamente polonesas (Polônia Menor, Polônia Maior, Silésia, Mazóvia, Pomerânia). O território da Polônia estendia-se desde o mar Báltico e o rio Odra até os Cárpatos e o rio Bug no leste. Ao mesmo tempo, numa época em que o poder dos papas ainda se encontrava longe da sua futura influência, que contrabalançaria o Império Germânico (oficialmente, Sacro Império Romano Germânico, fundado em 962 por Oto I o Grande), Mieszko entregou todo o seu território nas mãos da Santa Sé, tornando-o parte do patrimônio de S. Pedro e colocando-o assim sob a proteção pontifícia. Relaciona-se com isso o mais antigo documento escrito polonês, o chamado *Dagome iudex*, expedido por Mieszko I, sua esposa Oda e os filhos deles Mieszko e Lambert, entregando a cidade de Gniezno com as suas adjacências sob a proteção da Santa Sé.

O jovem Estado polonês obteve assim as melhores garantias para a sua independência e segurança. Nos séculos seguintes, esse profundo vínculo com a Igreja católica serviria como um sólido apoio nas mais graves crises pelas quais o país teria de passar. Esse vínculo seria também a expressão exterior do princípio da ordem espiritual que anima toda a história da Polônia.

Polônia

Baluarte do cristianismo

A Polônia, por sua vez, constituiu sempre uma barreira intransponível contra os invasores orientais e se tornou um baluarte seguro na defesa do cristianismo e da civilização ocidental contra as hordas mongólicas e tártaras. Nos anos 1240 e 1241, o país foi invadido pelos exércitos do império de Gengis-Khan. Sofreu, nessas oportunidades, terríveis devastações. Todas as suas cidades foram queimadas, e a sua população, parcialmente dizimada. Na batalha de Legnica (1241), o exército polonês foi quase inteiramente exterminado e o rei polonês, Henrique o Pio, pereceu. Mas depois dessa batalha os exércitos mongóis desistiram de invasões ulteriores em direção ao interior da Europa e recuaram para a Ásia. Em 1399, numa batalha nas margens do rio Worskla, a Polônia defrontou-se com a potência do império de Tamerlão (Timur Lang), o autoproclamado herdeiro e continuador de Gengis Khan. Depois de ter enfrentado os cavaleiros teutônicos no século XV, que em 1410 foram vencidos na célebre batalha de Grunwald, em 1444 a Polônia organizou uma cruzada, juntamente com a Hungria, com o objetivo de salvar Constantinopla da invasão turca. Essa cruzada rompeu-se na batalha de Warna, na Bulgária, na qual pereceu Jagiello, rei polonês e húngaro. Em consequência disso, não foi possível salvar Constantinopla, e nove anos mais tarde, em 1453, essa cidade foi tomada pelos turcos. Durante os séculos XVI e XVII a Polónia teve que opor-se ao imperialismo russo e sueco, além de enfrentar os invasores turcos, tártaros e cossacos. Nesse sentido, foram memoráveis as vitórias dos exércitos comandados pelo rei polonês João III Sobieski contra os turcos em Chocim (1673) e, posteriormente, em Viena (1683), quando foi detido o avanço turco contra a Europa.

A causa principal do enfraquecimento da Polónia, a partir do século XVII, era a persistência das guerras que se abateram sobre ela a partir dos meados daquele século. Entre os anos 1648-1717, a Polónia encontrava-se praticamente sem cessar, portanto quase por 70 anos, em estado de guerra. Todas essas guerras eram terríveis, destruidoras no mais alto grau. A mais terrível dessas guerras foi o chamado “dilúvio sueco”, nos anos 1655-1660.

| Polônia

A Polônia nessa ocasião foi quase totalmente inundada pela invasão sueca, acompanhada pelo levante dos protestantes poloneses e também favorecida pela traição de alguns importantes magnatas. Quase que inteiramente dominada e ocupada pelos inimigos, salvou-se, porém, através de um heroico levante católico, abrangendo todas as camadas sociais, cujo momento culminante veio a tornar-se o frustrado cerco do mosteiro de Nossa Senhora, em Częstochowa, pelos exércitos suecos. Os poloneses conseguiram uma vitória completa contra o invasor estrangeiro, mas seu país saiu da guerra em estado de completa ruína.

No entanto isso não significa que a queda da Polônia tenha sido total. Muitos ramos da vida polonesa continuavam em estado de integridade. Por exemplo, impressionantemente elevado era no século XVIII o nível da organização do ensino na Polônia. A Comissão de Educação, fundada em 1775, foi o primeiro ministério da educação no mundo. O fim do século XVIII foi na Polônia um período de renascimento literário, de florescimento da ciência, de um novo florescimento da arquitetura. Novamente renasceu a força militar polonesa. Às vésperas da sua queda, a Polônia possuía um notável exército, bem treinado e organizado, o qual se opôs heroicamente às forças da Rússia e da Prússia, embora tivesse que sucumbir às forças unidas desses países. Símbolo do renascimento político da Polônia foi a pacífica reviravolta de 3 de maio de 1791 e a introdução da famosa Constituição de 3 de Maio. Assim, a nação polonesa se colocou na vanguarda dos povos progressistas do mundo na defesa da democracia diante dos regimes totalitários, quando formulou a sua Constituição promulgada no dia 3 de maio de 1791, a segunda lei desse tipo no mundo, depois da dos Estados Unidos, e que precedeu em quatro meses a primeira Constituição francesa.

A tragédia das partilhas

As partilhas da Polónia, em três etapas sucessivas, em 1772, 1793 e 1795, aniquilaram o Estado polonês, que teve o seu território repartido entre a Prússia, a Áustria e a Rússia. A história não conhece outro exemplo de um ato

Polônia

de tamanha injustiça e violência praticada contra uma nação. Essas partilhas foram o início da era do reinado da força e da injustiça na política mundial, era que atingiu o seu coroamento final nos tempos de Hitler e de Stalin. A concretização das partilhas ocorreu não porque o país estivesse pronto para a queda, mas porque as potências vizinhas aproveitaram-se habilmente da confusão interna originada pelos magnatas poloneses e da indiferença que as potências ocidentais mostraram frente à Polônia.

Entretanto o povo polonês não se submeteu passivamente a essa injustiça e de imediato começou a desenvolver esforços no sentido de recuperar a sua existência como Estado. Esse esforço, que envolveria toda a nação, deveria durar cerca de 125 anos. Apesar da opressão política a que a nação estava submetida, ocorreram diversos levantes nacionais contra as potências opressoras durante o período em que o país permaneceu sob o domínio de potências estrangeiras (especialmente os levantes de 1830 e 1863).

Por outro lado, apesar da dominação estrangeira, a Polônia viveu justamente naqueles tempos um período de grande florescimento cultural. O desenvolvimento da literatura no século XIX foi mais exuberante que o do século XVI, chamado “século de ouro” da literatura polonesa (que se inicia com a publicação da principal obra de Copérnico, *De revolutionibus orbium coelestium*, em 1543, e termina em 1584, com a morte de Jan Kochanowski, o maior poeta polonês daquele período). Foi no conturbado período das partilhas que surgiram os maiores poetas poloneses (Mickiewicz, Słowacki, Krasiński, Norwid, Wyspiański, Kasprówicz), os dramaturgos (Fredro, Wyspiański), os romancistas (Sienkiewicz, Prus, Żeromski, Kraszewski, Orzeszkowa, Reymont), os músicos (Chopin, Moniuszko), os pintores (Matejko, Chelmoński, Brandt, Fałat, Simmler, Michałowski, Gerson, Grottger, Siemiradzki, Kossak, Malczewski e os irmãos Gierzymski). Esse século foi também época de florescimento da ciência polonesa e das universidades polonesas (primeiramente Wilno e Varsóvia, depois Cracóvia e Lwów), bem como das instituições científicas polonesas, a começar pela Academia de Ciências de Cracóvia.

Uma consequência das partilhas foi a grande dispersão dos cidadãos

| Polônia

poloneses pelo mundo em forma de emigrações econômicas e políticas para outros países europeus, para a América do Norte e do Sul. Esse movimento migratório, abrangendo milhões de pessoas, ocasionou o nascimento de muitos florescentes centros de vida polonesa no exterior, a exemplo da nossa comunidade polônica brasileira, mas, por outro lado, diminuiu a força numérica do povo polonês na terra pátria. As estatísticas dos anos 30 do século XX avaliam em 8 milhões o número dos poloneses fora das fronteiras do Estado, além dos 1.400.000 que se encontravam então no território do Reich alemão, principalmente nas áreas ocidentais da Polônia de hoje.

Novos desafios – novas convulsões

Após recuperar a sua independência em 1918, a Polônia teve apenas duas décadas para cuidar da sua reconstrução e para encaminhar o seu futuro, mas desde o início foi obrigada a dar provas do seu aprendizado cívico histórico, porque já em 1920 teve de travar uma grande guerra com a Rússia Soviética. O poderoso exército soviético invadiu a Polônia em toda a frente, desde a fronteira da Romênia até a fronteira da Prússia Oriental, atingindo com sua ala principal o rio Vístula e os subúrbios de Varsóvia. Após uma luta de vários dias, chamada “milagre do Vístula”, cujo momento decisivo deu-se no dia 15 de agosto, festa da Assunção de Nossa Senhora, o exército soviético foi derrotado e afastado do território polonês e da Europa Ocidental.

Em 1 de setembro de 1939 a Polônia foi invadida pela Alemanha, episódio que deu início à Segunda Guerra Mundial. Alguns dias depois, em 17 de setembro de 1939, as tropas soviéticas invadiram o país pelo leste. Os anos da guerra trouxeram uma nova onda de desolação e destruição, além da perda de uma grande parte do território polonês e do extermínio da população polonesa. Sobre nenhum país a ocupação alemã caiu com um peso tão terrível como sobre a Polónia, tendo provocado gigantescas perdas humanas e materiais. E não apenas a ocupação alemã. O drama de Katyń demonstra quão estreitamente naquele momento Stalin colaborava com Hitler. A Polónia perdeu cerca de 6 milhões de pessoas, sendo a metade delas judeus poloneses.

Polônia

No final da guerra o destino do país foi decidido pelos acordos dos países vencedores, na Conferência de Yalta (4-11/2/1945), na qual Churchill, Roosevelt e Stalin decidiram uma amputação da Polônia oriental em benefício da URSS e a sua entrega à órbita da influência soviética. A seguir, na Conferência de Potsdam (7-8/1945), que reuniu Truman, Churchill (depois Atlee) e Stalin, foi entregue à Polônia a administração dos territórios alemães ao leste da linha Oder-Neisse (Odra-Nysa). Isso conferiu o formato final ao território polonês, agora deslocado para o oeste com as terras recuperadas, mas grandemente amputado em na sua parte oriental. Ao mesmo tempo instalou-se no país um governo comunista, transformando a Polônia num satélite da URSS, com todas as limitações que essa nova configuração geopolítica implicava para a sua soberania. Não era essa, exatamente, a Polônia pela qual milhões de poloneses haviam lutado e/ou morrido em quase todas as frentes da Segunda Guerra Mundial.

O sistema implantado a partir de 1944 perdurou por 45 anos, até 1989. O marxismo foi introduzido em todos os domínios da vida. Na atuação política, dizia-se que a Polônia se encontrava na “via do socialismo”. O partido marxista-leninista dominante era o Partido Operário Polonês Unificado (em polonês *Polska Zjednoczona Partia Robotnicza – PZPR*). O partido, por meio das instituições estatais controlava todos os domínios da vida: política, economia e ideologia. O que não conseguiu fazer foi dominar a Igreja católica ou submetê-la à sua influência. Apesar da “especificidade” do caso polonês, que deixava aos cidadãos certa margem de liberdade, e apesar das eventuais concessões motivadas pela resistência a pelos levantes (como o de 1956 em Poznań ou o de 1970 em Gdańsk), a Polônia Popular continuava a ser um sistema totalitário.

A recuperação da soberania

A luta contra o sistema imposto intensificou-se na década de 1970, mas um acontecimento de indiscutível peso para acelerar esse movimento foi a escolha de Karol Wojtyła para papa em 16 de outubro de 1978. A

| Polônia

peregrinação do papa João Paulo II à Polônia em junho de 1979 provocou uma transformação radical, não só nos ânimos, mas também nas atitudes. Os poloneses se conscientizaram da sua força.

No verão de 1980, sob a liderança de Lech Wałęsa, foi criado no litoral o sindicato “Solidariedade”, que, congregando cerca de 10 milhões de trabalhadores poloneses, foi mais um movimento de mobilização nacional do que um sindicato. As reformas promovidas na URSS por Gorbachev ampliaram o campo de ação e a influência do Solidariedade também para outros países que se encontravam na órbita soviética. As eleições parlamentares de 1989 garantiram o fim do domínio comunista na Polônia. Até o fim de 1989, durante o histórico Outono dos Povos, os sistemas comunistas caíram em toda a Europa Centro-Oriental. Lech Wałęsa foi laureado com o Prêmio Nobel da Paz em 1983 e tornou-se presidente da República de 1990 a 1995.

Na Polônia atual, a Igreja católica continua tendo uma influência dominante, embora sejam também visíveis as marcas da secularização, um fenômeno que se observa em toda a Europa. O cristianismo romano foi, desde o início da história polonesa, a base da formação dos laços civilizatórios, da cultura e da identidade nacional polonesa, herdeira de uma gloriosa história alicerçada em bases cristãs. Hoje a Polônia, membro da União Europeia desde 2004, tem muitas razões para acreditar no seu futuro.

Polônia

Bibliografia

GIEYSZTOR, Aleksander; HERBST, Stanisław; LEŚNODORSKI, Bronisław. *Un milenio de historia de Polonia*. Varsovia, 1961.

HALECKI, Oscar. *A History of Poland*. New York, 1993.

KIENIEWICZ, Jan. Polônia – identidade de um país. In: MALCZEWSKI, Zdzisław (org.). *Polônia e polono-brasileiros*. Curitiba, 2007.

KURKIEWICZ, Władysław; TATOMIR, Adam; ŻURAWSKI, Wiesław. *Tysiąc lat dziejów Polski*. Warszawa, 1980.

POLAK, W. *Milênio da Polônia cristã*. Curitiba, 1966.

SIEWIERSKI, Henryk. *História da literatura polonesa*. Brasília, 2000.

STATKOWSKI, Józef. *O país da Águia Branca*. Curitiba, 1940.

URBANSKI, E. S. *Los eslavos ayer, hoy y mañana*. México, D.F., 1943.

https://es.wikipedia.org/wiki/Mitologia_eslava

RESUMO – STRESZCZENIE

Chrzest Mieszka I w 966 r., wprowadzając Polskę w krąg krajów chrześcijańskich Europy, przyczynił się nie tylko do zapewnienia jej państwowości i suwerenności, ale również do przeniesienia tej nowej tożsamości chrześcijańskiej na życie i na historię kraju. Tym samym – mimo zmiennych kolei losu i burzliwych wydarzeń w swojej przeszło tysiącletniej historii – Polska odegrała i do dziś odgrywa w Europie znamienne rolę właśnie w oparciu na tej chrześcijańskiej tradycji.

NOVA VIDA EM CRISTO

Carta Pastoral do Episcopado da Polônia para o Jubileu dos 1050 anos do Batismo da Polônia

Caras Irmãs e Irmãos!

Na solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo, que hoje comemoramos, chegam até nós as palavras do profeta Daniel a respeito do Filho do Homem: “Foi-lhe dada a soberania, a glória e a realeza. Todos os povos, nações e línguas não de servir-lhe. Seu poder é um poder eterno, que nunca lhe será tirado e sua realiza é tal, que jamais será destruída!” (Dn 7,14). Essa profecia cumpriu-se em relação à pessoa de Cristo, que é “a testemunha fiel, o primogênito dentre os mortos, o soberano dos reis da terra” (Ap 1,5).

1. Batismo da Polônia

Cristo – como Princípio e Fim de toda a história humana – fez com que há 1050 anos, em terras polonesas, fosse colocada a cruz, impressionante sinal da Sua vitória sobre o pecado e a morte.

Em 966 Mieszko I aceitou o batismo como homem livre. Embora o batismo tenha sido conferido a uma pessoa individual, ele deu início à comunidade com as outras pessoas batizadas. Pensando nas consequências do batismo de Mieszko, podemos falar da “nação dos batizados”, do “batismo da nação”, portanto também do Batismo da Polônia (cf. Primaz Estêvão Wyszyński, *Para a Páscoa do Ano do Milênio do Batismo da Polônia*, Gniezno, 1966).

Com isso o príncipe Mieszko introduziu os seus compatriotas no mundo da cultura latina e os fez cidadãos da comunidade dos povos cristãos. A sua pia batismal tornou-se o berço da nação que surgia, permanecendo como um sinal que edifica a sua identidade. O batismo introduziu a nossa nação num mundo novo, que se expressa numa nova cultura, em novas instituições, estruturas e normas legais. A experiência da fé transpôs-se com

Polônia

força para as posturas morais, visíveis também na vida econômica, política e cultural. As consequências sociais do batismo da Polônia surgiram mais tarde, desde a família até à nação, e até à comunidade de nações que hoje constitui para nós a Europa.

2. Jubileu dos 1050 anos do Batismo da Polônia

Na Vigília Pascal de 966, quando o soberano dos polanos apresentou-se diante da pia batismal, foi cantado este excepcional e antigo hino: “Alegrai-vos agora, coros de anjos no céu, alegrai-vos, servos de Deus. Ressoem os sinos que anunciam a salvação, quando um Rei tão grande alcança a vitória. Alegra-te, terra, iluminada por tão imenso esplendor [...], sente que estás livre das trevas que cobrem o mundo!” (“Exultet”).

E a partir de então – todos os anos na Vigília Pascal – a Igreja na Polónia canta esse hino antes da renovação das promessas eclesíásticas; um belíssimo hino, repleto de alegria pela obra da salvação, concentrado em Cristo, que nos liberta para o amor a Deus e aos homens.

No momento do santo batismo de cada uma e de cada um de nós, esse salvífico acontecimento torna-se um momento crucial da biografia espiritual de cada um de nós. O santo batismo é o fundamento de toda a vida cristã e a porta da vida na Santíssima Trindade. Não significa somente o mergulho na água benta, mas o verdadeiro mergulho na morte e na ressurreição do Senhor, na Sua vitória sobre o mal. Essa é uma verdadeira fonte de vida para nós.

Um olhar repleto de fé para esse acontecimento crucial na história da nossa nação faz com que a vivência do Jubileu dos 1050 anos do Batismo da Polónia não se restrinja à análise de assuntos de carácter social, cultural ou nacional. Essas são com certeza questões importantes, mas não foram essas as perguntas que ouviu quando se apresentou junto à pia batismal. Primeiramente lhe foi perguntado se renunciava ao demônio e à sua vanglória. A seguir, se acreditava em Deus Pai Todo-Poderoso, em Seu Filho Unigênito – Jesus Cristo, encarnado, crucificado e ressuscitado, no Espírito Santo, na santa, católica e apostólica Igreja, na comunidade dos santos e na ressurreição

| Polônia

do corpo. A toda essas perguntas, Mieszko respondeu: “Creio!”. Essa mesma profissão de fé é repetida por nós, 1050 anos depois.

3. Milênio do Batismo da Polônia

Comemorar o Jubileu do Batismo da Polônia é dar testemunho de Cristo com a própria vida. Foi esse tipo de difícil testemunho que nos tempos da Polônia Popular os católicos deram em 1966, durante as comemorações milenares. Foi útil para isso a Grande Novena de nove anos, ou seja, o programa pastoral elaborado pelo Servo de Deus Cardeal Estêvão Wyszyński. O seu lema principal ressoa até hoje em nossos ouvidos: “Fidelidade a Deus, à Cruz, ao Evangelho, à Igreja e aos seus Pastores”.

O gigantesco trabalho espiritual que acompanhou o Milênio do Batismo encerrou-se com as solenidades em Monte Claro no dia 3 de maio de 1966. Nesse dia a nossa nação foi confiada a Nossa Senhora pelos seguintes 1000 anos. Sem aquele Milênio, torna-se difícil imaginar o quarto de século seguinte da história da Polônia: o pontificado de S. João Paulo II, o grande movimento “Solidariedade” e a independência recuperada em 1989.

Cinquenta anos depois, os pastores da Igreja, juntamente com os fiéis reunidos, renovarão esse ato em Monte Claro no dia 3 de maio de 2016, confiando os poloneses na Pátria e fora das suas fronteiras à nossa Mãe e Rainha espiritual.

4. Desafio ecumênico

O batismo é um acontecimento que não pode ser encerrado apenas no contexto da Igreja católica. S. Paulo escreve que “[...] fomos batizados num só Espírito, para formarmos um só corpo” (1Cor 12, 13), formando a única, santa, universal e apostólica Igreja.

Por isso o batismo torna os cristãos, independentemente das divisões entre eles existentes, membros do único Corpo de Cristo. Cria uma unidade que não se reduz apenas à indiferente tolerância e ao conhecimento mútuo, mas cumpre-se na troca de dons espirituais.

Polônia

Agradecemos a Deus pela “Declaração sobre o mútuo reconhecimento do batismo como sacramento de unidade”, aceita no início de 2000 pela Igreja Católica e pelas Igrejas congregadas no Conselho Ecumênico Polônês. Trata-se de uma declaração sem precedentes na dimensão da Europa e do mundo e estimula a dar os passos seguintes que visam à união dos cristãos. A unidade da Igreja é a vontade de Cristo. A multiplicação das divisões, ou mesmo a indiferença diante delas, é um grave pecado e um antitestemunho que multiplica o escândalo. A Polônia aceitou o batismo numa época em que a Igreja, em grande medida, ainda não estava dividida na Igreja ortodoxa (1054) e nas Igrejas protestantes (1517). Será que Jesus Cristo não nos convoca a querermos não apenas vivenciar, mas – na medida em que isso seja possível – igualmente preparar a celebração comum dos 1050 anos daquele acontecimento? Será que podemos cantar a Deus o festivo *Te Deum* pelo acontecimento do batismo numa postura que não seja a de uma profunda reconciliação?

5. Jubileu Extraordinário da Misericórdia

As solenidades por nós vivenciadas dos 1050 anos do Batismo da Polônia associam-se no ano litúrgico que se inicia com mais uma circunstância, que é o Jubileu Extraordinário da Misericórdia, compreendido como a manifestação da fé ativa, confirmada no santo batismo. “Neste Ano Santo – escreve o Papa Francisco – poderemos experimentar a abertura dos corações a todos aqueles que vivem nas mais desesperantes periferias existenciais, que com tanta frequência o mundo cria de forma dramática. [...] Abramos os nossos olhos para perceber a miséria do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados de dignidade. Ouvindo o seu apelo, sintamo-nos estimulados à ajuda. Que as nossas mãos apertem as mãos deles; vamos acolhê-los, para que sintam o calor da nossa presença, amizade e fraternidade. Que o clamor deles se torne nosso, de maneira que juntos possamos romper a barreira da indiferença, que muitas vezes reina de modo soberano, para ocultar a hipocrisia e o egoísmo” (Bula *Misericordiae vultus*, 11/04/2015).

O Santo Padre recomendou que o Jubileu Extraordinário da Misericórdia se inicie no dia 8 de dezembro deste ano, na solenidade da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria, e que se encerre no dia 20

| Polônia

de novembro de 2016, na solenidade de Cristo o Rei do Universo.

Nesse tempo, uniremos as intenções do Santo Padre com o ato nacional polonês da aceitação do reinado de Cristo e da submissão ao Seu Divino poder. Faremos isso em Łagiewniki, Cracóvia, no dia 19 de novembro de 2016, na véspera da solenidade de Jesus Cristo Rei do Universo.

Conclusão

Espera-nos, portanto, um ano litúrgico repleto de desafios espirituais. Seja ele para cada uma e cada um de nós um ano verdadeiramente abençoado. Seja um tempo de gratidão diante de Deus pela maravilhosa, mais que milenar tradição cristã da nossa nação; um tempo de renovação da aliança com o Deus misericordioso e de submissão ao domínio universal de Cristo Rei do Universo. Torne-se ocasião para o aprofundamento dos vínculos filiais com a Mãe de Deus, Mãe da Igreja e Mãe nossa. Seja um tempo de jubilosa esperança para os jovens, que durante a Jornada Mundial da Juventude, em Cracóvia, terão um encontro com o Santo Padre Francisco.

Para o abençoado tempo da renovação da nossa identidade batismal no Ano Jubilar, a todos os batizados e aos que se preparam para o batismo, enviamos a nossa bênção cordial.

Assinados: Pastores da Igreja católica na Polônia presentes na 370^a Reunião Plenária da Conferência do Episcopado da Polónia em Varsóvia no dia 6 de outubro de 2015.

RESUMO – STRESZCZENIE

Z okazji Jubileuszu 1050 lat Chrztu Polski biskupi skierowali do wiernych okolicznościowy list pasterski. W przesłaniu pasterze Kościoła w Polsce przypominają historyczny fakt chrztu księcia Mieszka I, jak też ochodzony Jubileusz Milleniu. W kontekście obchodzonego w 2016 r. Jubileuszu Roku Miłosierdzia zachęcają wiernych do wierności zobowiązaniom wynikającym z przyjętego Chrztu św.

HOMILIA DO PRIMAZ DA POLÔNIA DOM ADALBERTO POLAK

*pronunciada durante a santa Missa celebrada sob a presidência
do legado pontifício Cardeal Pietro Parolin
no 1050º aniversário do batismo da Polônia,
no dia 14 de abril de 2016, na catedral de Gniezno*

“Então se comentava entre os povos: ‘O Senhor fez por eles maravilhas’. Maravilhas o Senhor fez por nós, encheu-nos de alegria” (Sl 126).

Amados no Senhor Irmãos e Irmãs!

Difícil se torna descobrir nos anais da história os sentimentos dos nossos antepassados que vivenciavam o acontecimento que nós hoje tão solenemente relembramos. Será que nos corações de Mieszko I, que recebia o batismo, e dos seus amigos havia então a alegria mencionada no salmo hoje por nós cantado? Será que eles se davam conta de que realmente dessa forma o Senhor havia feito por eles maravilhas? E o que será que se comentava então a esse respeito entre os pagãos? Pois também eles, aqueles da Pomerânia e aqueles das margens do Laba ou do baixo Odra, os veletas e os obodritas sem dúvida disso tomaram conhecimento. E eles mesmos, os polanos, o que diziam quando o seu soberano inclinou a cabeça sob as águas do batismo? Que esperanças eles então relacionavam com esse acontecimento, que se mostrou tão crucial na história deles? Será que viam naquele gesto a coragem do seu chefe Mieszko, lembrada durante o *Sacrum Poloniae Millennium* pelo Primaz do Milênio, a sua capacidade de previsão e a consciência das mudanças que estavam ocorrendo no mundo? Será que adivinhavam que o espaço da cristandade que diante deles se abria seria uma grande oportunidade e ao mesmo tempo tarefa? As crônicas do século XII preservaram para os pósteros apenas duas pequenas frases: No ano de 965 – “Dobrouka ad Meskonem venit”, e no ano 966 – “Mesko dux Poloniae baptizatur”. Essas simples palavras encerram em si, no entanto, o valor da semente de trigo mencionada por São João, a qual, lançada na terra, produz uma colheita abundante. A

| Polônia

parábola evangélica do semeador de nós conhecida lembra, contudo, que o desenvolvimento da semente depende das condições que encontra e em que deve amadurecer. Depende, então, do solo, da água e do ar. Mas – como nos lembra claramente o trecho do Evangelho de hoje –, tendo caído na terra, depende igualmente de ter morrido ou não. Será, então, que a semente lançada se submeterá às leis naturais do crescimento? Ou talvez a sua história termine com os primeiros raios do sol nascente, o qual a queimará de tal forma que ficará apenas ela, sozinha, incapaz de produzir fruto?

A nossa presença aqui hoje, 1050 anos após o batismo da Polônia, após esse crucial evento para a Igreja na Polônia e para a nossa Pátria, parece confirmar continuamente – como dizia no ano milenar o Primaz do Milênio – que sobre o solo polonês e sobre a alma polonesa, sobre a cultura nacional que se moldava de forma cada vez mais maravilhosa, caíram as sementes divinas que nas gerações batizadas pela igreja na terra pátria produziram maravilhosos frutos. Porquanto a força com que a árvore frutifica encerra-se nas suas raízes. Separada delas, deixa de produzir frutos e ela mesma rapidamente fenece. A árvore da fé, que graças à obra da cristianização e da evangelização da Polônia, iniciada há 1050 anos, lançou cada vez mais profundamente nessa terra as suas raízes, mesmo quando acontecia – como costuma ocorrer na vida – a precipitação de abundantes chuvas, com rios a transbordar e tempestades desencadeadas que contra ela acometiam. Ela perdurou, mais ainda, morrendo sempre para a fraqueza e o pecado, passando muitas vezes pela purificação e conversão histórica e somente dessa forma – como proclama hoje o Evangelho – é e permanece para nós todos como uma fonte de vida eterna.

Caríssimos em Cristo Senhor!

A história dos primórdios, à qual neste dia solene voltamos, não é, no entanto, o resultado de uma feliz coincidência ou de alguma circunstância a nós favorável que tenha surgido de repente justamente nessa hora da história humana. “Mesko dux Poloniae baptizatur”. Eis o acontecimento, eis o fato histórico com que tudo começou. No relógio da história pátria ocorreu uma

Polônia

mudança fundamental. Vendo com o olhar da fé, e é esse tipo de olhar que nos ensina a palavra de Deus que acabamos de ouvir, nós todos que recebemos o batismo que mergulha em Cristo Jesus fomos mergulhados na Sua morte. Portanto, pelo batismo que nos mergulha na morte fomos juntamente com Ele sepultados para que também nós ingressássemos numa nova vida, da mesma forma que Cristo ressurgiu dos mortos graças à glória do Pai. Eis a mais importante transformação que há 1050 anos realizou-se na vida do príncipe Mieszko e nas pessoas batizadas nestas terras dos Piasts. Trata-se de uma realidade em que cada uma e cada um de nós, batizados, reencontra a sua própria história. Com efeito, o autor desse acontecimento é Deus, e não qualquer deus, mas Aquele que em Jesus Cristo – como lemos há pouco no livro dos Atos dos Apóstolos – após a Sua paixão deu aos Apóstolos muitas provas de estar vivo: apresentou-se a eles por quarenta dias e falou do Reino de Deus. Ordenou-lhes também que aguardassem a promessa do Pai. Falou do batismo no Espírito Santo e, como lemos a seguir nos Atos dos Apóstolos, após essas palavras, na presença deles elevou-se para o alto e uma nuvem O escondeu do olhar deles. Os discípulos, no entanto, não somente ouviram de Jesus a promessa que em breve devia cumprir-se para eles mesmos, mas – como são unânimes em relatar todos os Evangelistas – aceitaram plenamente esta missão especial: “Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações, e batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. O batismo é, afinal, uma nova vida em Cristo. O batismo é a esperança de que nós, mortais, já ingressamos na vida que vai durar eternamente. O batismo é uma graça, é um dom e – como escrevia do Concílio Vaticano II o arcebispo Karol Wojtyła – um pertencimento especial a Deus, porque é justamente esse sacramento que dá ao homem a graça, ou a força interior de pertencer a Deus. Se, portanto, hoje recordamos com gratidão o príncipe polonês e os seus súditos, é também para, numa ação de graças comum, envolvermos toda a nossa história, para abraçarmos todas as pessoas que aqui, na terra polonesa, tendo recebido a graça do santo batismo, pela sua vida e pelo seu procedimento confirmaram a ação da força de pertencerem interiormente a Deus. Trata-se de uma força que vence o mal e o pecado, porque afinal também vós deveis compreender

| Polônia

– lembra-nos hoje o Apóstolo Paulo – que morrestes para o pecado e viveis por Deus em Cristo Jesus. O cristianismo encerra em si uma força verdadeiramente libertadora. No santo batismo – para nos utilizarmos das palavras dos Padres da Igreja – o nosso pecado é sepultado na água. Em razão da graça do batismo somos capazes de doar a nós mesmos e de servir, ou seja, de perder a nossa vida pelos outros, para – como nos lembra o Evangelho de hoje – continuamente a recuperar. Inseridos em Cristo e na Igreja, tornamo-nos participantes da Sua mensagem. Trata-se, por fim, daquela força que não nos permite ficarmos parados, mas – como diz o próprio Jesus – pelo poder do Espírito Santo recebido nos torna Suas testemunhas, em Jerusalém, e em toda a Judeia, e na Samaria, e até os confins do mundo. Porquanto em todos os batizados – como muitas vezes nos lembra o Papa Francisco –, do primeiro até o último, atua o poder santificante do Espírito, que estimula à evangelização, a anunciar Cristo aos outros pela palavra e pela vida, a ser discípulo-missionário.

Amados no Senhor Irmãos e Irmãs!

Reunidos junto às fontes batismais da Polônia no 1050º aniversário do Batismo de Mieszko, agradecemos hoje a Deus pela graça do sacramento do batismo. Somos gratos por todas as forças do espírito com que no decorrer dos séculos, a partir do ano 966, a nossa nação tem sido fortalecida. É preciso que hoje corajosamente voltemos às fontes espirituais dessa força interior, porquanto muito dela necessitamos, todos sem exceção. Necessitamos dessa força do Espírito que nos libertará da escravidão do mal e do pecado. Precisamos superar – como escrevia aos romanos o Apóstolo Paulo – os efeitos do homem antigo, que experimentamos em nós mesmos. Presidindo há cinquenta anos as solenidades milenares, o Primaz do Milênio fez uma pergunta importante e sempre tão atual: Será que, como pessoas batizadas, já concretizamos plenamente o espírito cristão em nós mesmos e em nossa nação? E ele mesmo, naquela ocasião, logo respondeu a ela: Com certeza ainda não! Com esperança apontava que o Cristo que vive na Igreja inseriu-se, na realidade, pelos poloneses batizados na vida da nação, mas acrescentava

Polônia

que a tarefa evangélica continua a apresentar-se sempre diante de nós. Com efeito, trata-se sempre – esclarecia então em seu sermão o Cardeal Wyszyński – de aproximar de Deus o máximo possível da vida diária, para que as grandes verdades que professamos e em que firmemente acreditamos se insiram na nossa vida diária, moldando-a e transformando-a.

Caras Irmãs e Irmãos!

As palavras citadas do Primaz do Milênio devem ser aplicadas também a nós, que hoje solenemente comemoramos os 1050 anos do Batismo da Polônia. Reflitamos, portanto, se as verdades que professamos e pelas quais anseiam os nossos corações se encontram realmente presentes na nossa vida pessoal, familiar, comunitária e social. Será que não precisamos recorrer com mais coragem à graça do santo batismo, haurir aquela força do nosso pertencimento interior a Deus, para superar as antigas divergências e as novas divisões, para superar a hostilidade e a discórdia, para buscar a reconciliação e o perdão, pelos quais todos tanto ansiamos? Talvez na nossa vida social já se tenha esgotado aquele potencial exclusivamente humano que nos possa conduzir à ansiada unidade? Os 1050 anos do Batismo da Polônia, vivenciados sob o lema “Onde há o batismo, há esperança”, estimulam-nos a não contarmos apenas com as nossas próprias possibilidades. Voltamos à fonte e, mais ainda, com confiança procuramos justamente ali, nesse especial dom da graça divina, a força capaz de superar as barreiras existentes, de nos despertar da inveja e da indiferença. Com o coração contrito, e por isso humilde e confiante, devemos pedir com perseverança: Mudai novamente o nosso destino, Senhor, como mudais as torrentes meridionais. E precisamos acreditar que no Pai, no Filho e no Espírito Santo somos capazes desse esforço, que quanto mais o Senhor Misericordioso exigir de nós o sacrifício pessoal e as renúncias, mencionados no salmo das lágrimas e do lamento, tanto mais maravilhosos serão os frutos. Que o primeiro passo seja agora a renovação das promessas do batismo, para que também nós, tendo renunciado ao demônio e professando a fé em Deus, sejamos capazes de abrir inteiramente os nossos corações à inesgotável fonte da graça, de que Jesus Ressuscitado

| Polônia

quer cumular a cada uma e a cada um de nós. Verdadeiramente, o Senhor quer fazer por nós maravilhas! Por isso, com o Primaz do Milênio repetirei as suas palavras proféticas, aqui pronunciadas há cinquenta anos: Caríssimos! Permanecei tranquilos e confiantes! Lançai fora de vossos corações todas as tristezas, ressentimentos e aversões, deixai tudo isso aqui, neste santuário, e saí somente com a luz e a fonte da água santa, saí com a esperança, a fé e o amor. Esses são os tesouros que daqui levareis para a cidade e a arquidiocese, para toda a Polônia, porque foi justamente daqui que se espalhou pela Polônia inteira a luz, o amor, a paz e a unidade. Amém.

RESUMO-STRESZCZENIE

Podczas uroczystej Mszy św. z okazji obchodzonych uroczystości Jubileuszu 1050 lat Chrztu Polski arcybiskup Wojciech Polak, Prymas Polski wygłosił 14 kwietnia 2016 r. okolicznościową homilię w katedrze gnieźnieńskiej.

POLONIA SEMPER FIDELIS

*Tomasz LYCHOWSKI **

In necessariis unitas
(Unidos na tribulação)
S. Agostinho

O que o batismo da Polônia no ano de 966 e uma reunião de prisioneiros em Auschwitz tem a ver com a data de 3 de maio, que hoje estamos comemorando?

Os dados históricos dessa data são sobejamente conhecidos. A Constituição de 3 de Maio, como sabemos, foi a segunda Constituição democrática do mundo, depois da Constituição da América do Norte. O que hoje nós nos propomos, portanto, é mais uma reflexão sobre a sua gênese psicossocial do que o seu momento cronológico, o seu ingrediente meramente temporal.

O Rei Mieszko I, ao introduzir a fé cristã católica na Polônia, não somente fortaleceu a Polônia como um reino independente. Ele lhe deu uma identidade nacional já naquela época e ampliou os seus domínios. Indiretamente, foi também o coautor de grandes transformações políticas no século XX. Se, por exemplo, a Polônia tivesse ficado restrita ao âmbito da fé cristã ortodoxa e não católica, não teria acontecido o fenômeno transformador de um João Paulo II. Este santo foi não apenas um grande místico, um Papa Poeta, mas é geralmente mais conhecido ainda na esfera política como um grande líder mundial, inspirador de uma revolução pacífica. Haja vista a façanha do “Solidarność”, um sindicato de trabalhadores que derrubou, sem derramar uma gota de sangue, o poderoso regime comunista, que se dizia representar justamente os operários, mas que, na realidade, os oprimia.

* BRASPOL - Rio de Janeiro.

| Artigos

Antes disso, e ainda na esfera geopolítica, não teria acontecido a batalha vitoriosa do Rei Jan Sobieski III, que impediu a invasão da Europa pelo exército do Império Otomano. Essa invasão, se bem-sucedida, teria consequências inimagináveis na composição territorial e política do mundo daquela época, com profundas repercussões nos dias de hoje. E, ainda, temos a famosa Batalha do Vístula, que frustrou o domínio do resto Europa pelos soviéticos. Não é à toa, portanto, que se cunhou a expressão “*Christianorum antemuralis*” para designar o papel que a Polônia, através de séculos, desempenhou em defesa do mundo ocidental.

Qual jovem polonês, além disso, não se entusiasmou, lendo a trilogia de Sienkiewicz, com a resistência de Czestochowa à invasão sueca no século XVII e a vitória em parte militar e em parte espiritual de menos de duzentos defensores liderados por um frade contra mais de três mil soldados do exército sueco, que sitiavam o mosteiro de Jasna Góra? Essa vitória teve grande impacto no moral do povo polonês e o mobilizou a reagir contra o invasor.

Voltamos à pergunta feita no início desta reflexão, mas me parece que em parte ela já está respondida. A inserção da Polônia na fé cristã católica e não ortodoxa teve um papel decisivo no desenrolar de sua história. Mais ao leste predomina a Igreja Ortodoxa, mas sabemos, sobretudo pela história mais recente, que essa Igreja tem uma relação mais acomodada com o poder constituído. João Paulo II, que tanto sonhava poder participar de um encontro entre as duas Igrejas, viu o seu sonho frustrado pela intransigência dos dirigentes do Kremlin.

Vamos continuar com as nossas indagações, dessa vez comentando a reunião que teve lugar em Auschwitz, segundo o relato do Major Witold Pilecki, que a convocou. Witold Pilecki foi o único prisioneiro voluntário do Campo de Concentração de Auschwitz. Como membro da Resistência polonesa, ele se fez prisioneiro para tentar organizar em Auschwitz uma revolta e a libertação dos presos. Uma das suas façanhas foi ter conseguido promover uma reunião entre representantes de partidos políticos de várias tendências ideológicas

Artigos

bastante antagônicas, algo impensável em tempos de paz. Podemos imaginar esses seres desnutridos, adoentados, vestindo uniformes listrados, mas, de comum acordo, apoiando soluções de esperança para o futuro da Polônia. O historiador Norman Davies considera Witold Pilecki um dos grandes heróis da II Guerra Mundial.

Não menos impressionante é o relato que Jan Karski faz em seu livro o “Estado Secreto”, ou seja, na Polônia dominada pelos nazistas existia a estrutura de um Estado soberano: Parlamento, Poder Judicial, Exército, Educação etc. Jan Karski, católico, representando este governo local, visita o gueto de Varsóvia, assiste aos horrores perpetrados pelos nazistas e é enviado para a Inglaterra e para os Estados Unidos com um relato detalhado do que viu. Eis as suas palavras finais depois do seu encontro com os líderes do chamado mundo livre: “Permitiram o extermínio dos judeus. Ninguém tentou detê-lo. Ninguém quis tentar. Quando transmiti a mensagem do Gueto de Varsóvia em Londres, depois em Washington, não acreditaram em mim. Ninguém acreditou em mim porque ninguém queria acreditar”. O Estado de Israel apresentou a candidatura de Jan Karski para o Prêmio Nobel da Paz.

Sim, o que tudo isso tem a ver com a Constituição de 3 de Maio? Parece-me que desde Mieszko I a crença na necessidade de um Estado soberano independente, a união em torno de um ideal, a luta pela justiça social, a solidariedade em tempos difíceis e o esforço de sempre almejar o que é do alto, perpassam a história de Polônia e nutrem a sua existência. Um idealismo que tem certa dose de romantismo. De amor à pátria. Algo que tem a ver com o ser polonês. Um constante ressurgir das cinzas. Um reconstruir. Uma luta que não cessa. Foi, certamente, esse mesmo espírito que animou os autores da Constituição de 3 de maio e a eles somos gratos por sua fidelidade aos ideais que a inspiraram. Fidelidade! Como é absolutamente vital e essencial a fidelidade!

Entre acertos e desacertos, prevalecem os acertos. Houve, como em qualquer nação, os que não souberam corresponder. Todavia o brilho de grandes almas

| Artigos

iluminou o céu da Polônia. Assim, os infiéis acabaram destacando ainda mais o valor dos verdadeiros patriotas.

O símbolo maior de tudo isso é, para mim, a cidade de Varsóvia. Totalmente arrasada, quando já não restou pedra sobre pedra, ela foi reconstruída, tijolo a tijolo. Uma nova Varsóvia poderia ter sido construída em outra parte. Seria mais fácil, mais prático, mais em conta. Mas não, os prédios são reconstruídos tendo por base fotografias, postais, quadros. “A Cidade Velha – Stare Miasto” não é mais velha, é toda nova, mas igual ao que era, e o seu espírito lá está, permanece intacto. Impressionante! Há, por acaso, coisa igual no mundo? Há quem tenha reconstruído a capital de seu país da estaca zero?

Este é, para mim, o espírito da Constituição de 3 de maio. Não uma letra morta, mas a vida de um povo que se renova. Desde o tempo longínquo do seu batismo em 966. Através dos séculos. Sempre.

3 de maio de 2016

RESUMO-STRESZCZENIE

Autor w charakterystyczny dla siebie poetycki sposób postrzegania faktów i wydarzeń ukazuje, od chrztu księcia Mieszka I poprzez Konstytucję 3 Maja, wierność Narodu Polskiego swoim wartościom duchowym zakotwiczonym w zobowiązaniach chrześcijańskich. Warto za autorem spoglądać na naszą historię Polski i pytać: skąd czerpaliśmy moc w przezwyciężaniu trudności i wyzwań, jakie stawiała nam historia?

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DO MIGRANTE E REFUGIADO 2016

Queridos irmãos e irmãs!

Na bula de proclamação do Jubileu Extraordinário da Misericórdia recordei que «há momentos em que somos chamados, de maneira ainda mais intensa, a fixar o olhar na misericórdia, para nos tornarmos nós mesmos sinal eficaz do agir do Pai» (Misericordiae Vultus, 3). De facto, o amor de Deus quer chegar a todos e cada um, transformando aqueles que acolhem o abraço do Pai noutros tantos braços que se abrem e abraçam para que todo o ser humano saiba que é amado como filho e se sinta «em casa» na única família humana. Deste modo, a ternura paterna de Deus, que se estende solícita sobre todos, mostra-se particularmente sensível às necessidades da ovelha ferida, cansada ou enferma, como faz o pastor com o rebanho. Foi assim que Jesus Cristo nos falou do Pai, dizendo que Ele Se inclina sobre o homem chagado de miséria física ou moral e, quanto mais se agravam as suas condições, tanto mais se revela a eficácia da misericórdia divina.

Neste nosso tempo, os fluxos migratórios aparecem em contínuo aumento por toda a extensão do planeta: prófugos e pessoas em fuga da sua pátria interpelam os indivíduos e as coletividades, desafiando o modo tradicional de viver e, por vezes, transtornando o horizonte cultural e social com os quais se confrontam. Com frequência sempre maior, as vítimas da violência e da pobreza, abandonando as suas terras de origem, sofrem o ultraje dos traficantes de pessoas humanas na viagem rumo ao sonho dum futuro melhor. Se, entretanto, sobrevivem aos abusos e às adversidades, devem enfrentar realidades onde se aninham suspeitas e medos. Enfim, não raramente, embatem na falta de normativas claras e praticáveis que regulem a recepção e prevejam itinerários de integração a breve e a longo prazo, atendendo aos direitos e deveres de todos. Hoje, mais do que no passado, o Evangelho da misericórdia sacode as consciências, impede que nos habituemos

| Artigos

ao sofrimento do outro e indica caminhos de resposta que se radicam nas virtudes teológicas da fé, da esperança e da caridade, concretizando-se nas obras de misericórdia espiritual e corporal.

Na base desta constatação, quis que o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado de 2016 fosse dedicado ao tema: «Os emigrantes e refugiados interpelam-nos. A resposta do Evangelho da misericórdia». Os fluxos migratórios constituem já uma realidade estrutural, e a primeira questão que se impõe refere-se à superação da fase de emergência para dar espaço a programas que tenham em conta as causas das migrações, das mudanças que se produzem e das consequências que imprimem novos rostos às sociedades e aos povos. Todos os dias, porém, as histórias dramáticas de milhões de homens e mulheres interpelam a comunidade internacional, testemunha de inaceitáveis crises humanitárias que surgem em muitas regiões do mundo. A indiferença e o silêncio abrem a estrada à cumplicidade, quando assistimos como espectadores às mortes por sufocamento, privações, violências e naufrágios. De grandes ou pequenas dimensões, sempre tragédias são; mesmo quando se perde uma única vida humana.

Os emigrantes são nossos irmãos e irmãs que procuram uma vida melhor longe da pobreza, da fome, da exploração e da injusta distribuição dos recursos do planeta, que deveriam ser divididos equitativamente entre todos. Porventura não é desejo de cada um melhorar as próprias condições de vida e obter um honesto e legítimo bem-estar que possa partilhar com os seus entes queridos?

Neste momento da história da humanidade, fortemente marcado pelas migrações, a questão da identidade não é uma questão de importância secundária. De facto, quem emigra é forçado a modificar certos aspectos que definem a sua pessoa e, mesmo sem querer, obriga a mudar também quem o acolhe. Como viver estas mudanças de modo que não se tornem obstáculo ao verdadeiro desenvolvimento, mas sejam ocasião para um autêntico crescimento humano, social e espiritual, respeitando e promovendo aqueles

Artigos

valores que tornam o homem cada vez mais homem no justo relacionamento com Deus, com os outros e com a criação?

De facto, a presença dos emigrantes e dos refugiados interpela seriamente as diferentes sociedades que os acolhem. Estas devem enfrentar factos novos que podem aparecer imprudentes se não forem adequadamente motivados, geridos e regulados. Como fazer para que a integração se torne um enriquecimento mútuo, abra percursos positivos para as comunidades e previna o risco da discriminação, do racismo, do nacionalismo extremo ou da xenofobia?

A revelação bíblica encoraja a recepção do estrangeiro, motivando-a com a certeza de que, assim fazendo, abrem-se as portas a Deus e, no rosto do outro, manifestam-se os traços de Jesus Cristo. Muitas instituições, associações, movimentos, grupos comprometidos, organismos diocesanos, nacionais e internacionais experimentam o encanto e a alegria da festa do encontro, do intercâmbio e da solidariedade. Eles reconheceram a voz de Jesus Cristo: «Olha que Eu estou à porta e bato» (Ap 3, 20). E todavia não cessam de multiplicar-se também os debates sobre as condições e os limites que se devem pôr à recepção, não só nas políticas dos Estados, mas também nalgumas comunidades paroquiais que vêem ameaçada a tranquilidade tradicional.

Diante de tais questões, como pode a Igreja agir senão inspirando-se no exemplo e nas palavras de Jesus Cristo? A resposta do Evangelho é a misericórdia.

Em primeiro lugar, esta é dom de Deus Pai revelado no Filho: de facto, a misericórdia recebida de Deus suscita sentimentos de jubilosa gratidão pela esperança que nos abriu o mistério da redenção no sangue de Cristo. Depois, a misericórdia alimenta e robustece a solidariedade para com o próximo, enquanto exigência de resposta ao amor gratuito de Deus, que «foi derramado nos nossos corações pelo Espírito Santo» (Rm 5, 5). Aliás, cada um de nós é

| Artigos

responsável pelo seu vizinho: somos guardiões dos nossos irmãos e irmãs, onde quer que vivam. O cultivo de bons contatos pessoais e a capacidade de superar preconceitos e medos são ingredientes essenciais para se promover a cultura do encontro, onde cada um esteja disposto não só a dar, mas também a receber dos outros. De facto, a hospitalidade vive do dar e receber.

Nesta perspectiva, é importante olhar para os emigrantes não somente com base na sua condição de regularidade ou irregularidade, mas sobretudo como pessoas que, tuteladas na sua dignidade, podem contribuir para o bem-estar e o progresso de todos, de modo particular quando assumem responsabilmente deveres com quem os acolhe, respeitando gratamente o património material e espiritual do país que os hospeda, obedecendo às suas leis e contribuindo para os seus encargos. Em todo o caso, não se podem reduzir as migrações à dimensão política e normativa, às implicações económicas e à mera coexistência de culturas diferentes no mesmo território. Estes aspectos são complementares da defesa e promoção da pessoa humana, da cultura do encontro dos povos e da unidade, onde o Evangelho da misericórdia inspira e estimula itinerários que renovam e transformam a humanidade inteira.

A Igreja coloca-se ao lado de todos aqueles que se esforçam por defender o direito de cada pessoa a viver com dignidade, exercendo antes de mais nada o direito a não emigrar a fim de contribuir para o desenvolvimento do país de origem. Esse processo deveria incluir, no seu primeiro nível, a necessidade de ajudar os países donde partem os emigrantes e prófugos. Assim se confirma que a solidariedade, a cooperação, a interdependência internacional e a distribuição equitativa dos bens da terra são elementos fundamentais para atuar, em profundidade e com eficácia, sobretudo nas áreas de partida dos fluxos migratórios, para que cessem aquelas carências que induzem as pessoas, de forma individual ou coletiva, a abandonar o seu próprio ambiente natural e cultural. Em todo o caso, é necessário esconjurar, se possível já na origem, as fugas dos prófugos e os êxodos impostos pela pobreza, a violência e as perseguições.

Artigos

Sobre isto, é indispensável que a opinião pública seja informada de modo correto, até para prevenir medos injustificados e especulações sobre a pele dos emigrantes.

Ninguém pode fingir que não se sente interpelado pelas novas formas de escravidão geridas por organizações criminosas que vendem e compram homens, mulheres e crianças como trabalhadores forçados na construção civil, na agricultura, na pesca ou noutros âmbitos de mercado. Quantos menores são, ainda hoje, obrigados a alistar-se nas milícias que os transformam em meninos-soldados! Quantas pessoas são vítimas do tráfico de órgãos, da mendicidade forçada e da exploração sexual! Destes crimes aberrantes fogem os prófugos do nosso tempo, que interpelam a Igreja e a comunidade humana, para que também eles possam ver, na mão estendida de quem os acolhe, o rosto do Senhor, «o Pai das misericórdias e o Deus de toda a consolação» (2 Cor 1, 3).

Queridos irmãos e irmãs emigrantes e refugiados! Na raiz do Evangelho da misericórdia, o encontro e a recepção do outro entrelaçam-se com o encontro e a recepção de Deus: acolher o outro é acolher a Deus em pessoa! Não deixeis que vos roubem a esperança e a alegria de viver que brotam da experiência da misericórdia de Deus, que se manifesta nas pessoas que encontrais ao longo dos vossos caminhos! Confio-vos à Virgem Maria, Mãe dos emigrantes e dos refugiados, e a São José, que viveram a amargura da emigração no Egito. À intercessão deles, confio também aqueles que dedicam energias, tempo e recursos ao cuidado, tanto pastoral como social, das migrações. De coração a todos concedo a Bênção Apostólica.

Vaticano,
12 de Setembro –
Memória do Santíssimo Nome de Maria – do ano 2015

O ETOS DA EMIGRAÇÃO POLONESA NA DOCTRINA DE JOÃO PAULO II

Dom Estêvão WESOLY *

Introdução

Queremos refletir sobre a imigração ou, propriamente, a respeito do que se define como o “etos” da emigração.

Há mais de cem anos os poloneses têm emigrado do seu país. A emigração da Polônia tinha uma dupla motivação: era, como se costuma dizer, uma emigração em busca de pão e uma emigração em busca da liberdade. Talvez a emigração em busca da liberdade tenha sido a primeira e recebeu a denominação de “Grande Emigração”, embora não se tratasse de uma emigração numericamente grande. Mais numerosa foi a emigração em busca de pão no final do século XIX e início do século XX, que foi a emigração à América do Norte e à América do Sul, principalmente ao Brasil e à Argentina – à província de Misiones. Foi também numerosa a emigração na Europa, principalmente da Grande Polônia à Vestfália, que mais tarde, após a I Guerra Mundial, tornou-se a base da emigração à França.

Propriamente aqueles emigrantes não se definiam como emigrantes. A chamada grande emigração definia a si mesma como um grupo de peregrinos em busca de um país livre. Mickiewicz escreve para esses emigrados os seus *Livros da Peregrinação*. Os emigrados à América do Norte eram emigrantes. Os que se dirigiam à América do Sul definiam-se como colonizadores.

No período de entreguerras os emigrados poloneses eram definidos como “os saídos” (*wychodźstwo*). Era esse o termo utilizado pelo cardeal Hlond quando ele dizia que “entre os emigrados, almas se estavam perdendo”. Não se falava então do “etos” da emigração.

* O Arcebispo Dom Estêvão Wesoly reside em Roma como Arcebispo emérito da Arquidiocese de Gniezno e Delegado do Primaz da Polônia para a pastoral polônica.

Artigos

Não seria afastar-se demasiadamente do tema perguntar por que isso ocorria. A palavra “etos” foi relacionada com a emigração após a II Guerra Mundial. Essa era uma emigração definida como “emigração do protesto”, “emigração ideológica”, “emigração pela independência”. Essa emigração tinha um perfil muito definido. Não reconhecemos soluções, sobretudo político-sociais, impostas pela força, ou seja, marxista-comunistas, nem reconhecemos mudanças territoriais impostas pela força. No primeiro período dessa emigração predominou o cultivo dos vínculos com Lvov e Vilna e com as suas tradições, resumidamente – como uma forma de protesto contra as decisões das potências. Essa emigração era fortalecida por aqueles que escolhiam a liberdade, ou seja, pelos refugiados políticos, principalmente depois de outubro de 1956. Não se tratava de um grande fluxo emigratório. Mais numerosa foi a chamada emigração do “Solidariedade”, em meados dos anos oitenta. A emigração do etos da independência necessariamente ia diminuindo, em razão da idade dos emigrantes e da integração à sociedade local de certa percentagem da jovem geração, principalmente em razão de matrimônios nacionalmente mistos.

Nos últimos anos ocorreu – me desculpem o termo – um “boom” da emigração da Polônia, que ainda há alguns anos ninguém previa. Isso possibilitou a aceitação da Polônia na União Europeia.

Essa emigração tem motivações econômicas. Caracteriza-se também pela circunstância de que, pelo menos nos propósitos iniciais, possui um caráter temporário. Dizem os emigrados: “Quero trabalhar um pouco e voltar”. Mas depois as coisas podem mudar. A emigração temporária se transforma em permanente, principalmente quando são contraídos matrimônios e surgem famílias que têm filhos em idade escolar.

Há alguns anos (01/09/2006), no semanário *Solidarność* (Solidariedade) foi publicado um artigo sobre a emigração à Grã-Bretanha, em que o autor diz:

Os poloneses fogem, sobretudo, da falta de perspectivas, de estabilidade e das horríveis condições de trabalho em seu país. Cada vez menos do desemprego, visto que algum tipo de trabalho eles tinham. Fogem dos baixos salários, porque o empregador trata

| Artigos

o operário como um trapo, porque no portão outros dez estão à espera da sua vaga. Dos acordos que se estendem desde os tempos da Polônia Popular. Poderíamos perguntar em voz alta quem levou a uma situação em que o Estado é inimigo dos empregadores, os empregadores são inimigos dos operários, e os operários se tornaram inimigos do Estado.

Não quero comentar esse pronunciamento. Se o cito, é somente porque se impõe a pergunta se a atual onda de emigrantes ainda vai durar muito tempo ou se vai diminuir. Se vai ser uma emigração temporária ou permanente. Ou se talvez será uma emigração “pendular”. Diante de nós apresenta-se a indagação a respeito de como se posicionar diante dessa onda emigratória, permanente ou temporária, para que os emigrados preservem – falando de maneira geral – a consciência do seu “polonismo” e a sua fé.

Por que não ocorreu uma discussão a respeito do etos diante da emigração antiga, do final do século XIX ou da emigração do entreguerras, embora se tratasse afinal de uma emigração econômica? Penso que o motivo principal era a grande alegria diante da recuperação da independência em 1918, ou seja, um grande sentimento patriótico e o orgulho de pertencer à nação polonesa. Talvez uma outra razão tenha sido que essas emigrações tinham uma vida organizacional extremamente desenvolvida. Havia um grande número de diversas organizações. Dizia-se que onde havia dois poloneses havia três organizações. Essas organizações tinham frequentemente diversos matizes políticos, mas promoviam e desenvolviam diversos gêneros de vida cultural. Naqueles tempos estavam muito na moda as “sessões solenes” organizadas por ocasião de diversos aniversários, festas nacionais e eclesíásticas. Havia nelas sempre alguma palestra, recitação de poesias, execução de peças musicais. Eram a expressão de uma postura religiosa e patriótica. Naqueles tempos não havia a televisão. O rádio na verdade já existia, mas havia a necessidade de ocupar o tempo livre. Daí os numerosos grupos teatrais amadores e, como mencionei, as sessões solenes, que transmitiam os valores religiosos e patrióticos. Hoje esse problema não existe, porque o tempo livre é ocupado pela televisão, e por isso não existem propriamente grupos teatrais

Artigos

amadores, além das encenações natalinas e alguns outros encontros culturais pouco numerosos.

Em julho de 2006 apareceu uma publicação coletiva dedicada à “Ostpolitik” do Vaticano, principalmente à atividade do cardeal Casarolli, como aquele que por vontade do papa Paulo VI deu início a essa política. No entanto antes ainda, no tempo do papa João XXIII, o cardeal König acreditava que Viena se encontrava no centro da Europa e que ele devia estabelecer contato com as Igrejas que se encontravam então por trás da Cortina de Ferro, para demonstrar que as Igrejas nesses países, que se encontravam sob grandes pressões, e até perseguidas pelo comunismo, não haviam sido esquecidas pelas Igrejas vizinhas. Um dos autores cita, das memórias do cardeal König, uma conversa que em 1965 ele teve com o cardeal Wyszyński em Varsóvia. O cardeal Wyszyński lhe havia dito que o comunismo tinha sido imposto à nação polonesa, ao passo que o catolicismo se identificava com a nação. Dizia o cardeal Wyszyński que a Igreja na Polônia era mais forte que a Igreja no Ocidente, visto que era mais provada e ligada ao povo do que a Igreja no Ocidente, e por isso devia servir de exemplo. Para o cardeal König esse pronunciamento era difícil de ser aceito, da mesma forma que diversas posturas do episcopado polonês, em razão – como assinala ele – do forte nacionalismo e patriotismo de caráter religioso, que está muito arraigado na sociedade polonesa.

Penso que isso era difícil de ser compreendido, sobretudo, porque a sociedade polonesa tinha uma experiência que as outras sociedades não tinham. A Polônia havia permitido que lhe fosse subtraído o seu caráter de Estado. A nação existia, mas não havia o Estado. Além disso, os Estados ocupantes tinham ao mesmo tempo um relacionamento negativo diante do polonismo e do catolicismo. Assim era a Igreja ortodoxa russa e assim era o protestantismo prussiano. O patriotismo polonês ligava-se então com a Igreja principalmente pelas formas do culto, visto que apenas no âmbito do culto era possível demonstrar em público a consciência patriótica. Daí a identificação do catolicismo com o patriotismo. Naquele tempo surgiu o que mais tarde passou a ser definido como religiosidade patriótica e o slogan “polonês-católico”. Essa identificação novamente reviveu com força no período do

| Artigos

pós-guerra, como oposição diante da ateização e do comunismo impostos pela força. Aliás, João Paulo II falou na UNESCO, em Paris, que a sua nação havia sido condenada ao extermínio, mas se defendeu visto que possuía a sua cultura, que era repleta de valores cristãos.

Daí porque parece ser muito necessária a reflexão a respeito do significado da cultura na vida dos emigrados e uma reflexão a respeito do nosso patriotismo, que propriamente, no decorrer dos últimos dois séculos, cada geração teve que defender. Por isso, é a essa questão que queremos dedicar mais tempo.

Existe ainda o problema da situação ética e moral da sociedade de hoje, à qual chegam e na qual vivem os nossos emigrantes e que desejo assinalar com as palavras de João Paulo II, que na encíclica *Dives in misericordia* escreve:

A permissividade moral atinge, sobretudo, essa área mais sensível da vida e da convivência das pessoas. Paralelamente a isso, apresenta-se a crise da verdade nas relações inter-humanas, a falta de responsabilidade pela palavra, o tratamento puramente utilitário do ser humano, a perda do sentimento do verdadeiro bem comum e a facilidade como que ele cede à alienação. E finalmente a dessacralização, que muitas vezes se transforma em desumanização. O ser humano e a sociedade para os quais já nada é “santo” – não obstante todas as aparências – está sujeita à decadência moral (DM 12).

Diante da leitura de diversos relatos ou pronunciamentos da nossa emigração mais recente, a análise do Papa, infelizmente, com frequência se confirma. Por isso, disso também devemos falar, porque é algo que tem uma ressonância na convivência matrimonial e na vida familiar.

Seja-me permitido concluir este meu superficial panorama dos problemas com as palavras do Pe. Prof. Tischner, com as quais ele encerra as suas reflexões sobre a ética da solidariedade. Escreve ele:

Eu queria descrever a nascente realidade do espírito. A vida é mais

Artigos

sábua que as pessoas. E também a vida da História. A História vive de maneira a despertar a consciência humana e dessa forma define o etos na medida das necessidades que surgem. [...] O etos influencia as pessoas, para que as pessoas falem e ajam de acordo com ele. A nossa obrigação é ouvir. Ousei dar um passo a mais e descrever esse etos. Com certeza essa é uma descrição distante daquilo que aconteceu e acontece.

Nós também queremos descrever a realidade de hoje, para despertar as consciências e refletir a respeito de como ajudar aos emigrantes para que eles vivam e ajam sem se submeterem à desumanização. Os valores da cultura polonesa impregnada dos valores cristãos são aqui indispensáveis. A conscientização desses valores, bem como do patriotismo bem compreendido, com certeza pode ajudar a não ceder à desumanização e a preservar a consciência do vínculo com a Polônia, com a coletividade emigratória e polônica e com a fidelidade a Deus.

* * *

Tentativa de síntese

1. A atual emigração polonesa envolve três categorias de pessoas. Para uma parte dos emigrantes, ela possui o caráter de emigração permanente. Os emigrantes constroem a sua vida e o seu futuro estabelecendo-se em determinado país. Para uma outra parte, é uma emigração temporária. Principalmente muitos jovens afirmam que emigraram visto que querem obter certo capital financeiro, ganhar dinheiro, voltar à Polônia e ali edificar o seu futuro. Existe ainda uma terceira categoria de emigrantes, definida como “emigração pendular”. As pessoas emigram por um breve período de tempo, principalmente quando há diversos trabalhos sazonais, e voltam ao seu país. Nessa categoria de emigrantes há muitos jovens, principalmente estudantes, que durante as férias querem trabalhar para pagar os estudos e o próprio sustento.

Cada um desses grupos emigratórios caracteriza-se pelo fato de que

| Artigos

para eles o trabalho é um valor absoluto. O trabalho deve ser conquistado. E quando é conquistado, é preciso cuidar para não perdê-lo, não permitir que ele seja tirado. Eventualmente é preciso empenhar-se por conseguir um trabalho melhor remunerado. Na busca do trabalho, ocorrem com frequência diversos atritos, pessoais ou grupais, para eliminar os potenciais concorrentes. Nesses empenhos as pessoas muitas vezes se utilizam de diversos meios aéticos, contrários às normas da fé.

2. A busca do trabalho realiza-se em confronto com um mundo que é culturalmente diferente, como são para os poloneses os outros países da Europa ou da América. Trata-se de um mundo em que todas as verdades e os valores cristãos têm sido questionados. Um mundo em que não apenas se proclama a “morte de Deus”, mas no qual praticamente têm sido eliminadas as manifestações da sacralidade ou de qualquer referência religiosa. Nesse mundo são proclamados os princípios de uma peculiar tolerância, que na prática está direcionada contra o cristianismo ou, propriamente, contra a Igreja católica. A proclamada civilização global sem Deus conduz ao que João Paulo II definiu como desumanização, ou seja, tratamento do ser humano como meio para a conquista e o aumento dos recursos materiais, ou como meio para a satisfação dos próprios prazeres. O princípio do relativismo, ou o questionamento da existência de valores objetivos, favorece a instrumentalização do homem.

3. No confronto de tão variadas culturas, para a pessoa ser ela mesma, deve ter a consciência da própria identidade. Isso significa a consciência das raízes de onde se provém e de onde se está inserido. Trata-se da consciência do lar, que se relaciona com a consciência do patrimônio familiar. Com essa consciência relaciona-se o conceito de Pátria. Em condições normais, a Pátria se identifica com a terra. Na vida dos emigrados, liga-se com a cultura. O conceito de cultura, que muitas vezes se associa com a criatividade artística, literária, etc., é abordado por João Paulo II sobretudo como uma forma de vida baseada em valores. Com base nos valores, a vida é envolvida em determinados modelos comportamentais. Os valores da cultura polonesa estão estreitamente relacionados com os valores cristãos, tais como p. ex. o

Artigos

sentido e o significado da vida, a prestação de ajuda, a sensibilidade à miséria e o amor da liberdade, a qual – quando é ameaçada – deve ser defendida, o respeito aos mais velhos, o respeito à mulher. Esses valores estão relacionados com princípios cristãos e são transcendentais. A consciência da própria identidade também está relacionada com a memória do passado do país natal e com o passado pessoal. Conscientiza a respeito das raízes de onde alguém procede e onde se localiza. Diz João Paulo II: “A respeito do futuro não se pode pensar tranquilamente, quando se esquece do passado. Sem ele, não se pode encontrar nem aprofundar a própria identidade. Pensando sobre o futuro, não se podem cortar as raízes de onde alguém se origina, porque elas são a chave para a compreensão de nós mesmos”.

Foi justamente a memória do passado que permitiu aos poloneses, no longo período das partilhas, preservar a consciência nacional. Isso aconteceu não apenas no tempo das partilhas, mas também nos tempos da chamada Polônia Popular, que tentava apagar o passado, e especialmente dificultar qualquer esforço tendente a edificar um futuro baseado na verdade. Foi questionado igualmente o conceito do patriotismo, que era identificado com o extremado nacionalismo, com o provincialismo, com o atraso. No entanto o verdadeiro patriotismo é a consciência do serviço e do amor à nação em que a pessoa vive, na qual se educou e na qual, pelo seu trabalho, aumenta o bem-estar. O patriotismo conscientiza a respeito da existência do bem comum de que se participa.

4. O desvelo pela cultura esteve sempre relacionado com a atividade pastoral. O objetivo da pastoral é o esforço para formar o crente de maneira a ele se guiar pelas normas da fé. Isso se realiza pela proclamação da Palavra, ou seja, do Evangelho, e pela vida sacramental. Além disso, a vida segundo as normas da fé relaciona-se com formas de piedade com base nas quais o crente busca a união com Deus. As formas de piedade, assim como os costumes próprios dos diversos grupos étnicos ou nacionais, relacionam-se com a cultura da nação, e especialmente da região.

O emigrante que se estabelece num país de cultura diferente deseja continuar as suas vivências da fé com base naquelas formas de religiosidade e

| Artigos

piedade que vivenciou em sua pátria. As formas de piedade em nosso país são muitas vezes dificilmente compreensíveis não apenas em razão das possíveis dificuldades linguísticas, mas justamente em razão de uma cultura diferente. Mesmo um bom conhecimento da língua da nova residência nem sempre ajuda a vivência religiosa. A vivência religiosa e toda a piedade não é unicamente um problema intelectual, mas envolve também toda a esfera sentimental, que é muito importante na oração, e por isso existem diversas formas de piedade, que envolvem a estrutura psíquica da pessoa e com ela se relacionam. Fala-se da “língua do coração”. Por isso é necessária a pastoral em língua polonesa, visto que ela ajuda a preservar a fé no contato com uma cultura desprovida do caráter cristão. A consciência da cultura polonesa, diversa das outras culturas, visto que está imbuída de valores cristãos, possibilita a preservação e a vivência da fé. Nem sempre isso é corretamente compreendido e muitas vezes, no âmbito das estruturas da Igreja local, são exercidas pressões para a inserção nas estruturas pastorais da Igreja local.

5. As pressões pela integração baseiam-se principalmente no conhecimento da língua. Quando é dominada a língua do país de residência, considera-se que uma pastoral distinta já é desnecessária. Não se leva em conta toda a esfera psíquica e espiritual da pessoa. A integração não é unicamente um problema do conhecimento da língua e por isso não é um problema de alguns anos. A autêntica integração relaciona-se com gerações, não com anos. O emigrante deve possuir a consciência da sua personalidade, que é para ele uma riqueza, visto que o conscientiza da sua identidade. Somente tendo a consciência da sua cultura ele pode enriquecer com os valores vivenciados a sociedade em que ingressa. Isso diz respeito, sobretudo, à primeira geração. Mas não apenas. A geração seguinte, já nascida na emigração, se for educada na consciência do biculturalismo, vai aos poucos identificar-se com o país de residência, mas preservará a consciência da sua origem e cultura, que deseja cultivar.

Existe hoje uma civilização global que transmite valores universais, propriamente desprovidos de valores religiosos. Ao mesmo tempo, porém, há um grande desenvolvimento dos regionalismos e das culturas das diversas nações. Pode-se, então, concluir que as pessoas não querem ser anônimas.

Artigos

Querem ter a consciência do pertencimento à coletividade, à nação em que nasceram, em que se educaram e formaram com base nos valores da cultura nativa.

O cristianismo é universal. Creio em Deus como Criador do mundo e do universo e que se tornou homem para salvar a humanidade. Mas desde o início da sua existência o cristianismo tem reconhecido as diversidades culturais, e a mensagem do Evangelho foi anunciada a diversas nações que possuíam culturas diferentes. Hoje a consciência da chamada aculturação é especialmente percebida e cultivada. Em alguns países existe a tendência ao uniformismo. Mas é importante justamente o cultivo de formas distintas de piedade e religiosidade, que não se opõem ao universalismo, mas o enriquecem e podem ser igualmente um meio de apostolado num mundo secularizado. A cultura polonesa não se restringe aos valores universais e não os elimina, mas os enriquece, por exemplo, pelo amor à liberdade e à tolerância, que facilita a propagação da fé. Na Polônia nunca existiu um Igreja do Estado, e todas as religiões gozavam de plena liberdade.

A integração é vivenciada de forma distinta em diferentes áreas. Diferente é a integração profissional, que é indispensável para que haja uma plena inserção no trabalho profissional. Diferente é a integração social, visto que é necessária a convivência vicinal e social. E diferente é a integração religiosa, visto que transcorre no plano espiritual, relacionado com a vida íntima de cada um e por isso também tão diferente das outras integrações.

O cristianismo nunca foi e não é unicamente uma mensagem intelectual. É uma experiência de vida, que transforma a existência e é o caminho para a convivência com o outro, ou seja, o caminho à comunidade. É um relacionamento adequado entre o pensamento e a vida, entre a compreensão intelectual e a vivência espiritual, visto que apenas tal unidade conduz ao pleno engajamento na vida.

6. Na vida emigratória, cumpre um papel extremamente importante a família. A família é a primeira transmissora da fé, mas ao mesmo tempo é a transmissora do polonismo. O ambiente do lar, se for um ambiente de consciente cultivo das tradições polonesas e dos valores culturais poloneses, consolida o polonismo.

| Artigos

A família é o ambiente em que se desenvolve a consciente coexistência de culturas, especialmente na geração jovem, que é necessariamente bicultural.

7. A definição geral do que é o “etos” diz que é um padrão moral que constitui o sistema de costumes de determinado grupo e que se expressa no estilo de vida.

O “etos” cristão é um estilo de vida baseado nas normas morais transmitidas na doutrina de Jesus Cristo, que assinalam a direção em que se modelam os indivíduos e os grupos sociais.

Poderíamos dizer que o “etos” dos emigrados está relacionado com a herança cultural na forma como ela se desenvolveu na História da nação polonesa.

A cultura, no entendimento de João Paulo II, é sobretudo a moldagem do homem. Procura educar o ser humano para que seja mais humano, o que significa que o seja para os outros, ou que igualmente sirva à sociedade. A cultura é um bem comum da nação e nela se baseia toda a vida espiritual dos poloneses. A cultura polonesa, desde o início da existência do Estado polonês, está relacionada com o cristianismo e com os valores cristãos proclamados pelo Evangelho. Os valores culturais são a base do patriotismo como o amor do bem comum, que é a Pátria e a convivência entre os concidadãos. O autêntico patriotismo, que decorre do amor de Deus, opõe-se ao nacionalismo, visto que este é uma expressão do egoísmo, que reconhece unicamente a superioridade da própria nação sobre as outras. O autêntico patriotismo está relacionado com a cultura que no decorrer dos séculos tem moldado e enriquecido a nação.

8. Com base nessas breves e superficiais observações, a pastoral polonesa entre os emigrantes deve cumprir a sua missão de proclamar e fortalecer a fé e de cultivar aquelas formas de piedade e de religiosidade que moldaram a fé dos emigrantes. Isso se relaciona com os valores culturais, que também devem ser cultivados e desenvolvidos. Os valores religiosos e patrióticos conscientizam a respeito da identidade do emigrante e da sua dignidade. A pastoral polonesa é especialmente necessária aos emigrados temporários, e mais necessária ainda à chamada emigração pendular – como a continuidade

Artigos

do ministério pastoral promovido no país natal.

A pastoral deve igualmente estar aberta à ação da Igreja local, visto que a hierarquia local aponta as tarefas e as ameaças à fé em condições concretas.

Uma última reflexão

João Paulo II sempre enfatizava: “Eu, João Paulo II, Bispo de Roma, Filho da Terra Polonesa”. Enfatizava que a sua personalidade havia sido moldada na cultura polonesa e no passado polonês. E, no entanto, ele estava aberto a outras culturas e em toda a parte era aceito e reconhecido como alguém que valoriza e aprecia as culturas das diversas nações. A cultura polonesa não o estreitava. Pelo contrário, ela o abria à compreensão e ao reconhecimento de outras culturas.

O verdadeiro amor à Pátria decorre do amor a Deus. Ele não estreita, não limita, mas está aberto ao encontro com outras culturas, visto que está sempre aberto e sensibilizado ao semelhante. A orientação do Evangelho é que só podemos realizar o amor a Deus pelo amor ao semelhante. Nós realizamos a nossa fé na comunidade, que testemunha a fé vivenciada. Um exemplo claro disso são as multidões emigratórias que se congregam junto à pastoral polonesa.

RESUMO STRESZCZENIE

Abp Szczepan Wesoły, długoletni Pasterz Polonii świata, w publikowanym artykule, wychodząc od zarysu polskiej emigracji stara się ukazać wartości kulturowe Polaków, które podtrzymywały ich tożsamość narodową.

Pontyfikat Jana Pawła II, podróże apostolskie papieża pielgrzyma, stały się dla Następcy Piotra – Polaka możliwością nie tylko do spotkań z Polonią, ale przede wszystkim do przekazywania jej i podtrzymywania w niej wartości kulturowych. Ona właśnie miały w historii Polski duże znaczenie w podtrzymywaniu ducha narodu. Polska kultura narodowa czerpała swe wielorakie bogactwo z wartości duchowych.

A VISITA DO PRIMEIRO LEGADO DA REPÚBLICA DA POLÔNIA, KSAWERY ORŁOWSKI, A SÃO PAULO E CURITIBA EM 1920

*Krzysztof SMOLANA **

A recuperação da independência da Polônia em 1918 mudou a situação não apenas dos que viviam no Estado polonês renascido, mas também a de todos os poloneses que o destino havia espalhado pelo mundo. Eles deixaram de ser exilados sem Estado, condenados à própria sorte. Alcançaram uma identidade, que lhes foi garantida pela existência de um Estado próprio do qual podiam tornar-se cidadãos. Isso dizia respeito também à grande multidão dos imigrantes poloneses no Brasil.

O reconhecimento do Estado polonês pelo Brasil no dia 16 de abril de 1919 e o estabelecimento de relações diplomáticas entre ambos os países resultou na instituição de uma legação polonesa no Rio de Janeiro e de um consulado em Curitiba. Para a função de primeiro legado do Estado polonês foi nomeado Franciszek Ksawery Orłowski. Nascido em 1862 em Jarmolińce, na região de Podole, numa família de fazendeiros de grande méritos na História da Polônia, no momento de vir ao Brasil já possuía experiência diplomática: nos anos 1897-1904 havia trabalhado na representação russa em Munique, tendo sido promovido em 1903 a secretário da legação. Abandonou o serviço diplomático após a eclosão da guerra russo-japonesa em 1904 para se dedicar à organização da ajuda aos poloneses que participavam dessa guerra. Nos anos 1904-1905 exerceu o cargo de procurador da Cruz Vermelha russa e ao mesmo tempo do Departamento Sanitário de Varsóvia e Łódź da Associação S. Vicente de Paulo. Após a eclosão da I Guerra Mundial viajou à França, para ali trabalhar ativamente em prol da recuperação da independência da Polônia. Em março de 1916 tornou-se membro do Conselho Fiscal da Agência Polonesa Central em Lausanne e em 1918 foi aceito como membro do Comitê Nacional Polonês em Paris. Após o término da guerra, foi membro da delegação

* Universidade de Varsóvia.

Artigos

polonesa na conferência da paz. Foi nomeado o primeiro representante diplomático da Polônia no Brasil e em toda a América Latina. No dia 20 de novembro de 1919 o embaixador brasileiro em Paris comunicou ao legado polonês na capital francesa, Maurycy Zamojsky, a concessão do *agrément* para K. Orłowski como legado da República da Polônia no Brasil. Ele viajou quase que de imediato e no dia 14 de janeiro de 1920 chegou ao Brasil. A legação ainda estava se organizando. No dia 27 de maio apresentou as credenciais ao presidente Epiácio Pessoa.

A primeira tarefa do legado da Polônia renascida diante dos compatriotas residentes no Brasil foi, como ele mesmo escreveu no relatório apresentado, “uma saudação a uma das mais importantes e acessíveis colônias polonesas em nome da Metrópole pelo primeiro Legado da República; o conhecimento mútuo e uma possibilidade fornecida aos emigrados de demonstração da alegria em razão da ressurreição da Pátria, de regozijo diante de estranhos com as manifestações exteriores em razão da independência recuperada do país e, finalmente, do ingresso da Representação Polonesa em contatos com as autoridades locais”.

O Legado descreveu o seu primeiro encontro com os poloneses em São Paulo e no Paraná no relatório abaixo apresentado. Esse precioso documento está guardado no Arquivo de Documentos Novos em Varsóvia, no conjunto de documentos da Chancelaria Civil do Chefe de Estado².

Com o objetivo de facilitar ao leitor a leitura, foi atualizada a ortografia e o conjunto, na medida do possível, foi provido de notas explicativas.

Krzysztof SMOLANA

3 de julho de 1920, Rio de Janeiro. O Legado da República da Polônia no Brasil, Ksawery Orłowski, ao Ministério das Relações Exteriores: relatório da visita às colônias polonesas urbanas e do interior nos Estados de São Paulo e do Paraná. Confidencial, dat.

1 Cf. n. reg. 12, p. 106-129.

AO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES Visita às colônias polonesas urbanas e do interior nos Estados de São Paulo e do Paraná

O presente relatório não pretende apresentar um retrato exato ou universal das colônias polonesas visitadas, muito menos da colônia polonesa no Brasil. Relatórios amplos e adequados serão elaborados na medida da familiarização com os nossos emigrados daqui. A presente visita foi antes uma saudação a uma das mais importantes e acessíveis colônias polonesas em nome da Metrópole pelo primeiro Legado da República; o conhecimento mútuo e uma possibilidade oferecida aos emigrados de demonstração da alegria em razão da ressurreição da Pátria, de regozijo diante de estranhos com as manifestações exteriores em razão da independência recuperada do País e, finalmente, do ingresso da Representação Polonesa em contatos com as autoridades locais. Para que a vinda do Legado da República a Curitiba no domingo, 20 de junho de 1920, anunciada com um mês de antecedência, pudesse realizar-se nesse dia e para a visita às colônias polonesas urbanas e do interior situadas a caminho do Rio a Curitiba, parti do Rio no dia 15 em companhia do *Attaché* de emigração Babiński³, num *coupé*⁴ que havia sido colocado à minha disposição pelo Governo Federal e na manhã do dia seguinte me encontrei em São Paulo, capital do Estado do mesmo nome – uma cidade industrial, uma verdadeira Manchester brasileira. Visto que essa primeira visita tinha um caráter oficial (porquanto os costumes protocolares exigem isso dos Legados estrangeiros em relação aos governos estaduais), diante da estação encontrava-se uma companhia da polícia estadual com o seu estandarte e com música, e na estação o Legado foi saudado pelo ajudante e pelo secretário-geral do Presidente do Estado de São Paulo, por representantes das Secretarias (Ministérios), bem como por representantes das Associações polonesas com os seus estandartes e com discursos e por

2 Mieczysław Zygmunt Babiński (1890-1962), funcionário do Consulado da República da Polônia em Curitiba no período de 01.10.1920 a 01.08.1921.

3 *Coupé* (fr.) – compartimento ferroviário. O autor utiliza esse termo no sentido de vagão de primeira classe.

Artigos

numerosos cidadãos poloneses. Na saída do Legado da estação, ouviu-se o Hino Nacional da Polônia, e o automóvel a ele fornecido pelo Presidente do Estado era acompanhado por uma escolta de cavalaria.

O dia todo passou em visitas oficiais. O Presidente do Estado, Dr. Washington Luís⁵, e o Dr. Heitor Penteado⁶, Secretário da Agricultura, produziram no Legado a melhor das impressões. De maneira geral, até agora não se pode deixar de perceber junto aos brasileiros o culto da competência, que em muitos países cede o lugar à homenagem à incompetência. Eu não me espantaria se com o tempo Washington Luís se tornasse presidente da República do Brasil.

No Estado de São Paulo há relativamente poucas colônias polonesas no interior. A colônia da cidade não é significativa. O número de famílias, para a realização de um registro, é difícil de definir. A julgar pelo número de sócios registrados nas duas Associações existentes em São Paulo, e contando 5 almas por família, não haveria mais que 20 ou 30 famílias, principalmente de operários fabris (mestres não mais que 20, e uns 10 funcionários de escritórios). Mas pode-se supor que eles sejam na realidade mais numerosos.

Essas Sociedades são a “União e Concórdia”, que já conta 30 anos de existência e fundada com o nome primitivo de “Ajuda Fraternal” por um polonês judeu já falecido, o Bloch⁷. A Sociedade conta, como me foi assegurado, uns 80 sócios. Dispõe de uma sede própria. Por algum tempo, foi presidente dessa Associação o eng. Nowicki (progressista), atualmente residente no Rio⁸. Essa Sociedade mantém uma escolinha polonesa, que até agora tem sido administrada pela Sra. Kryńska (ND)⁹. As crianças que frequentam essa escola são muito poucas, não mais que 10-12. As questões da escolaridade polonesa no Brasil, após um exame detalhado, serão objeto de um relatório

4 Washington Luís Pereira de Sousa (1869-1957), político brasileiro, nos anos 1926-1930 presidente do Brasil.

5 Heitor Teixeira Penteado, advogado e político paulista.

6 Bloch, dono de restaurante em São Paulo, em 1892 iniciador e fundador da Sociedade União e Concórdia naquela cidade.

7 Boleslau Nowicki (1881-1948), eminente especialista na área da construção ferroviária e líder polônico. Veio ao Brasil em 1907.

8 Provavelmente se trata de Barbara Kryńska. [ND é a sigla de *Narodowa Demokracja* – Democracia Nacional – N. do T.]

Artigos

especial. Por isso serão abordadas no presente relatório de passagem, muito superficialmente; a mesma coisa a respeito de Associações e Sociedades.

A outra sociedade denomina-se “Sociedade Henryk Sienkiewicz” e conta bem menos sócios que a anterior. No total uns 15-20. Em maio de 1917, sob a influência da ação do Sr. Warchałowski¹⁰, ocorreu uma dissidência na “União e Concórdia” e triunfaram virtudes exatamente contrárias. O presidente e a alma dessa Sociedade é atualmente o Sr. Alexandre Pietrasiński, mestre carpinteiro na grande empresa Liceu de Artes e Ofícios, pessoa ativa e bastante inteligente; dizem que em sua residência reúnem-se os membros da Sociedade, visto que ela se compõe exclusivamente da sua família e de conhecidos próximos.

A Sociedade “União e Concórdia” possui antes um caráter clubístico. Após o trabalho os sócios se reúnem para o descanso, a diversão, a leitura de jornais e o jogo. A Sociedade “Henryk Sienkiewicz” tem pretensões literárias e reina nela a Sra. Amélia de Anguelius Kegel – professora de línguas eslavas – escritora, ardente patriota, viúva de um funcionário fabril – uma “machona” –, mas possuindo inegáveis méritos; educou muito bem no estrangeiro três filhos como bons cidadãos, com bom domínio da língua polonesa. Politicamente, como facilmente se pode deduzir, essas duas Sociedades se distinguem pelos lemas progressistas cultuados pela “União e Concórdia”, e pelos lemas da Democracia Nacional da Sociedade “Henryk Sienkiewicz”. A dissidência surgiu principalmente em razão das acusações de germanofilia apresentadas à opinião pública e ao governo pelo Sr. K. Warchałowski contra todos que não se submetiam à sua direção. Muitas pessoas sofreram em razão disso. Igualmente os seus pronunciamentos contra as legiões e o atual Chefe de Estado têm afugentado e irritado os membros da Sociedade. Acusar de germanofilia a “União e Concórdia”, da mesma forma que a colônia polonesa em geral no Brasil, tem sido pelo menos um exagero. Os nossos emigrados têm sido e são ótimos poloneses, que, diante do afastamento da verdadeira arena das lutas partidárias, e principalmente da luta por posições, poderiam não ser exacerbados, não incitados uns contra outros, e seriam alcançados

9 Kazimierz Warchałowski (1872-1943), líder polônico no Brasil, no período da I Guerra Mundial presidente do Comitê Central Polônês no Brasil.

Artigos

com certeza melhores resultados do que cerca de 200 voluntários e um cheque de 90 mil francos.

O que para as Sociedades é digno de elogio, e o que o Legado não deixou de assinalar com reconhecimento, é a circunstância de que ambas as Sociedades se apresentaram harmoniosa e solidariamente para a recepção do Legado na estação, bem como na solenidade na sede da “União e Concórdia”. Nessa solenidade, realizada num tom bastante solene, não faltaram discursos de saudação, declamações infantis e um jantar. Após a solenidade, o Legado fez uma breve visita à Sociedade “Henryk Sienkiewicz”. Na despedida, na estação apareceram igualmente representantes de ambas as Sociedades.

É preciso ter esperança e empenhar-se para que as antigas lutas partidárias cessem, pelo menos por algum tempo, e para que as antigas contas sejam por enquanto acertadas. Haverá também no futuro novas razões para dissonâncias.

As colônias no interior de São Paulo são relativamente muito pouco numerosas.

Junto à estação São Bernardo, da Estrada de Ferro São Paulo Railway, a meia hora de trem de São Paulo, encontra-se a colônia Ipiranguinha, conhecida também como Estação São Bernardo. Encontram-se ali algumas grandes fábricas de tecelagem pertencentes a italianos, brasileiros e alemães, entre elas uma ao Sr. Kowalik, que ocupa mais de 1 000 operários. Em volta delas reside um bom número de famílias fabris (principalmente italianas), e em seu número 30 famílias polonesas, principalmente da cidade de Łódź e da região. Na viagem de volta de Curitiba o Legado visitou essa colônia sem anunciar a sua visita. Queria, com efeito, ter a possibilidade de ter uma visão tranqüila da colônia e de conversar com os operários, o que as saudações solenes muito perturbam.

Vieram o Ministro Bertoni¹¹ e o abaixo assinado por volta das 5 horas, quando os apitos e as sirenes das fábricas convocavam os operários a deixarem as oficinas e voltarem para as suas casas. Na residência de Miguel Standarski reuniram-se os operários poloneses com suas esposas

10 Karol Bertoni (1876-1967), diplomata polonês, antes da I Guerra Mundial cônsul-geral austríaco em Curitiba, nos anos 1919-1921 Diretor do Departamento Administrativo do Ministério das Relações Exteriores da Polônia e no período 19/12/1923-19/01/1924 ministro das relações exteriores. Faleceu no Rio de Janeiro.

| Artigos

e filhos. Passamos várias horas em conversa, da qual fiquei sabendo que geralmente eles estão satisfeitos com a sua sorte; ganham de 190 a 240 mil-réis mensais. As fábricas alemãs os preferem aos outros em razão da ordem e do seu tratamento honesto, principalmente na questão dos salários. Não ouvi queixas nem lamentações. O seu patriotismo é exemplar. A popularidade de Piłsudski vai aumentando, apesar de essa colônia permanecer sob a influência do Sr. Pietrasiński, isto é, preferencialmente da Democracia Nacional. Alguns deles ganharam dinheiro, que estão enviando à Polônia; outros estão comprando imóveis no lugar. Alguns pretendem voltar à Polônia. O dono da casa em que nos hospedamos, o acima mencionado Standarski, não faz parte do número dos operários fabris. Ele foi um empresário de coches em Łódź. Aqui, em diversas especulações, ganhou muito – tem alguns pequenos prédios e agora está construindo uma fábrica de tecelagem. Os seus genros, experientes operários têxteis, cuidam da parte técnica, e ele mesmo, com a sua sadia inteligência camponesa, vai dirigir o negócio, e provavelmente com bons resultados. A 26 quilômetros da Estação São Bernardo encontra-se a Vila São Bernardo ou Capivari, onde residem 30 famílias polonesas, que se dedicam à agricultura e à queima do carvão. Essa colônia foi fundada em 1889 e estabeleceram-se nela mais de 500 famílias polonesas do Reino do Congresso, tendo adquirido em prestações lotes por 300\$000. Em razão da infertilidade da terra e das condições climáticas adversas, a população começou a procurar empregos na cidade; especialmente as mulheres, que trabalhavam principalmente como as virtuosas empregadas das não virtuosas judias, donas de prostíbulos. Aos poucos a colônia se despovoou. Ficaram agora apenas algumas famílias. Vou visitá-la na minha próxima visita a São Paulo. O acesso é difícil, os automóveis nem sempre “vencem” as montanhas – será preciso chegar lá a cavalo.

No Estado de São Paulo, na linha da Estrada de Ferro Paulista, perto da cidade de Rio Claro, encontra-se a colônia cosmopolita Jorge Tibiriçá e ao lado dela a pequena colônia de Corumbateí. Nessas colônias encontram-se cerca de 30 famílias polonesas, em lotes de 25 hectares de terra fértil, que lhes asseguram o bem-estar. Eles vão comprando novos lotes, e algumas famílias adquiriram grandes áreas de mato no Mato Grosso para o destocamento e a limpeza.

Na Estrada de Ferro Douronense, na colônia Nova Europa (a 13

Artigos

horas de trem de São Paulo), em meio a colonos de todas as nacionalidades – alemães, espanhóis, letos, franceses – residem cerca de 30 famílias do Reino do Congresso desde a fundação dessa colônia, isto é, há anos. Lotes de 25 hectares de terra fértil asseguram-lhes o bem-estar.

Em 1890 na nova colônia de Pariguaçu [Paraguaçu], na linha da Estrada de Ferro Juquiá, na região de Ygnapa [Iguape?], nas proximidades da fronteira dos Estados de São Paulo e do Paraná, colônia habitada principalmente por ucranianos da Galícia, encontram-se cerca de 50 famílias polonesas, que se dedicam principalmente à cultura do arroz. O seu nível de bem-estar é médio.

A respeito desses detalhes fiquei sabendo em conversas com os honrados operários em São Bernardo, entre os quais havia alguns que tinham experimentado o pão de colonos antes de terem voltado às oficinas fabris. Essas colônias serão conhecidas e descritas mais detalhadamente por ocasião do registro dos cidadãos poloneses.

Após essa conversa de algumas horas, tendo prometido solenemente que novamente os visitaria, anunciando a minha vinda com antecedência, para que todos juntos, com música e estandartes possam saudar o Legado da República, voltei com o Ministro Bertoni a São Paulo, para me dedicar à descrição da minha viagem ao Paraná.

Volto ao dia 17 de junho de 1920, ao dia da minha partida de São Paulo ao Paraná. O automóvel do hospitaleiro Presidente do Estado levou-me do hotel à estação da Estrada de Ferro Sorocabana. Após 24 horas de viagem, paramos na estação de Castro, onde nos aguardavam a colônia polonesa com estandartes, discursos e flores, as autoridades municipais brasileiras, bem como representantes da colônia italiana com o seu estandarte. Em nome da colônia discursou o Sr. Bernardo Ziarecki, presidente da Sociedade Kościuszko. Também aqui percebi um enorme respeito ao Chefe de Estado e a sua incrível popularidade. Os poloneses de Castro (uma antiga e histórica cidade do Brasil) são na maioria artesãos e pequenos comerciantes. O principal padeiro dessa cidade é um polonês, o Sr. Niec. Não permaneci ali muito tempo. O trem seguiu adiante, para algumas horas depois parar em Ponta Grossa, sem que nas diversas estações o Legado tivesse deixado de ser saudado

| Artigos

individualmente ou em pequenos grupos de compatriotas, principalmente operários e funcionários da estrada de ferro. Não posso deixar de admirar o patriotismo dessas pessoas, muitas das quais nunca viram a Polônia.

Na estação de Ponta Grossa esperava-nos uma multidão composta de algumas centenas de pessoas, se não mais. A orquestra tocou o Hino Nacional polonês. Tremulavam as bandeiras polonesas, italianas, brasileiras. Aos discursos de saudação foi preciso responder em várias línguas. Em nome dos poloneses saudou o Legado um veterano de 1863 [do Levante de 1863 – N. do T.], o Sr. Rowieński, que trazia o estandarte da Sociedade Instrução. Ele se desfez em lágrimas, quase não podendo falar de tanta emoção. Mas em compensação os italianos, e especialmente os brasileiros, rivalizavam em oratória.

Da estação, percorremos um trecho do caminho até o hotel a pé, precedidos pelos alunos das escolas, vestidos de branco, jogando flores, ladeados pelos estandartes das Associações, ao som de música. O representante do prefeito, que me lembrava o tipo de um *isprávník*¹² russo, convidou-me para o seu veículo, para se gabar de uma “avenida” na realidade longa, mas com poucas casas, recentemente por ele pavimentada. “Como a capital”, repetia com entusiasmo – “como a capital”, e eu o acompanhava.

No hotel, tendo travado conhecimento com representantes da colônia polonesa, a convite deles dirigimo-nos ao salão da Sociedade Instrução, onde após um breve discurso de saudação do Sr. Giller (PPS)¹³, realizou-se a apresentação de uma peça popular otimamente apresentada por amadores, após o que foram recolhidos os bancos, foram postas as mesas e algumas centenas de colonos do interior e da cidade de ambos os sexos sentaram-se para jantar. Havia também alguns representantes de colônias de outras nacionalidades e dos nativos. Principalmente estes possuem um inato talento amador, o que espanta em pessoas muitas vezes de nível de instrução muito baixo. Foi preciso responder e elevar brindes em honra do Brasil, da

11 *Isprávník* (rus.), comissário de polícia de distrito na Rússia czarista.

12 Stefan Antoni Giller (1875-1944), tipógrafo, veio ao Brasil em 1911. Trabalhou no semanário *Świt*, publicado em Ponta Grossa por líderes do Partido Socialista Polonês. [PPS é a sigla de *Pol-ska Partia Socjalistyczna* – Partido Socialista Polonês – N. do T.]

Artigos

Itália, do Paraná. A Sociedade Instrução professa lemas progressistas, mas está incondicionalmente imbuída de espírito nacionalista. Idolatra o Chefe de Estado. Mantém uma escolinha para as crianças, que visitamos no dia seguinte. Após os discursos de saudação das crianças e dos cânticos, realizou-se uma espécie de exame, que teve resultado positivo, testemunhando o desenvolvimento das crianças e a diligência do casal de professores, o Sr. e a Sra. Bilski.

A Associação polonesa concorrente (que aqui não pode faltar) é a Sociedade S. José, extremamente clerical, apesar de em seu tempo ter sido criada pelo Sr. W.¹⁴ Os atritos do Sr. W. com o clero esfriaram as relações entre essa Sociedade e ele. No entanto ela continua a existir separadamente, principalmente em razão do presidente, o Sr. Krygerowicz¹⁵, um tipo arruaceiro, que faz questão de ser o presidente. Visto que em razão da sua resistência não chegou a ser formado um comitê comum para a recepção do Legado da República, já que as crianças não participaram da recepção na estação e os sócios e da representação à noite, apesar de eu mesmo ser católico, não me dispunha a visitar a Escola S. José. Somente cedendo aos pedidos de uma delegação composta dos pais das crianças que ali estudavam apareci nessa escola, onde após ter sido saudado pelas crianças e após a minha resposta, pronunciei um adequado discurso aos pais, presididos por Krygerowicz, em que lhes lembrei os antigos vícios nacionais -- os Syciski e os Suchorzewski¹⁶. Ambas as escolinhas, que separadamente mal se podem manter, unidas e com alguma ajuda do Consulado ou da Legação, poderiam funcionar de forma adequada, e as crianças, dependendo da vontade dos pais, poderiam também ter aulas de religião. No entanto a semente da discórdia, semeada há alguns anos, ali produziu seu fruto, a tal ponto que o Consulado, que muito já conseguiu fazer em Curitiba na área do apaziguamento das desavenças partidárias, lá não pôde realizar isso. Pedi que pelo menos exteriormente,

13 Provavelmente se trata de Kazimierz Warchałowski.

14 Provavelmense se trata de Jan Krygerowicz.

15 Siciński e Suchorzewski – magnatas poloneses participantes da Confederação de Targowica, instituída para derrubar a Constituição de 3 de Maio de 1791, com a participação de Catarina II. O resultado dessa Confederação foi a guerra polono-russa de 1792 e a segunda partilha da Polônia.

| Artigos

quando se trata de assuntos nacionais, procedessem harmoniosamente. Fiquei feliz ao perceber na estação ferroviária, na minha viagem de volta em Ponta Grossa, representantes de ambas as Sociedades saudando juntos o Legado que por ali passava.

Um padre inteligente e civicamente orientado poderia fazer muito nessa direção. Por azar o atual pároco, o Pe. Domin¹⁷, verbista (*Verbi Divini*), um polonês que fala mal a língua polonesa, ou talvez até um alemão, não está à altura dessa tarefa. Estão sendo tomadas providências para que nessa paróquia ocorra uma mudança.

No dia 19 de junho visitei a colônia polonesa de Guaraúna, situada a 20 quilômetros de Ponta Grossa. Trata-se com certeza de uma das mais interessantes aglomerações polonesas. Ela é a arena e ao mesmo tempo o resultado da atuação altruística de Tadeu Suchorski, que outrora assumiu voluntariamente nessa colônia o cargo de professor. Inicialmente mal suportado, maltratado e mal alimentado, com o tempo tornou-se professor não apenas das crianças, mas também dos mais velhos, até de pessoas de 50 anos; ensinou a colônia a ler, escrever e pensar. Ensinou não apenas a ler, mas também a compreender e aplicar o compreendido na vida, superando muitos preconceitos, muita teimosia e rotina no cultivo da terra; conseguiu convencer os colonos ao cultivo da mandioca e ele mesmo construiu o primeiro moinho de mandioca. Tornou-se o benfeitor não apenas da mentalidade, mas também da situação material das pessoas. Essa colônia, que por longos e longos anos havia apenas vegetado, pagou ao Estado a dívida pela terra e tornou-se atualmente uma verdadeira colônia de milionários. Durante a guerra os moradores de Guaraúna ganharam somas fabulosas. Alguns deles, com os Osíński e os Dyniewicz, estão se preparando para em breve viajar à Europa com as bolsas recheadas. Tentei convencê-los a se estabelecerem na parte ocidental ou oriental da Polônia; no entanto eles se sentem atraídos para a terra natal, pelo que me lembro à província de Kujawy. Não podia ter faltado, evidentemente, a cerimônia do pão e do sal na entrada da escola, os discursos, as declarações e apresentações das crianças, que não foram das melhores. O atual professor, uma figura ridícula de um *donjuán* de aldeia enfatuado,

16 Pe. Paulo Domin, encontrava-se no Brasil desde 1914.

Artigos

vermelho e atarracado, que certamente sonha antes com o rico casamento com alguma opulenta colona do que com a missão de um Suchorski, em nada se lhe iguala.

Da escola encaminhamo-nos à rica residência dos Dyniewicz, onde à mesa guarnecida de frangos recheados e de quilômetros de linguiça, tomando café e a asquerosamente doce gasosa, comum nessa região, envolvemo-nos em conversas para mim instrutivas, relacionadas com o futuro e o estado atual da colônia. Alguns dos colonos pareciam ser de muita leitura, porquanto utilizavam-se inteligentemente de expressões raramente utilizadas na fala comum. Era visível o seu profundo patriotismo. Ouvi, no entanto, do Dyniewicz uma frase que me fez pensar: “O ensino da leitura começou a melhorar logo que abolimos o catecismo”. Eu não era capaz de perceber a ligação lógica entre o catecismo e a leitura, e por que ele tem de atrapalhar a leitura. Constatei, no entanto, que pelo seu fértil e nobre trabalho Suchorski fez com que os colonos lhe pagassem com a fé dos antepassados. Não será isso caro demais? – pergunto a mim mesmo. Não tanto do ponto de vista católico quanto do ponto de vista da preservação da nacionalidade junto a esses distantes emigrados. E certamente essa total falta de fé e essa falta do conhecimento do catecismo se refletirá também na moralidade, especialmente entre as moças.

No presente momento percebi nessa colônia, diante do seu afastamento de outros aglomerados de poloneses, a tendência a casamentos apenas dentro da própria colônia, e entre parentes próximos, o que não tardará em produzir as conhecidas e tristes consequências. Em outras colônias foi-me dado constatar a influência moralizante e ao mesmo tempo conservadora da Igreja quanto ao aspecto nacional, e isso por várias gerações.

Voltando ao anoitecer à bela cidadezinha de Ponta Grossa, chamada “Estrela dos Campos”, tivemos de atravessar um rio de balsa. Espantei-me porque no mesmo lugar havia duas balsas. Achei que cada uma delas esperasse pelos viajantes do lado oposto, para que não precisassem perder tempo esperando pelo transporte. Responderam-me que essas duas balsas absolutamente não colaboravam para o conforto dos viajantes, mas que cada uma delas servia a um dos dois partidos dos colonos que outrora viviam

| Artigos

na concórdia, mas desavindos desde a estada do Sr. Warchałowski. Sob a influência do tempo e do Consulado, os antagonismos cessaram um pouco. Não havia dissensão quando levantei um brado em honra do Chefe do Estado.

Na noite daquele dia visitei a redação e a tipografia do *Świt* (Aurora)¹⁸, que se desenvolve e também atende a encomendas. Na redação conheci o Sr. Jeziorowski (PPS)¹⁹, o redator Giller (PPS) e outros colaboradores.

Desde então parece que a tipografia foi dividida por 22 voluntários do general Haller²⁰, que ultimamente voltaram ao Brasil, ofendidos por um *entrefilet*²¹, devo admitir que inoportuno, contra eles publicado no *Świt*. São fatos dignos de lástima, porque se observava a tendência à harmonia.

Tendo partido no dia seguinte, 20 de junho, às 7 horas da manhã de Ponta Grossa a Curitiba, a caminho o Legado polonês encontrou-se com alguns membros de um comitê que estavam organizando a sua recepção, entre eles com o Sr. Tadeu Danielewicz (ND), antigo vice-presidente e a seguir presidente do Comitê Nacional Central, e com o Cônsul Głuchowski²². Um pouco depois da 1 hora, no domingo 20 de junho, o trem se deteve na estação ferroviária em Curitiba. Na estação saudaram o primeiro Ministro Plenipotenciário da República: o Dr. Marins Camargo, Secretário-Geral do Estado, e o Capitão Euclides do Valle, ambos representando o Dr. Caetano Munhoz da Rocha, Presidente do Estado do Paraná, representantes das autoridades, das sociedades polonesas, do clero e um bom número de público misto.

Tendo saído da estação, vi uma praça tomada por uma multidão acima da qual tremulavam os estandartes das Sociedades, e pelos alunos das

17 *Świt* (Aurora), semanário, foi publicado nos anos 1918-1928, inicialmente em Ponta Grossa e a seguir, a partir de 1921, em Curitiba.

18 Konrad Jeziorowski (1876-1963), veio ao Brasil em 1908 e trabalhou como jornalista e pedagogo.

19 Voluntários do general Haller. – Do Brasil, no período da organização do Exército Polonês na França, organizado pelo gen. José Haller, viajaram algumas dezenas de voluntários. Na maioria eles voltaram ao Brasil no período 1919-1921.

20 *Entrefilet* (fr.), pequeno artigo em um jornal.

21 Kazimier Głuchowski (1885-1941), diplomata, líder polônico, jornalista. Foi o primeiro cônsul polonês em Curitiba, nos anos 1919-1923.

Artigos

escolas, vestindo trajes festivos.

Quando me encontrava na escadaria, diante da estação destacou-se da multidão um homem alto, de rosto muito bonito, que pronunciou, em parte à multidão, sem se voltar para ela, e em parte ao Representante da República um belíssimo discurso. Esse orador era, como fiquei sabendo, o Professor Dr. Simão Kossobudzki²³, um conhecido cirurgião. Fiquei tão comovido com toda a recepção, com o discurso e com o patriotismo que emanava da multidão que, sem nada responder, abracei o orador. Ao que respondeu a multidão, visivelmente satisfeita, com as exclamações: “Viva a Polônia!”, “Viva o Chefe de Estado!”. E o Legado respondeu: “Viva a colônia polonesa do Paraná!” – “Viva o hospitaleiro Brasil!”. E novamente se levantou da multidão um grande clamor. Nesse momento fez-se ouvir o ruído de cascos de cavalos no pavimento, o tilintar de armas brancas e aproximou-se da plataforma a carruagem presidencial, soberbamente atrelada, cercada por meio esquadrão de cavalaria, em pequenos, atarracados e ágeis cavaleiros. Não pude deixar de perceber a diferença entre essa animada cavalaria e a aparência marcial das companhias das forças locais, que me prestavam honra aos acordes do Hino Nacional Polonês, e os destacamentos militares no Rio, cujos homens e cavalos, sob a influência do clima, parecem sempre tão cansados e esgotados.

Íamos avançando lentamente pelas ruas enfeitadas de bandeiras até o Hotel Moderno, onde a pedido da multidão reunida tive de apresentar-me no balcão, do qual discursaram o Dr. Szeligowski²⁴ (ND), o Cônsul Głuchowski e o próprio Legado.

Uma hora depois já me encontrava com o Presidente Sr. Munhoz da Rocha. Na conversa, dificultada pelo seu pouco conhecimento da língua francesa e pelo meu da portuguesa, ele me expressou a sua admiração pelo laborioso povo operário polonês, e eu pelo hospitaleiro Paraná e pelos seus estadistas, no que assinei que consideraria uma grande honra poder com o tempo assinar sob o seu nome o meu na convenção emigratória e imigratória polono-brasileira. Diante do desaparecimento, nas relações polono-brasileiras,

22 Simão Kossobudzki (1869-1934), médico, líder polônico, cofundador da Universidade do Paraná [atual Universidade Federal do Paraná – N. do T.], líder da União das Sociedades Educacionais Culturais.

23 Miroslau Szeliga-Szeligowski, médico, líder polônico, presidente da União Polonesa em Curitiba.

| Artigos

dos fatores dos Estados de ocupação, essas relações deviam ser submetidas a uma revisão direta entre o Brasil e a Polônia e, visto que o primeiro desses Estados é um Estado Federativo, seria inteiramente natural que primeiramente os Representantes da Polônia tivessem de tratar com o Governo do Paraná, e somente o tratado acordado entre eles deveria ser apresentado para a sanção do Governo Federal no Rio, “como que a um notário para ser legalizado” – acrescentei. Se inicialmente a perspectiva das negociações que cristalizariam o relacionamento do Governo Brasileiro com os imigrantes poloneses, até então entregues à própria sorte, parece não ter agradado muito ao Presidente, provocando um alongamento do seu rosto, a perspectiva das negociações com o Governo Polônês, em condições de igualdade, e o Governo no Rio como um simples notário pareceu ter produzido nele uma boa impressão e provocou um gentil sorriso. Eu fazia alusões a esse assunto em cada encontro meu com o Presidente, para que ele se acostumassem com essa ideia. Atualmente temos com ele um perfeito relacionamento e repleto, até agora, de confiança mútua. Trata-se de uma pessoa jovem, não sei se chega aos 40 anos, com uma expressão do rosto estranhamente doce, trabalhador e honesto, um ardente católico e bom esposo, um bom e fértil pai de família, porque tem muitos filhos. Não sei se possui muita energia, deve ser antes um sujeito quieto e obstinado, que permanece sob a influência do seu predecessor e ao mesmo tempo chefe do partido, Dr. Affonso de Camargo, cujo irmão é seu Secretário-Geral e Ministro do Interior. Os Camargo o têm em suas mãos.

Após a visita ao Presidente, visitei o bispo, Monsenhor Braga²⁴. Raramente tive a oportunidade de ver um ser humano mais redondo e ao mesmo tempo fino. Alguns dias depois, quando o conheci melhor, arrisquei uma lisonja que momentaneamente o espantou, mas que no fundo muito lhe agradou. “Não acho – falei – que Vossa Excelência se encontra aqui no lugar que lhe cabe; eu gostaria de vê-lo não na sé episcopal no distante Paraná, mas na diplomacia vaticana, como um Núncio”. “*Quelle déchéance*”²⁵ – disse

24 João Francisco Braga (1868-1937), nos anos 1902-1907 bispo de Petrópolis, Rio de Janeiro, em 1907 foi transferido a Curitiba, onde nos anos 1926-1935 foi arcebispo. Faleceu em Petrópolis em 1937.

25 *Quelle déchéance* (fr.), que decadência.

Artigos

ele, suspirando tristemente. Precisamos entender-nos com ele em razão da provisão de paróquias polonesas e mistas. Ele é partidário dos Verbistas²⁷, menos dos nossos Missionários poloneses [padres vicentinos – N. do T.]. É indubitavelmente um nacionalista brasileiro de molho alemão, porque se educou no Seminário missionário em Hamburgo, impregnou-se da cultura alemã e domina com perfeição a língua. Falando com ele nessa língua, torna-se mais fácil convencê-lo. Falemos então em alemão com um brasileiro para conseguir um pároco polonês! A recepção extremamente solene no Seminário, onde se localiza também o Ginásio episcopal, organizada alguns dias depois em honra do Legado polonês, e um telegrama ao Cardeal Kakowski²⁸ podiam ser uma demonstração de que eu havia conquistado as suas graças, mas da simpatia até a execução do negócio a distância é grande, e o Bispo é uma verdadeira enguia, é difícil pescá-lo.

Mal dois dias depois consegui voltar ao Consulado, revisitaram-me ali o Presidente e o Bispo. A seguir realizou-se uma recepção (*cercle*) de representantes da intelectualidade, do comércio, dos operários, do clero e da imprensa polonesa. Nessa oportunidade conheci os intelectuais poloneses do Paraná, os professores da Universidade: Dr. Simão Kossobudzki (PPS), os Doutores Szeligowski (ND), Nowicki²⁹ (ND), Czaki³⁰ (PPS) e Szymański³¹ (ND), os comerciantes, os operários e imprensa: desde o Jeziorowski (PPS) do Świt

26 Verbistas, Congregação do Verbo Divino (*Societas Verbi Divini*), uma congregação missionária.

27 Cardeal Alexandre Kakowski (1862-1938), nos anos 1913-1938 cardeal e arcebispo metropolitano de Varsóvia, posteriormente (1925-1938) primaz da Polônia.

28 Boleslau Nowicki (1881-1948), especialista em construção de estradas de ferro, líder polônico. No Brasil desde 1907.

29 José Czaki (1857-1946), médico, herpetólogo e naturalista, líder pela independência da Polônia, no Brasil desde 1907.

30 Juliano Júlio Szymański (1870-1958), médico, professor da Universidade do Paraná [atual Universidade Federal do Paraná – N. do T.] em Curitiba e da Universidade Estêvão Batory em Vilnius, líder polônico. Nos anos 1928-1930 foi presidente do Senado da Polônia.

Artigos

até o Dergent³² de *O Polonês*³³ (ND), bem como o Pe. Trzebiatowski³⁴, redator do clerical *Jornal Polonês no Brasil*, assim como os seus “die feindlichen Bruder”³⁵ Verbistas e Lazaristas³⁶. Não se pode deixar de reconhecer a verdadeira cultura dessa intelectualidade polonesa em Curitiba e um bem-compreendido sentimento cívico. Eles conquistaram o meu coração e recordarei com prazer aqueles momentos com eles passados. Na grande maioria as simpatias deles se encaminham ao Belvedere³⁷; nisso nos encontramos e talvez eu deva a isso a benevolência que me demonstraram. A fotografia que foi feita no jardim diante do Consulado, na qual se veem, agrupados em volta do Legado da República, representantes de todos os partidos políticos sem exceção, é a maior demonstração do seu bem-compreendido patriotismo e possivelmente também da ação conciliadora do Consulado, que alguns até afora continuam a acusar de facciosismo. Pode ser que também desse restante, se realmente existe, se cure o nosso Cônsul, porque parece que não lhe falta boa vontade.

Às 7 horas da noite daquele dia (mas que dia foi esse!) realizou-se uma solene apresentação na sede da Sociedade da União Polonesa³⁸, onde o sênior em idade Pe. Peters³⁹, em companhia de dois outros sócios, recebeu o Legado polonês com pão e sal.

Após ter sido executado, pela orquestra dirigida pelo regente Skibiński, o Hino Nacional polonês, discursou do palco o presidente da União, o Sr. Skorupski⁴⁰ (um empresário da construção na cidade). O discurso dele se encontra em anexo, da mesma forma que o discurso do Legado, pronunciado do camarote. Em seguida se realizou uma apresentação de

31 Dergent, ou propriamente Francisco Dergint (1858-1937), líder polônico, redator de *Polak w Brazylji* (*O Polonês no Brasil*).

32 *O Polonês*, propriamente *O Polonês no Brasil*, jornal polonês publicado nos anos 1904-1920 em Curitiba.

33 Estanislau Trzebiatowski (1877-1945), padre verbista, líder polônico.

34 *Die feindlichen Bruder* (al.), os irmãos inimigos.

35 Lazaristas, nome francês da Congregação dos Padres Missionários de S. Vicente de Paulo [dos Padres Vicentinos – N. do T.].

36 Belvedere, em 1920 sede do Chefe de Estado Józef Piłsudski.

37 União Polonesa em Curitiba, organização polônica instituída em 1910.

38 Pe. João Peters (1842-1921), sacerdote polônico, veio ao Brasil em 1889.

39 Romão Skorupski, líder polônico.

Artigos

amadores; foi apresentada uma peça baseada na vida dos colonos poloneses (de autoria do Sr. Chorośnicki⁴¹, diretor da escola polonesa em Curitiba). A peça foi apresentada com extraordinária verve e talento. Durante o intervalo, o Legado travou conhecimento com membros da colônia polonesa. Após essa apresentação realizou-se um banquete masculino, organizado para que o Legado conhecesse mais de perto os compatriotas, no qual se apresentou com um discurso extremamente distinto o Sr. Danielewicz (ND), ex-presidente e a seguir presidente do Comitê Nacional Polonês. Com certeza depois desse dia o Legado tinha direito a um descanso.

No dia seguinte, 21 de junho, visitou a escola popular mantida pela Sociedade da Escola Popular Józef Piłsudski. Essa escola se compõe de três séries, numa sede bastante boa. Do grupo de professores fazem parte a Sra. Ficińska⁴² e seu filho. Essa escola produziu uma impressão muito positiva. Após a saudação do Legado e a execução da canção patriótica *Rota*, de Konopnicka, e de outras canções patrióticas, as crianças responderam com perfeição e desembaraço a perguntas de diversas disciplinas, leram e declamaram. Antes da saída foram executadas diversas cantigas, de forma realmente fascinante. Em conversa com a Sra. Ficińska sobre o programa de ensino, indaguei ingenuamente também a respeito do ensino da religião. “Isso não é ensinado aqui – respondeu ela, quase que ofendida –. Os pais que querem ensinar isso aos filhos podem enviá-los aos padres”. Envergonhado pela inoportuna pergunta, porque havia esquecido que me encontrava numa escola liberta, permiti ser conduzido à biblioteca e a um pequeno museu de história natural, onde o Sr. Estanislau Żagołowicz⁴³, correspondente da Sociedade Científica de Petrogrado [atual São Petersburgo – N. do T.], naturalista e sapateiro, como me enfatizou, mostrou-me as suas coleções e a sua criação de borboletas. Dizem que ele é um polonês que cultiva os mais extremos princípios e lemas, casado com uma judia – “Ils frisent le bolchevisme”⁴⁴.

A seguir tive a oportunidade de visitar a escola polonesa dirigida pelo

40 João Chorośnicki (1875-1954), escritor e líder polônico. Veio ao Brasil em 1907.

41 Maria Ficińska (1867-1954), professora, poetisa, encontrava-se no Brasil desde 1914.

42 Vitoldo Żagołowicz (1876-1928), pseudônimo de Estanislau Brás Czarnecki, líder socialista e polônico, encontrava-se o Brasil desde 1915.

43 *Ils frisent le bolchevisme* (fr.), “eles beiram o bolchevismo”.

| Artigos

casal Chorośnicki, que tem os seus próprios métodos de ensino, principalmente quanto à matemática. Ouvi respostas muito prudentes; percebi nos bancos senhoritas bem mais velhas que as demais alunas, de traços muito semíticos. “São judias – esclareceu-me o Sr. Chorośnicki – e, sendo cidadãs polonesas, querem por força estudar em polonês”.

Tive uma agradável sensação ao entrar na escola dirigida pelas Irmãs da Congregação de Maria⁴⁵, que se encontra próxima à igreja paroquial de S. Estanislau. Mais de 200 crianças prepararam para mim a mais agradável recepção. Após os discursos de saudação, houve apresentações de canto aliado a ginástica, declamações e respostas a perguntas. As Irmãs, do seu esconderijo, com amor às crianças em seu olhar, com um imperceptível aceno do dedo ou da cabeça, dirigiam esse numeroso grupo de jovens. Pronunciei um pequeno discurso às crianças, assinalando a importância do fato de que a sua Pátria, com a independência, havia recuperado o direito à Representação estrangeira.

Não se pode deixar de perceber, na comparação das escolas dirigidas pelas Irmãs com as escolas dirigidas por professores particulares leigos (porquanto escolas polonesas governamentais não existem), especialmente no exterior, a superioridade daquelas, apesar das muitas vezes bem maiores aptidões individuais nestas. As Irmãs, não tendo outra tarefa além da educação das crianças nem outro objetivo de vida, herdaram, além disso, os recursos da experiência das suas predecessoras, o que não pode ser dito a respeito dos leigos, especialmente nas colônias. Trata-se na maioria das vezes de professores casuais, prontos a abandonar essa tarefa a qualquer momento por uma mais lucrativa. Reina, além disso, entre as Irmãs certo rigor e disciplina, que são insubstituíveis.

A colônia urbana de Curitiba compõe-se de intelectuais, comerciantes e artesãos. Os operários são relativamente poucos, porque, além dos moinhos de erva-mate, não há outras fábricas. Falando em intelectuais, é preciso mencionar em primeiro lugar alguns professores da Universidade,

44 Congregação das Irmãs de Maria, propriamente Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, desenvolve atividade missionária no Brasil desde 1906.

Artigos

na Faculdade de Medicina, que gozam do reconhecimento geral, a saber: o professor de cirurgia Dr. Simão Kossobudzki (PPS), o de oftalmologia Dr. Szymański (ND), o de anatomia Dr. Szeligowski (ND), o de doenças da pele e femininas Dr. Nowicki. Além disso, os médicos poloneses que clinicam livremente, residentes das redondezas de Curitiba: o Dr. Kochański⁴⁶ (ND) em São José dos Pinhais, o Dr. José Czaki (PPS) em Araucária, e o renomado dentista curitibano Szankowski⁴⁷. Entre os intelectuais devem ser contados Tadeu Danielewicz (ND), que é um líder dos comerciantes, e o técnico farmacêutico da Universidade Dorpacki, que é o maior atacadista farmacêutico no Paraná. Menciono o seu nome como antigo vice-presidente nos tempos do Sr. Warchałowski, e a seguir presidente do Comitê Nacional no Paraná.

O comércio polonês é representando em primeiro lugar pelos senhores Szynda e Domański, que se dedicam à alfaiataria, ao comércio de produtos alimentícios e da madeira. Possuem as suas próprias serrarias. Uma grande firma comercial é a societária Livraria Polonesa, dirigida pelo casal Dergent, que era a antiga livraria do Sr. Warchałowski. Firmas comerciais e industriais maiores talvez cheguem a vinte.

Os operários e comerciantes estão associados na União Polonesa, que é propriamente uma “União das Uniões”, visto que surgiu ultimamente da junção de diversas sociedades. Conta atualmente cerca de 500 sócios. O líder dessa União e ao mesmo tempo dos operários é o Sr. Romão Skorupski, oriundo desse meio, outrora do PPS e atualmente empresário comercial.

Os padres poloneses devem ser divididos em três categorias: Verbistas, Missionários [Vicentinos – N. do T.] e seculares. Os primeiros pertencem a uma Congregação alemã, que somente nos últimos tempos tem planejado instituir em terra polonesa uma casa da Congregação com padres genuinamente poloneses. Os padres poloneses, ou que falam polonês, dessa Congregação ainda não se impregnaram do espírito nacional polonês. Entre as exceções estão o Pe. Estanislau Trzebiatowski, atual redator do *Jornal Polonês no Brasil*, pároco em Curitiba, e o Pe. Drapiewski⁴⁸, pároco em Cruz Machado.

45 Provavelmente se trata do médico Dr. Alexandre Kochański.

46 Miguel Szankowski, dentista, líder da Sociedade da Escola Popular em Curitiba.

47 Teodoro Drapiewski (1880-1942), padre verbista, trabalhou no Brasil nos anos 1909-1925,

| Artigos

Tenhamos a esperança de que esse pequeno grupo vai aumentar. Poloneses sem restrição são os Missionários [Vicentinos] de Kleparz, Cracóvia. O seu superior no Brasil é o vice-visitador Pe. Francisco Chylaszek⁴⁹, até agora pároco em Órleans. A nossa política vai persuadir o bispo a prover as paróquias polonesas com os padres dessa Congregação, embora as predileções dele se inclinem aos Verbistas, menos envolvidos na guarda do espírito nacional e mais adequados à lenta desnacionalização dos nossos cidadãos, de acordo com as secretas aspirações do bispo de Curitiba. Os padres poloneses seculares, até o momento, não são muitos. O seu futuro contingente está sendo educado pelo Bispo em seu seminário, do qual saem padres que falam em polonês, mas pensam como brasileiros e não se apresentam muito seguros quanto ao aspecto da nacionalidade. O secretário do Bispo é o tipo desse sacerdote polono-brasileiro.

Visitei durante a minha estada de alguns dias cinco colônias agrícolas, duas das quais, as chamadas Araucária e Afonso Pena, libertas e três permanecendo sob a influência de Padres e Irmãs: Órleans, Abranches e Tomás Coelho. Em todas elas há escolas.

Em Araucária o Legado foi recebido na Casa Popular, ainda não concluída. Saudou o legado o ali residente Dr. José Czaki (PPS) com um discurso que deixou uma grande impressão nos presentes. Em resposta aos cidadãos presentes, da mesma forma que em outras localidades, eu conclamava os colonos a contribuírem também para a Construção do Edifício do Estado, adquirindo empréstimos em dólares ou internos. Solicitei o envio dos bônus aos adequados funcionários e repartições, mas até agora não os recebi.

Durante essa recepção, ocorreu a única dissensão durante a minha visita ao Paraná. Um cidadão se queixava em voz alta da indiferença, beirando a malquerença, do padre local, um polonês nascido no Brasil, na questão da construção da Casa Popular. Trata-se de um desacordo de fundo religioso; o padre, pouco inteligente, não imbuído de espírito cívico, trata

líder polônico.

48 Francisco Chylaszek (1874-1942), padre da Congregação dos Padres Missionários [Vicentinos – N. do T.]. Veio ao Brasil em 1903 e foi pároco em Órleans.

Artigos

com indiferença a Casa, onde na sua opinião reinariam os “descrentes”. Suponho que um lazarista polonês não saberia nesse lugar atender à religião e ao polonismo. Os conscientes desse passado nessa semiliberta colônia atribuem essas dissensões e disputas às antigas influências de um líder social ali conhecido e do seu protegido Pe. Anusz⁵⁰, antigo pároco, cuja carreira sacerdotal encerrou-se de forma escandalosa. Na cidadezinha de Araucária reside também o oftalmologista Dr. Szymański, professor da Universidade.

Tive uma impressão muito agradável na segunda colônia liberta – Afonso Pena. Na realidade ela ainda se encontra entre as mais jovens, na qual as famílias dos colonos trabalham ainda nos primitivos lotes de 6 acres de terra pouco fértil, e é muito pobre. A proximidade da cidade de Curitiba, a possibilidade de nela ganhar dinheiro, o fato de intelectuais poloneses financeiramente independentes possuírem nessa colônia os seus lotes, para terem as suas propriedades e chácaras e, graças a essas circunstâncias, o contínuo contato com os intelectuais têm exercido influência positiva no desenvolvimento dos colonos, cuja mentalidade é muito simpática. A história do surgimento dessa colônia é interessante e instrutiva, e lisonjeira para o polonismo. A gênese do surgimento dessa colônia é uma espécie de Panamá. Em 1907, vende ao governo estadual a sua fazenda, a atual colônia Afonso Pena, o coronel Müller, após um adequado acordo com o então Secretário de Agricultura. O preço da compra foi muito elevado. Essa repartição decide criar nessa propriedade uma colônia “modelo” e, visto que a pequena propriedade era muito apropriada ao cultivo intensivo, foi dividida em pequenos lotes de 6 acres, onde foram estabelecidos, trazidos ao custo de muito dinheiro, os cultos suíços, aos quais se ajudou, também à custa de muito dinheiro, na construção de bonitas casas. Os suíços estabeleceram ao lado das casas belos pomares, mas, tendo-se convencido rapidamente das más condições, evaporaram como a cânfora. O Secretário da Agricultura não teria então com que exhibir-se diante dos visitantes de Curitiba, dos dignitários locais e estrangeiros. Assim, querendo ou não, ele assenta ali os honrados poloneses, que pelo seu trabalho perseverante levam com o tempo a colônia a certo florescimento. No prédio

49 José Anusz (1873-1949), padre, veio ao Brasil em 1903 e foi pároco em Araucária. Em 1916 secularizou-se e viajou a Porto Alegre; líder polônico.

| Artigos

escolar, em honra do Legado houve uma apresentação amadora, e os alunos da escola apresentaram um bonito espetáculo de balé. Os numerosos colonos do interior e da cidade continuaram a divertir-se ainda por longo tempo após a partida do Legado.

Vivenciei momentos de muita emoção ao entrar nas praças repletas de multidões, de aspecto tão familiar, tendo em volta a igreja, a escola e a casa paroquial, nas antigas, grandes e florescentes colônias Órleans (mais de 1 000 famílias), Abranches (mais de 500 famílias) e Tomás Coelho (cerca de 1 000 famílias).

À distância de alguns quilômetros das colônias encontravam-nos escoltas de honra a cavalo com os seus estandartes; os sinos das igrejas e o espocar dos foguetes, aqui tão populares, anunciavam a alegre nova da ressurreição da Pátria e a vinda do Seu Enviado. Fileiras de louras crianças polonesas, jogando flores aos pés do Representante da República, o desfile até a igreja, a solenidade do pão e o sal, os discursos diante da casa paroquial, as apresentações infantis nos belos prédios escolares dirigidos por Irmãs polonesas, seja da Congregação de Maria, seja da Congregação de S. Vicente de Paulo, o verdadeiro patriotismo e a alegria que se refletiam nos rostos tão poloneses dos colonos, a aparência e o espírito tão poloneses da juventude nascida e crescida no exterior, permanecerão como caras e indeléveis impressões e lembranças para aquele que vivenciou esses sublimes momentos e traçou estas palavras. Nessas antigas colônias, de 40 ou 50 anos de idade, pelas quais se interessou e que visitou ainda o Imperador do Brasil D. Pedro II, os primitivos lotes há muito tempo estão pagos. A propriedade dos colonos poloneses cresceu, o bem-estar se estabeleceu, o futuro material está garantido, da mesma forma que por algumas gerações o futuro nacional. Em toda a parte nessas colônias são mencionados com reconhecimento os nomes de compatriotas a quem a serviço estrangeiro coube por ofício prestar assistência aos colonos, e que com diligência e civismo dessas tarefas deram conta. Os nomes Haller, Okęcki, Bertoni têm ali um honroso registro.

Devo mencionar o banquete oferecido pelo Presidente do Governo Estadual em honra do Representante Polonês, gentileza a que também respondi com um banquete. Além dos discursos, as conversas inevitáveis nesses festins aproximam os agentes dos quais em parte depende o destino

Artigos

dos emigrados.

Após seis dias de – devo confessar – da bastante repleta estada em Curitiba, viajei a São Paulo para me encontrar com o Ministro Bertoni.

Concluo com o que iniciei. Este relatório não tem a pretensão de ser um retrato exato das colônias polonesas no Paraná. Relatórios de seções distintas, conscienciosamente elaborados, serão enviados em separado. A respeito de uma coisa posso neste momento informar com plena consciência, isto é, a respeito da inspeção do Consulado, que durou várias horas e da qual tive uma tranquilizadora e proveitosa impressão. Trata-se de uma repartição imbuída de espírito cívico. O registro continua. Foram registrados mais de 15 mil cidadãos. A contabilidade é feita de forma exemplar. De espírito partidário há relativamente pouco, embora certos indivíduos acusem disso o Consulado; mas não tive a possibilidade de disso convencer-me. Vou me empenhar pela preservação da estrita neutralidade, tanto na Legação como no Consulado. Foi agradável ouvir de alguns membros da colônia, conhecidos por pertencerem à Democracia Nacional, expressões de reconhecimento à ação apaziguadora das desavenças políticas promovida pelo Consulado. Agradar a todos não é possível.

ORŁOWSKI

RESUMO – STRESZCZENIE

Krzysztof Smolana, udostępnia nam sprawozdanie, jakie Ksawery Orłowski - pierwszy poseł Rzeczypospolitej Polskiej w Brazyli przesłał do Ministerstwa Spraw Zagranicznych w Warszawie. We wspomnianym dokumencie przedstawiciel Polski przedstawia swoje obserwacje ze spotkań ze społecznościami polonijnymi w miastach, a także w głębi brazylijskich stanów São Paulo i Paraná.

**UMA IMIGRAÇÃO OCULTA:
AS EXPERIÊNCIAS POLONESAS NO BRASIL
COMPARADAS COM A IMIGRAÇÃO
NOS ESTADOS UNIDOS**

*Anna DVORAK **

A imigração polonesa às Américas tem sido menos estudada que a imigração dos outros grupos étnicos. DECOL (2004) examina especificamente como e por que a história da imigração polonesa se encontra menos representada na literatura. De acordo com esse autor, a principal razão é a situação política na Europa Centro-Oriental durante o período “áureo” da imigração, quando a Polônia esteve dominada por três impérios expansionistas: a Rússia, a Alemanha e a Áustria. A Polônia desapareceu do mapa político da Europa no final do século XVIII, tendo reaparecido somente após a Primeira Guerra Mundial, quando o colapso das potências imperiais resultou no aparecimento num grupo de nações-estados independentes da Áustria e da Alemanha no oeste e da Rússia no leste (MENDELSON, 1983).

Muitos diferentes obstáculos físicos afetaram os colonizadores europeus quando eles chegaram aos Estados Unidos e ao Sul do Brasil. A reação inicial dos colonizadores foi que as terras estrangeiras, em relação à pátria deles, a Polônia, não eram atraentes, e a ocupação dessas terras relativamente desabitadas foi vagarosa. Contudo, essa percepção mudou com o decorrer do tempo.

Neste estudo, vou comparar as experiências e os pensamentos dos imigrantes poloneses no Sul do Brasil e nos Estados Unidos (EUA). A metodologia de pesquisa deste trabalho inclui entrevistas pessoais não estruturadas, arquivos de documentos familiares e registros pessoais. Um importante componente da metodologia de pesquisa desta análise é uma tradução anotada (KULA, ASSORODOBRAJ, 1986) de cartas escritas por imigrantes poloneses no Brasil e nos Estados Unidos enviadas à Polônia nos

* Universidade da Califórnia, Los Angeles, Estados Unidos.

Artigos

anos 1890-1891: *Writing Home: Immigrants in Brazil and the United States 1890-1891* (Escrevendo para casa: Imigrantes no Brasil e nos Estados Unidos 1890-1891). Essas cartas ajudam a demonstrar como os obstáculos históricos, físicos e sociais contribuíram para uma comunidade/identidade polonesa mais forte e para expressar a experiência inicial dos imigrantes poloneses tanto no Brasil como nos EUA.

Um dos temas recorrentes nessas cartas, diários e documentos pessoais são os valores que os imigrantes poloneses mais apreciavam e que permitem perceber o significado da identidade polono-brasileira e polono-americana e como ela se distinguia no Brasil e nos EUA. As cartas descrevem características da vida sociocultural no Brasil e nos EUA às quais se supunha que os imigrantes poloneses deviam adaptar-se através da assimilação. Essas cartas também revelam as expectativas dos imigrantes poloneses de como essas adaptações deviam ser realizadas. Portanto, essas cartas fornecem uma visão do sistema de valores, dos processos da imigração/assimilação e das forças e fraquezas do ambiente cultural polonês focado no Brasil.

Nessa correspondência, os poloneses também escreviam a respeito dos imigrantes poloneses das ondas imigratórias anteriores nos EUA e no Brasil, que significavam uma grande ajuda aos recém-chegados. Essa ajuda foi útil para a constituição de uma comunidade polonesa mais forte e mais sadia. O grande sentido da ajuda e da unidade é uma das principais características que definem a cultura polonesa. Os poloneses são geralmente percebidos como “hospitais” pelos outros, mas a solidariedade é um traço específico que caracteriza a identidade polonesa.

Brasil Meridional: Fatores de impulso e atração da imigração

Historicamente, a maior parte das terras no Brasil tem sido organizada em forma de grandes propriedades, plantações ou fazendas. A introdução dos imigrantes europeus no Brasil meridional e o seu posterior estabelecimento na terra, em pequenas comunidades agrícolas, teve um impacto significativo na mudança da paisagem física e, de maneira geral, no sistema agrário utilizado nessa região do Brasil.

| Artigos

O Brasil meridional tinha certa significação geopolítica, e muitas pessoas estavam conscientes do seu potencial como uma “fronteira de colonização agrícola”. Por isso, a administração colonial desempenhou um papel ativo na organização das áreas de colonização nos meados do século XIX. A imigração europeia e o plano brasileiro de “colonizar” o Sul levaram ao surgimento pioneiro de diferentes modelos de colonização nessa região. Esses processos de colonização tiveram um grande impacto na paisagem, afetando a geografia do Brasil meridional até os dias de hoje. Em outras partes do Brasil, os assentamentos coloniais anteriores não europeus geralmente não eram planejados e dependiam de grandes concessões de terras.

Os primeiros imigrantes poloneses vieram ao Brasil de uma pequena cidade na Polônia meridional chamada Opole, na região da Alta Silésia, em 1869. Eram apenas umas poucas famílias, que foram as primeiras a terem o transporte oferecido ao Brasil. Em muitas cartas endereçadas à Polônia, esses emigrantes enfatizavam como tinha sido importante para eles ter a “passagem grátis” para as suas famílias e a oportunidade de permanecerem com suas famílias durante toda a viagem, o que nem sempre acontecia com os imigrantes poloneses nos EUA (KULA, 1986). O mês de agosto de 1869 assinala o verdadeiro começo do movimento emigratório polonês, consistindo principalmente de camponeses da Polônia, que emigravam por fatores de atração econômicos, bem como pelos fatores de impulso políticos descritos na introdução. Esses imigrantes foram convidados por Edmundo Sebastião Woś-Saporski, um polonês da Silésia (Opole), que chegou a ser conhecido como o “Pai da imigração polonesa no Brasil”. Em 1867 Woś-Saporski embarcou no navio “Emma” para Paranaguá, que ele escolheu como o primeiro destino da sua viagem. O seu objetivo era estabelecer-se na Argentina ou no Uruguai, com o objetivo de ajudar os seus compatriotas. Depois de ter vivido em Montevideú por um ano, em 1868 ele voltou ao Brasil e estabeleceu-se em Gaspar, perto da colônia alemã de Blumenau, em Santa Catarina, onde se encontrou com o Pe. Antônio Zieliński. Esse padre era um sacerdote polonês que tinha vindo ao Brasil em 1865. Pouco tempo depois, Woś-Saporski mudou-se para o Paraná, submeteu-se a um exame e tornou-se agrimensor. Os seus esforços para organizar um centro para a emigração polonesa nos arredores

Artigos

de Curitiba foram grandes e contribuíram para ele ser conhecido como o “Pai da colonização polonesa no Paraná”.

No Paraná, companhias colonizadoras oficiais e particulares estavam planejando a colonização pelo desbravamento da terra, construção de barracas e preparo do plano de colonização. Os imigrantes poloneses recebiam o equipamento agrícola, suprimentos de animais e sementes e, principalmente, pequenos lotes de terra. Esses assentamentos contribuíram para o surgimento de uma forma distinta de colonização, tendo dado início a uma forma de colonização que se tornou mais importante ainda no século seguinte. Além disso, visto que esse sistema dependia do trabalho dos imigrantes poloneses e não do trabalho escravo, ele deu início a assentamentos poloneses sem paralelo. O assentamento rural polonês familiar tornou-se uma marca distinta no Brasil do final do século XIX e no início do século XX, com significativos impactos que ainda afetam o Brasil meridional. Esses impactos incluem mudanças físicas na paisagem, mas, principalmente, influências sociais na cultura brasileira. No entanto, o presente estudo pretende mostrar como a identidade dos poloneses mudou com base nas influências externas da cultura brasileira e no ambiente, inclusive no cenário rural e urbano.

Os programas patrocinados pelo governo forneceram um benefício inicial aos imigrantes poloneses, que contribuíram para tornar o Brasil meridional mais produtivo. Jean Roche, um geógrafo francês, analisa o papel de instituições como os consulados brasileiros, que em 1865 se ofereceram para cobrir as despesas do transporte ao Brasil com o objetivo de atrair imigrantes que de outra forma se dirigiriam aos Estados Unidos (ROCHE, 1969, 101). Além disso, esse autor examina o papel dos promotores da política no processo dos incentivos fornecidos aos imigrantes, incluindo subsídios. Subsídios eram oferecidos aos imigrantes para serviços como hospedagem e comida durante o trânsito e financiamento para a aquisição de sementes. No entanto, esses subsídios eram reduzidos e/ou cortados em intervalos de alguns anos, em razão das incertezas que os promotores da política tinham com o processo do orçamento (ROCHE, 1969, 123).

Os imigrantes poloneses normalmente começavam com mais capital humano e estavam mais acostumados com a ideia da instrução pública e da

| Artigos

educação formal do que os brasileiros locais no século XIX. Por exemplo, estudos apontam que os imigrantes europeus, inclusive os poloneses, tinham melhor habilidade para a aritmética do que os brasileiros nativos (STOLZ, BATEN e BOTELHO, 2010).

Polônia: o papel da política

As cartas de *Escrevendo para casa*, acompanhadas de dinheiro, bilhetes de navio e folhetos de informação, foram escritas por emigrantes da “Polônia do Congresso”, que se estabeleceram principalmente no Brasil meridional e no leste dos Estados Unidos. Em razão da falta de instrução dos emigrantes, muitas cartas foram escritas por outros (imigrantes alfabetizados), e não pelos signatários.

Muitos emigrantes eram originários da província de Płock, na fronteira russa. Os fatores de impulso incluíam a busca da fuga de duas aflições, do governo russo e da pobreza rural. Muitas vezes as cartas eram confiscadas pelos censores tzaristas, visto que a emigração daquela parte da Polônia era ilegal. As autoridades buscavam impedir uma “torrente dissimulada” através da fronteira à Polônia ocupada pela Alemanha e aos portos alemães. Portanto, quaisquer cartas que expressassem ideias favoráveis a respeito do Brasil ou que abertamente estimulassem as pessoas ou lhes ajudassem a emigrar, juntamente com conteúdos como bilhetes ou dinheiro, eram imediatamente confiscadas.

Josephine Wtulich expressa na introdução de *Escrevendo para casa* que “os imigrantes vinham com a expectativa de reter alguns dos seus hábitos culturais estando rodeados por estranhos” (KULA, 1986, 33). Algumas cartas expressam quais “hábitos culturais” em particular eram praticados, bem como perdidos. O presente estudo vai discutir como essas mudanças afetaram a identidade polonesa nos imigrantes poloneses em ambos os países.

Uma questão importante a ser considerada é a alteração dos sobrenomes poloneses nos documentos oficiais naquele tempo (GLUCHOWSKI, 1927, 20). Alguns desses sobrenomes incluem os Smolka, Wilk e Bogdan, que oficialmente ingressaram como “alemães”. Além disso, é importante mencionar que os

Artigos

dados estatísticos relacionados com a imigração no Brasil meridional não distinguem os poloneses como um grupo significativo nem mostram as áreas onde eles se estabeleceram. Isso ocorre não apenas porque lhes eram atribuídos sobrenomes alemães, mas também porque eram incluídos entre os imigrantes de origem eslava que incluíam os russos, iugoslavos e outros de menor significado estatístico. De fato, era comum os imigrantes poloneses virem ao Brasil com passaportes e cidadanias da Áustria, Alemanha ou Rússia, e eles eram registrados como cidadãos pertencentes a esses países nos registros e nas estatísticas do governo (WACHOWICZ, 1981). Especialmente os poloneses da “Polônia do Congresso” eram colocados na mesma coluna dos lituanos e dos alemães da região do Volga. Os emigrantes da área de Poznań, bem como da Prússia, eram registrados como alemães, e os poloneses da Galícia eram registrados, juntamente com os italianos e dálmatas (hoje croatas), como austríacos.

Somente através de um detalhado exame das listas oficiais dos nomes dos emigrantes se tornaria possível obter indícios a respeito do número aproximado dos emigrantes poloneses no Brasil e nos Estados Unidos. É certo, no entanto, que o influxo dos imigrantes alcançou números maiores no Brasil que nos Estados Unidos. O governo do Brasil tinha dificuldades para enfrentar esse fator. As autoridades encarregadas da organização do movimento polonês no Brasil estavam despreparadas e não podiam atender às mais simples necessidades das massas de imigrantes que chegavam, não tendo preparado uma quantidade suficiente de alojamentos no país, nem suprimentos seguros de alimento e de remédios.

Fatores de atração: EUA *versus* Brasil

No final do século XIX, o Brasil envidou maiores esforços que os EUA para trazer imigrantes europeus. Muitos imigrantes europeus assinalavam isso nas suas cartas para o país de origem. Numa carta a sua mãe, Eduardo Bartz escreve: “Eu não quero aconselhar a ninguém a ir à América” (KULA, 1986, 185), e isso estava em parte relacionado com a falta de programas e de políticas imigratórias, de que os imigrantes necessitavam nos Estados

| Artigos

Unidos. Ao contrário, no Brasil os imigrantes europeus mencionavam nas cartas muitos dos inesperados benefícios que eles recebiam. Numa carta a sua esposa e filhos, A. Bakalarski comentava que até “o correio tinha que reembolsar o dinheiro” devido pela franquia postal dos imigrantes (KULA, 1986, 69). As políticas dentro do Brasil contribuía muito para a definição de muitas tendências imigratórias.

Diferentemente dos Estados Unidos, onde os imigrantes poloneses participavam de uma variedade de setores econômicos, o núcleo da colonização polono-brasileira era sem dúvida a das pequenas propriedades no Sul do país. Nos Estados Unidos, os imigrantes poloneses faziam parte de uma onda bem mais ampla de transformação social e econômica.

Enquanto nos Estados Unidos companhias particulares eram as principais promotoras da imigração europeia e de famílias de imigrantes poloneses, eram as elites que promoviam a imigração do trabalho livre da Polônia ao Brasil. Elas tiveram basicamente melhor sucesso nas áreas relativamente vazias do Sul. De maneira especial, o Brasil meridional era mais receptivo e acessível aos imigrantes poloneses do que qualquer outra parte do país. Nos Estados Unidos, os imigrantes poloneses se estabeleceram numa variedade de lugares, desde o Meio-Oeste rural até as altamente povoadas cidades da Costa Leste.

As elites brasileiras fizeram um esforço maior que os EUA para trazer os imigrantes poloneses ao país. Elas começaram a estabelecer um relacionamento com a Polônia enviando folhetos de propaganda que enfatizavam a “beleza” e o “caráter europeu” do país. O Brasil estava buscando reinstalar os seus antigos “ocupantes” europeus através da pesada promoção da imigração europeia, especialmente polonesa, às suas terras. Novas campanhas e promoções da imigração polonesa ao Brasil meridional para “branquear o país” predominaram mais uma vez nos anos entre o final da “febre brasileira” e a nova intensificação da emigração europeia no início do século XX.

É importante assinalar que os três estados meridionais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, têm-se transformado nas mais características paisagens no Brasil (DICKENSON, 1982).

Artigos

A maior parte da política imigratória brasileira se concentrava em povoar o interior do país com poloneses, conferindo ênfase especial às “terras vazias do Sul”, com a ajuda da colonização planejada. Os dois métodos que podiam ser atribuídos à colonização dessas “novas terras” eram a colonização oficial e a colonização particular (facilitada por uma empresa ou uma pessoa particular).

O governo brasileiro subsidiou os assentamentos de imigrantes europeus (não ibéricos) nas áreas rurais do Brasil meridional entre 1924 e 1918, dando atenção especial ao estado do Rio Grande do Sul. Durante a primeira experiência com assentamentos oficiais, o governo proporcionou apoio aos imigrantes poloneses, incluindo o transporte de um porto da Europa até uma colônia, 77 hectares de terra para cada família, animais domésticos e ajuda financeira por um ano (ROCHE, 1969, 95).

Os programas brasileiros apoiados pelo governo forneceram inicialmente mais benefícios aos imigrantes poloneses no Brasil que nos EUA e contribuíram para rápidas mudanças no Brasil, tornando a parte meridional do país mais produtiva. Um exemplo de como os poloneses tornaram o Brasil mais dinâmico era o de terem eles utilizado a sua educação mais elevada e o capital adquirido na Polônia.

A economia colonial e imperial brasileira era constituída principalmente por dois setores, organizados numa estrutura dupla: uma delas, representada pela agricultura comercial em larga escala de cultura única, dominava o cultivo de bens de consumo para os mercados externos, incluindo açúcar, café e algodão; a outra era representada pela agricultura de subsistência, produzindo um excedente mínimo de alimentos para o consumo local e os assentamentos rurais (orientados para a agricultura comercial). A prioridade era satisfazer as necessidades dos segmentos populacionais nas várias atividades agrícolas, e apenas secundariamente a dos habitantes dos centros urbanos (TOPALOV, 1978), ao passo que nos EUA ocorria o contrário.

Independentemente da estrutura da qual os imigrantes poloneses passaram a participar no Brasil, eles contribuíram para a transformação das paisagens de florestas em terras cultivadas. As colônias eram localizadas em áreas remotas e isoladas (longe da sociedade brasileira), o que lhes permitiu

| Artigos

preservar as suas tradições locais, inclusive a língua e os dialetos de origem, mais do que nos EUA.

A reação inicial dos imigrantes poloneses diante do Brasil meridional foi a de que se tratava de uma terra estranha. Contudo, uma vez que se estabeleceram juntos em comunidades isoladas, o potencial para a preservação da sua identidade cultural polonesa e da sua solidariedade grupal foi mais forte do que nos EUA, onde os imigrantes poloneses estavam menos isolados. Em grande parte, a forma como as comunidades se mantiveram estreitamente unidas foi a prática da agricultura de subsistência e os recursos tecnológicos que ajudaram os assentamentos agrícolas a permanecerem produtivos no nível de uma agricultura em pequena escala.

O papel das condições físicas nas experiências dos imigrantes poloneses

Alguns assentamentos poloneses desenvolveram-se vagarosamente, e muitos imigrantes voltaram à Polônia, às vezes expressando as suas experiências insatisfatórias no Brasil, não vendo nele um bom país de imigração (LASOCKI, 1967, 20). Muitas vezes os poloneses criticavam o “insalubre clima tropical” do Brasil, ao qual eles não eram capazes de se adaptar. Nos EUA, muitos imigrantes poloneses tiveram mais facilidade de se adaptar a condições climáticas mais semelhantes. Além disso, os imigrantes se queixavam das terras inférteis, da distância dos mercados, da falta de estradas e dos contratos difíceis no Brasil, que faziam parte de um sistema inadequado e complicado de reembolso. Esses imigrantes também tinham problemas com os seus produtos, que eram enviados aos mercados urbanos a preços não compensadores, fazendo-lhes sentir a inutilidade do seu trabalho. De fato, a renda dos camponeses poloneses muitas vezes era insuficiente para lhes garantir os necessários produtos manufaturados para a vida diária.

Apesar de todas essas dificuldades, em razão das quais os imigrantes diziam em suas cartas que “suavam mais em um dia do que em uma semana na terra natal” (KULA, 1986, 65), principalmente no trabalho físico de desbastar as terras, eles preferiam esse trabalho duro num ambiente não familiar à falta de liberdade e de oportunidades na terra natal, que para a maioria deles era a

Artigos

“Polônia do Congresso”. Por outro lado, muitos desaconselhavam a vinda ao Brasil, dizendo que “há pouco lucro e o trabalho é pesado” (KULA, 1986, 105).

Alguns imigrantes expressavam em suas cartas que o sistema e o “assentamento” (LASOCKI, 40) nos EUA eram mais organizados. Um dos mais difíceis desafios no Brasil, que os imigrantes não tinham que enfrentar nos EUA, era como passar da agricultura de subsistência ao mercado. De fato, a renda dos camponeses poloneses muitas vezes não era suficiente para lhes fornecer os necessários produtos manufaturados para o uso diário. Essa situação não melhorou até a Primeira Guerra Mundial, quando as comunicações no país melhoraram e os produtos tiveram o seu valor aumentado nos mercados externos, o que melhorou a economia doméstica.

Os agricultores poloneses, tanto no Brasil como nos EUA, expressavam o seu entusiasmo com o potencial da nova terra, que tinha o solo fértil, clima favorável e água e terras boas para o cultivo familiar dos cereais. Apesar dos diversos obstáculos existentes, quando os colonos poloneses no Brasil meridional transformaram a floresta virgem em terras cultiváveis, eles se apegaram ao seu próprio pedaço de terra. Essa era uma terra para o uso deles mesmos: podia ser cultivada com o seu próprio trabalho e podia fornecer o sustento para a própria família. A posse da terra proporcionou aos poloneses a liberdade e eles sentiam que a sua vida e as suas condições de camponeses significavam uma grande melhora em comparação com as condições na Polônia natal: “Havia, para quem quisesse, suficiente trabalho, comida e bebida, sem demasiado esforço, como para os fazendeiros que eles tinham conhecido na Europa!” (DE BONI, 1977, 41). Apesar de a colonização polonesa não ter sido tão bem planejada e organizada como a italiana ou a japonesa, ela desempenhou um importante papel no Brasil. Aqueles que escreviam do Brasil haviam ido para lá principalmente para cultivar a sua própria terra e escreviam como eles puderam adaptar-se à agricultura no Brasil “cada vez mais facilmente com o passar do tempo” (KULA, 1986, 40).

Embora a maioria dos poloneses não tivesse antecipado o grau de “aspereza” da terra na qual teriam de passar anos desbravando-a e tornando-a cultivável pela primeira vez, muitas cartas demonstram um forte elemento pioneiro entre os imigrantes poloneses. Um imigrante observa que “o Brasil

| Artigos

vai ser melhor por causa dos pioneiros poloneses” (KULA, 1986, 40). Em compensação, os imigrantes esperavam que a vida deles seria melhor no Brasil do que tinha sido na Polônia, apesar das dificuldades que eles enfrentavam: “Nos primeiros anos, nós vamos trabalhar muito, mas, se Deus nos conceder saúde, então graças a Deus esperamos ter uma vida melhor do que a de um *pan* [senhor] numa boa fazenda na Polônia” (KULA, 1986, 60).

Os imigrantes poloneses imaginavam cultivar os mesmos produtos e ter um elevado padrão de agricultura nas condições ideais que a região oferecia. No entanto, a experiência inicial deles levou a uma sensação de decepção. Em muitas cartas os poloneses descreviam como tinham de trabalhar duro para garantir para si algum sucesso. Numa dessas cartas, um colono diz que “Deus dá à gente um vida bem-sucedida, mas aqui é preciso trabalhar duro” (KULA, 1986, 153).

Nesse novo ambiente, que exigia novos processos, tais como o desbravamento da terra, os imigrantes poloneses não podiam adotar as mesmas práticas agrícolas com que estavam acostumados. Os imigrantes em geral, inclusive os poloneses, “passaram a copiar as técnicas e os cultivos dos luso-brasileiros, cultivando os produtos tradicionais, como o milho, a mandioca e o feijão, num sistema de rotação de culturas” (GALLOWAY, 369).

Alguns poloneses comentavam como eram “diferentes” os métodos de trabalho no Brasil meridional (KULA, 1986, 77) e muitos acabavam descobrindo que esse trabalho era difícil. Contudo, após alguns anos, poucos se queixavam do “trabalho difícil”, quando viam que “há abundância de leite [e mel], e a cerveja também não falta, mas a gente tem que trabalhar duro para isso” (KULA, 1986, 145).

Ainda que os imigrantes poloneses tivessem promovido algumas “melhorias na agricultura” (GALLOWAY, 369), em povoados rurais como Santana, no Paraná, ganhando mais acesso aos mercados brasileiros, muitas comunidades polonesas ainda lutavam para se inserir numa economia agrícola comercial. Em razão disso, os colonos poloneses começaram cultivar a batata e o centeio para alimentar o gado e criar porcos. Apesar dos seus esforços para se integrarem no sistema agrícola brasileiro, essas comunidades polonesas continuaram a permanecer isoladas, diferentemente das suas

Artigos

equivalentes polono-americanas, sem nenhuma outra alternativa a não ser o desenvolvimento de uma economia baseada na subsistência, mantendo poucos contatos com os centros urbanos da região (WACHOWICZ, 1972; WAIBEL, 1979).

Só um pequeno número de imigrantes poloneses com experiência no trabalho agrícola achou atraente a ideia de se estabelecer em fazendas. Por isso, a maioria dos poloneses foi encaminhada ao Paraná para a agricultura mista, onde os colonos poloneses e as suas famílias estavam organizados em núcleos que deviam tornar-se o modelo para os assentamentos futuros. Enquanto muitos imigrantes poloneses nos EUA eram artesãos ou “intelectuais”, que chegavam a trabalhar em respeitáveis instituições e universidades, poucos imigrantes poloneses foram ao Sul do Brasil para trabalhar em cidades como Curitiba.

As notícias sobre os programas de subsídio no Brasil atraíam poloneses das aldeias e das cidades, principalmente das províncias ocidentais de Płock e Kalisz. Entre esses poloneses que se estabeleceram no Paraná entre 1890 e 1891, somente 20% eram agricultores (KULA, 1986, 26). Ainda que a maioria dos poloneses tivesse trabalhado como operários de fábricas ou artesãos nos centros industriais da Polônia, Łódź e Varsóvia, no Paraná a maioria deles (cerca de 80%) trabalhou na agricultura, em seus próprios lotes (KULA, 1986).

Alguns estudiosos enfatizam que os camponeses sem terra da Polônia e trabalhadores rurais predominaram nos primeiros anos da “febre brasileira” (KULA, 1986, 26). Alguns proprietários de terras (de propriedades tipicamente menores que de dois hectares) na Polônia também participaram da emigração ao Sul do Brasil e aos EUA; contudo, essa categoria de poloneses foi relativamente pouco representativa. De fato, em todos os distritos da Polônia, exceto Ciechanów e Sierpc, o número dos emigrantes sem terra ultrapassou o dos emigrantes donos de terras, bem como o dos trabalhadores agrícolas (GRONIOWSKI, 1971, 45).

Experiências pessoais

Em diversas cartas escritas pelos imigrantes poloneses, os colonos

| Artigos

expressavam a sua sorte de serem os pioneiros na nova terra e não trabalharem na indústria nos Estados Unidos (KULA, 1986). A primeira tentativa de criar uma colônia no Brasil meridional foi feita por 16 famílias polonesas da Alta Silésia que vieram a bordo do navio “Victoria”. Esses poloneses foram desalojados da área da Opole e vieram com alemães que estavam sob o domínio da Companhia Hanseática em Hamburgo. Em muitas cartas, os imigrantes também falavam da sorte que tiveram por permanecerem com suas famílias. Especialmente os emigrantes da “Polônia do Congresso” que tinham o desejo de se estabelecer como agricultores no Sul do Brasil tinham mais possibilidade de partir e viajar com suas famílias, o que era uma condição para que lhes fosse concedido o transporte e outros benefícios (KULA, 1986, 7). Quando chegavam às colônias, escreviam cartas estimulando seus familiares e amigos a se juntarem a eles: “Peço a todos vocês [a toda a família] que venham, e não lhes peço mais nada” (KULA, 1986, 46), enquanto outros apelavam: “Todos vocês deveriam estar comigo, para que possamos nos ajudar mutuamente, como uma verdadeira família” (KULA, 1986, 22). Esses pedidos eram apresentados enquanto o governo brasileiro cobria as despesas (KULA, 1986, 7).

Para aquelas famílias que não emigravam juntas, um marido recomendava à esposa e aos familiares que viessem: “Pense bem nisso [...], [se você deve] com tantos filhos fazer uma viagem tão longa. Não estou dizendo que você tem que fazer isso. Pense nisso você mesma” (KULA, 1986, 9). Era especialmente difícil para os imigrantes que viajavam sozinhos superar a barreira linguística. Muitos imigrantes falavam nas cartas como a falta de qualquer conhecimento do português tornava a vida no Brasil difícil, especialmente em comparação com outros imigrantes que vinham de países de línguas românicas (KULA, 1986). Esse não era um problema tão significativo nos EUA, visto que muitos imigrantes vinham de todas as partes do mundo.

Para os emigrantes que tinham deixado a Polônia para ganhar a vida em tarefas não agrícolas, a comunicação no local do trabalho tornava-se um obstáculo na medida em que muitos poloneses se opunham à ideia de aprender o português. Um imigrante do Brasil escrevia em sua carta: “No começo tem sido difícil para mim devido à língua e porque aqui se faz a carpintaria de

Artigos

outra maneira. Eu falo não muito mal o alemão. Falo também um pouco de português e italiano, e as coisas vão indo bastante bem para mim” (KULA, 1986, 18). Além disso, as cartas que descrevem o processo contribuíam para a mudança de atitudes na Polônia, como um emigrante explica: “Visto que sou velho e fraco, eu teria sofrido muitas privações se não tivesse sido educado em alemão” (KULA, 1986, 177). Em algumas cartas, havia palavras de estímulo aos poloneses capazes de falar o alemão: “Ele poderia ganhar um trabalho na sua própria profissão e ganhar um bom dinheiro” (KULA, 1986, 167) e “[...] minha irmã, mas só se ela também falasse o alemão” (KULA, 1986, 211).

Em consequência disso, oportunidades econômicas e avanços na carreira eram acessíveis no Brasil àqueles que estavam dispostos a aprender a língua, bem como preparados para aprender novos costumes e abrir-se a certo grau de assimilação. Dedicando algum tempo ao aprendizado do português, os imigrantes poloneses sentiam que isso realmente ajudava no processo de “atingir o seu objetivo” (KULA, 1986, 177). Portanto, os imigrantes poloneses mais bem-sucedidos eram aqueles que se dispunham a adaptar-se à língua no mercado de trabalho. Em povoados rurais, tais como Santana, por outro lado, os imigrantes não sentiam nenhuma pressão da parte da população nativa para aprender o português (antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial).

Os imigrantes escreviam nas cartas a familiares e amigos aconselhando-os a trazer com eles a sua roupa, visto que esse era um produto caro no Brasil; muito mais que nos EUA (KULA, 1986, 36-57). Vestir-se bem estava associado ao sucesso no emprego: “Eu estou indo bem agora. Tenho alguma coisa para vestir” (KULA, 1986, 188).

Os poloneses que vinham sem experiência agrícola, como os operários das fábricas de Żyrardów, achavam difícil a vida agrícola, como em Santana, como comenta um imigrante: “Aqui no Brasil é muito bom, mas não para todos. Bons artífices, tais como carpinteiros ou serralheiros, podem ganhar um bom dinheiro e a situação deles é boa. Mas, para certos operários comuns, isto é, para aqueles que vieram ao Brasil para trabalhar na agricultura, eles continuam muito pobres, quase morrendo de fome” (KULA, 1986, 17). Apesar das técnicas agrícolas trazidas da Polônia, trabalhar no Brasil, adaptar-se às condições locais era o que atrapalhava os imigrantes poloneses mais que

| Artigos

qualquer outro fator. Essas condições incluíam o clima, o nível primitivo da tecnologia agrícola e a quantidade inadequada de implementos agrícolas, sementes e animais domésticos, além do isolamento. Era isso que fazia com que alguns poloneses se adaptassem mais facilmente nos EUA do que no Brasil.

Havia também o fator do isolamento “num ambiente fronteiriço capaz de promover uma atitude de ‘fazer ou morrer’” (KULA, 1986, 42). Os poloneses foram bem-sucedidos na introdução de melhorias tanto nos métodos brasileiros como nos americanos. Especificamente, um imigrante descreve: “Aqui não se trabalha na terra como na Europa. Lá, a gente necessita de força; aqui talvez a gente necessite mais da técnica” (KULA, 1986, 6). A técnica principal dos imigrantes era a cultura do arado, como a praticada na Polônia. Mesmo os inexperientes expressavam a sua confiança: “Só o primeiro ano é difícil, isto é, até que a gente se estabeleça. Depois tudo vai ser mais fácil” (KULA, 1986, 20).

Muitos colonos poloneses comentavam como era “fácil” ficar num lugar inadequado: “Se a gente se estabelece num lugar ruim, pode se apegar a esse lugar” (KULA, 1986, 327). Isso acontecia mais no Brasil que nos EUA. Entretanto, os contatos de um imigrante recém-chegado com a comunidade polonesa tornavam-lhe mais fácil encontrar o “lugar certo”, o que podia exigir mais tempo e esforço sem esse tipo de ajuda. Enquanto alguns eram capazes de subir a “posições melhores”, outros realizavam um trabalho intermitente, o que obrigava a muitos a estar em constante mudança.

Muitos poloneses no Brasil se sentiam nesta situação: “Se Deus me der saúde, não vou ter do que me arrepender”, porque, “numa palavra, é melhor no Brasil do que na Polônia”. Mas enfatiza que uma das principais razões do sucesso é que “o governo ajuda em tudo” (KULA, 1986, 41). Do governo, os imigrantes poloneses recebiam terra, assistência financeira “até a primeira colheita” e implementos agrícolas, ferramentas de construção e material para a construção de uma casa. Isso era exatamente o contrário da experiência deles no “Reino do Congresso”, e o governo geralmente dava mais apoio no Brasil que nos EUA. Havia pouca ou nenhuma terra disponível para os camponeses poloneses nessa parte da Polônia ocupada. A *szlachta*

Artigos

[nobreza], a classe dominante, taxava toda terra e quase tudo que os poloneses compravam. Em diversas cartas (KULA, 1986), os imigrantes destacam como se sentiam felizes por não terem que pagar nada pela terra. Isso era uma verdade parcial, visto que a maioria dos poloneses vieram a saber que “por tudo isso [ferramentas, equipamentos] devem ser pagos ao governo 200 mil-réis por um período de 12 anos; mas, se alguém não dispuser desse dinheiro, então vai continuar pagando até morrer” (KULA, 1986, 53). Em apoio a isso, uma outra carta informa que “aqueles agricultores que estão aqui há 20 anos ainda não pagaram nem 3 *groszy* [centavos] em impostos”. Entretanto, no final os poloneses perceberam que “após algum tempo haverá algum imposto, mas vai ser muito pequeno. Um brasileiro nos disse que ele está estabelecido aqui já há 20 anos e até agora pagou [somente] 2 rublos”.

Uma das mais importantes prioridades para os poloneses era o direito a uma terra garantida. Uma terra “pela qual pode pagar até morrer”, que não era tão crucial como a possibilidade de o governo “mandá-lo embora da sua colônia se não puder fazer os pagamentos, e, principalmente, isso será propriedade sua”. Os poloneses queriam utilizar a sua própria terra “para o seu próprio uso” (KULA, 1986, 70). Eles sentiam que o seu sonho se havia realizado quando: “Eu recebi agora os papéis da minha terra, que foram assinados para toda a minha vida” (KULA, 1986, 34). A possibilidade de possuir um lote de terra de bom tamanho, variando de 100 *morgas* (= meio hectare) a 200 *morgas*, era um dos fatores mais atraentes para os poloneses. Obviamente, eles não sabiam do trabalho difícil que esse objetivo implicava. Tudo que os poloneses esperavam era a liberdade, e eles pensavam que podiam alcançá-la comprando terra e sendo livres de impostos. De fato, eles se sentiam especialmente contentes quando “a emancipação do governo [foi concedida] somente aos imigrantes poloneses” (KULA, 1986, 48).

As cartas revelam as expectativas que os imigrantes poloneses no Brasil tinham em relação ao papel do governo. Um imigrante analisa especificamente as vantagens do Brasil sobre a Polônia enfatizando o funcionamento do governo brasileiro: “Aqui vai ser mais fácil para você viver do que trabalhar na Polônia como um *wyrobek* [peão], porque nós poderíamos ganhar uma colônia e viver disso. Poderíamos viver aqui livres, sem nenhum

| Artigos

problema, porque o governo brasileiro cuida bem do seu povo. [E acrescenta que aqueles que estavam no Brasil havia cerca de] 20 anos não tinham pago sequer 3 *groszy* [centavos] em impostos” (KULA, 1986, 12).

Imigrar ao Brasil significava também uma oportunidade para progredir na vida. Esse era principalmente o caso de pessoas que haviam perdido as suas propriedades na Polônia, de poloneses que se encontravam sob o sistema de *szluzba* [servidão] ou que se encontravam na situação de *parobek* [trabalhador rural] (KULA, 1986, 181). Nesse caso, voltar à Polônia não era levado em conta, porque “eu ganho o suficiente para viver e ainda tenho alguns dólares sobrando no meu bolso” (KULA, 1986, 223). Na Polônia, havia o “medo de deixar o *obowiazek* [dever], com as possíveis consequências de *szluzba* [servidão] para os parentes” (KULA, 1986, 84). Os poloneses diziam aos que tinham ficado na terra natal: “Na Polônia [se diz] que vamos ser escravos [no Brasil], mas nós estamos livres; não estamos sujeitos a ninguém” (KULA, 1986, 29). Apesar disso, o sistema das fazendas, de fato, apanhou na armadilha alguns poucos imigrantes poloneses. “Queriam forçar-nos a sair deles [dos barracos], porque nós não queríamos submeter-nos à vida na fazenda, isto é, às pessoas importantes que detêm os direitos do café. Era difícil aguentar, porque fazia muito calor [...]. Na sua própria terra eles [os donos das fazendas] têm a liberdade de matar a qualquer um por desobediência!” (KULA, 1986, 72). Mas na maior parte das vezes os poloneses sentiam a “liberdade” no Brasil e viam nele uma terra de oportunidades. Essas noções são expressas em muitas cartas: “Querido Pai, não existe *poddanstwo* [servidão] aqui. Todo homem é livre”, porque todos eram “donos das suas propriedades como a nobreza na Polônia”. Essas eram algumas das razões que os imigrantes apresentavam e que faziam o Brasil um lugar melhor que a Polônia. “A liberdade e não ser *poddany* [servo] de ninguém” era visto como um importante privilégio que os poloneses apreciavam. De fato, os poloneses acreditavam que eles deviam alcançar o sucesso no Brasil porque “o governo ajuda em tudo” (KULA, 1986, 61).

Artigos

Bibliografia

DE BONI, Luís Alberto. *La Merica: Escritos dos primeiros imigrantes italianos*. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1977.

DECOL, René D. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999.

_____. *Uma história oculta: A imigração dos países da Europa Centro-Leste para o Brasil*, 2004.

DICKENSON, John P. *Brazil: The World's Landscapes*. Singapore: Singapore National Printers, 1982.

GALLOWAY, J. H. *The Sugar Cane Industry: An Historical Geography from its Origins to 1914*. London: Cambridge University Press, 2005.

GLUCHOWSKI, K. *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*. Warszawa, 1927.

GRONIOWSKI, Krzysztof; SKOWRONEK, Jerzy. *Historia Polski, 1795-1914*. Warszawa: Państwowe Zakłady Wydawnictw Szkolnych, 1971.

KULA, Witold; KULA, Nina Assorodobraj; KULA, Marcin. *Writing Home: Immigrants in Brazil and the United States 1890-1891*. New York: Columbia University Press, 1986.

LASOCKI, Stanislas. *Participation in Nation Building: Polish Immigration in Brazil*. Miami: UMI Dissertation Services, 1967.

MENDELSON, Ezra. Les migrations rurales dans le Rio Grande do Sul. *Annales. Économies, Sociétés, Civilizations*, 9 (4), 1954, 481-504.

STOLZ, Yvonne, JÖRG, Baten; BOTELHO, Tarcísio. *Growth Effects of 19th Century Mass*

| Artigos

Migrations: "Fome Zero" for Brazil? Mimeo, 2010.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *História do Brasil. História Geral*, 1972.

_____. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Casa Romário Martins, Fundação Cultural de Curitiba, 1981.

WAIBEL, Leo. European Colonization in Southern Brazil. *Geographical Review* 40 (4), 529-547.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka podjęła się próby porównania polskiej emigracji do Brazylii i Stanów Zjednoczonych.

Brazylia nie była dostatecznie przygotowana na tak dużą liczbę przybywających polskich osadników Natomiast Stany Zjednoczone miały inną politykę imigracyjną.

Publikacją tego tekstu pragniemy uczcić pamięć młodej intelektualistki polinijnej, która przed rokiem straciła życie podczas uprawiania niebezpiecznego sportu górskiego w USA!

PASSADO E PRESENTE DA COMUNIDADE POLONESA NO RIO DE JANEIRO

Aleksandra SLIWOWSKA BARTSCH *

I. Introdução

Em 2016 a Polônia completará 1050 anos como estado unificado. Um país que ao longo de mais de um milênio se traduziu em diferentes formas. As *polonais*, noturnos e estudos revolucionários de Chopin foram inspiradores da sutileza e do inconformismo. Sua filha Maria Sklodowska Curie, única cientista no mundo a receber dois prêmios Nobel em áreas distintas – física e química – fez de sua descoberta, o rádio, um auxílio singular nos campos de batalha da primeira guerra mundial, sendo capaz de uma atitude generosa ao não patentear o processo de isolamento do rádio, e que convenceu os franceses a construir pequenas unidades de radiologia portáteis, as chamadas *petit curies*, que pudessem ser carregadas em ambulâncias, ajudando os médicos nos campos de batalha, ambulâncias muitas vezes dirigidas pela própria Curie.

Uma nação que deu à Europa a sua primeira Constituição, promulgada em 3 de maio de 1791, por uma Assembleia Constituinte, que superou as velhas teorias da origem divina do poder. Seu conteúdo estabeleceu os poderes do governo em executivo, legislativo e judiciário, criou ministérios e proclamou a igualdade religiosa, dando garantias de integridade da Nação. Além disso, a Carta Magna estabeleceu a liberdade dos cidadãos, bem como que a administração das cidades deveria ter um perfeito equilíbrio, porque todo o poder emanava da vontade do povo.

* UFRJ/Universidade Candido Mendes/Unilasalle/Sebrae

| Artigos

Disse Rosseau: a Polônia pode ser classificada como a província especial de Marte, o Deus da Guerra. E o que teria forjado esta nação? Como teria se configurado este DNA? Qual força teria inspirado Norman Davies a afirmar que na Polônia pulsam os corações do mundo, enquanto Lenin afirmara que a Polônia independente era muito perigosa para a Rússia? Obstinação quase insana, esperança e um romantismo forjaram o povo numa mistura que lhe permitiu criar um escudo e resistir a tantos ataques em vários aspectos. Ser polonês, é viver em estado permanentemente alerta, é costurar sua História com as linhas retiradas dos uniformes de soldados de várias gerações, que quando nada mais lhes restava, ainda assim eram capazes de encontrar a força para avançar, apoiados na loucura que une os que sonham e lutam por uma pátria verdadeiramente livre e soberana.

Este sentimento tem permanecido ao longo de muitas décadas na diáspora polonesa no Rio de Janeiro, a qual foi composta por poloneses que fugiam dos conflitos e buscavam recomeçar suas vidas em terras mais promissoras. Embora o Brasil fosse o país onde corriam rios de leite e mel, o recomeço não foi dos mais fáceis. Idioma, costumes, clima, tudo colaborou para dificuldades até então inimagináveis em todas as cidades escolhidas.

A tendência então daqueles que imigraram em função de conflitos foi a união em torno dos costumes poloneses como uma forma de autopreservação. Esta visão resultou na criação de várias instituições que atuam até os dias atuais e que permitem manter a identidade nacional polonesa viva entre os brasileiros descendentes destes imigrantes no Rio de Janeiro e que serão abordadas no presente artigo, o qual conta com três sessões, além da presente introdução. Em *Polônia: 1050 anos de referências* será apresentado um pequeno resumo de alguns dos acontecimentos que colaboraram para uma Polônia que teve de ver seus filhos e filhas dispersos pelo mundo. Na seção *A convergência da diáspora polonesa no Rio de Janeiro* serão apresentadas três principais instituições polono-brasileiras no Rio de Janeiro, que vêm há várias décadas se constituindo num polo de convergência, sendo abordadas também suas formas de atuação no âmbito social, cultural e religioso. Na última parte, *O papel da mídia na integração da diáspora polonesa* é abordado como os

Artigos

grupos de imigrantes se integram digitalmente, bem como os impactos do uso da internet para a integração e manutenção dos valores emanados da diáspora polonesa entre as diferentes gerações de imigrantes.

II. Polônia: 1050 anos de referências

O que significa a palavra liberdade? Cecília Meireles enfatizou que:

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se têm escrito poemas e hinos. Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que a liberdade é o maior bem do mundo; nossos bisavós gritavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade! “; nossos avós cantaram: “Ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!”; nossos pais pediam: “Liberdade! Liberdade!/ abre as asas sobre nós”, e nós recordamos todos os dias que “o sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria...”. (MEIRELES, 2002, p. 07)

Essas palavras se mostram adequadas quando se aborda a visão brasileira da trajetória polonesa, também manifestada pelo então Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Nilo Peçanha o qual em agosto de 1918, portanto três meses antes da proclamação oficial, expressou o reconhecimento, pelo Brasil, da independência da Polônia:

O Brasil adere à declaração das potências e considera a criação de uma Polônia unida e independente como uma das condições de paz. Fazendo-o esperamos pela restauração de uma nacionalidade oprimida e que

não consentiu nunca na cessação de sua soberania, interrompendo sempre com o sangue dos seus mártires a dominação estrangeira. (SKOWRONSKI, 1942, p. 49)

James Michener escreveu de maneira muito apropriada que:

a lenda está repleta de exemplos da maneira como Marte, o deus da guerra influencia a história das nações. No caso da Polônia, o exemplo é mais do que instrutivo. Guerra incessante com tártaros, teutônicos e turcos... parecia às vezes que a Polônia era a província especial de Marte. Mas Vênus, a deusa do amor também pode desempenhar papel relevante no destino das nações. (MICHENER, 1983, p. 12)

Napoleão Bonaparte disse certa vez que geografia é destino. Com isso ele queria enfatizar que os países e os povos têm sua existência e cultura determinadas pela situação que ocupam no mapa geopolítico do continente a que pertencem. A nenhum outro país europeu se aplica melhor isso do que à história da Polônia, nação eslava situada na Europa do Leste, fronteira entre dois mundos hostis. Ao oeste e ao norte, território das antigas tribos germânicas, encontram-se os prussianos, os saxões e os suecos de fé luterana; ao sul, os austríacos católicos. Ao leste, habitam os russos de fé cristã ortodoxa. Para agravar sua delicada posição estratégica, a partir do século XVI, ao sul avolumou-se a presença do Império Turco Otomano, gente de fé muçulmana. (SCHILLING, 2005)

A Polônia é um país unificado desde 966 d.C, quando o rei Mieszko I aceitou o batismo e fez da Polónia um país eminentemente católico. O nome Polónia (*Polska*) tem origem na tribo dos polanos, que significa “pessoas que cultivam a terra”, derivado da palavra *pole* que significa “campo”.

Muitas batalhas depois, o século XIV foi marcado pela criação, em 1364, da Universidade de Cracóvia e por um pacto de união assinado pela Polónia e Lituânia no qual formaram um só país até 1795. O Grão-Duque

Artigos

Lituano Władysław Jagiełło aceitou o batismo e tornou-se Rei da Polônia. O novo estado polono-lituano tinha uma área total de 1 milhão de km², com capital em Cracóvia. Também no século XIV foi fundado o parlamento polonês.

Aqui cabe ressaltar duas características que desde a unificação se fizeram presentes no povo polonês: a bélica e a religiosa, ambas entrelaçadas na fé do povo polonês, que sempre recorreu à Virgem Negra de Częstochowa para a proteção de seu solo e seu povo. Isto pode ser observado em seus dois primeiros hinos. Se no primeiro, *Bogurodzica*, que data do séc. XII, os poloneses pedem para que a Virgem Santíssima os abençoe e dê a paz celestial, no século seguinte, o segundo hino *Gaude Mater Polonia* é inteiramente dedicado à Mãe-Polônia, que deve orgulhar-se dos seus descendentes, rendendo honras e glórias aos filhos-mártires que construíram a Rainha de todas as Nações.

O século XVI foi o século de ouro na história da Polônia. Devido à grande força da Igreja Católica, o movimento renascentista também foi bastante expressivo. Não foi somente nas igrejas e pinteladas que o Renascimento se fez sentir com força, mas ao nível das ideias também. Copérnico explicou à humanidade que a Terra, afinal, girava em torno do Sol. Martinho Lutero e a posterior Reforma Protestante também tiveram um impacto bastante significativo na Polônia, especialmente nas regiões de maior influência alemã. Em 1572 o parlamento polonês assinou um pacto de tolerância religiosa, e por conta disso pode-se dizer que durante o século XVI coexistiam, de forma mais ou menos pacífica, nesta união entre Polónia-Lituânia: católicos, ortodoxos, protestantes, judeus, armênios, entre outros. (BARTSCH, 1992)

O século XVII trouxe consigo o início das grandes infelicidades que assolaram o território polonês. Isto se deu com a adoção do princípio do *liberum vetum* pelo Senado a partir de 1652, e que implicava que qualquer integrante da instituição, lançando mão do poder de veto, podia paralisar o poder executivo. Desse modo, ao enfraquecer o braço do rei, pouca coisa podia esperar-se dele em realizar uma boa guarda das fronteiras nacionais. (BARTSCH, 1992)

O *liberum vetum* foi muito bem decodificado por Rousseau em 1772 quando declarou:

Lendo a história do governo da Polônia, compreende-se com dificuldade como pode um Estado tão singularmente constituído, subsistir por tão longo tempo. Um grande corpo formado por um grande número de membros mortos e por um pequeno número de membros desunidos, cujos movimentos todos, quase independentes uns dos outros, longe de terem um fim comum, se destroem mutuamente... que *não pode oferecer resistência alguma a quem desejar ofendê-lo...*». (ROUSSEAU, 1982, p. 24)

Coube ao rei Estalislau II Augusto Poniatowski, influenciado pelas ideias do iluminismo, buscar uma alternativa para a situação de angústia, debilidade e atraso. Pensando contar com a simpatia da czarina Catarina II, da Rússia, uma déspota esclarecida, de quem fora um dos favoritos, o monarca liderou, a partir de 1768, uma ampla reforma progressista na sociedade polonesa da época que culminou na aprovação da Constituição de 3 de maio de 1791.

Rousseau admirava a capacidade dos poloneses em resistir à opressão, particularmente a movida pelos russos. Afirmou que somente o patriotismo apaixonado, ministrado no dia a dia, salvava os poloneses do desaparecimento total. Foi esse patriotismo que levou a Polônia a resistir a três partilhas, em 1792, 1793 e 1795, deixando de existir no mapa da Europa por 123 anos. Os russos então declararam o *Finis Poloniae*, ao que Kościuszko, grande herói nacional teria respondido *Jeszcze Polska nie zginęła* (“A Polónia ainda não está perdida”), e que mais tarde se tornou o hino oficial da Polónia. (ROUSSEAU, 1982)

Um laivo de esperança ainda sacudiu os poloneses por ocasião da ascensão de Napoleão Bonaparte e da marcha dele para a Europa Central. Foi fundado então o Ducado de Varsóvia, cuja constituição, expressão do Código Napoleônico, estabeleceu: a) a igualdade de todos os cidadãos perante a lei; b) a abolição dos privilégios da nobreza; c) a abolição da servidão; d) os direitos políticos estendidos aos nobres e aos burgueses.

Artigos

A dedicação das tropas polonesas ao imperador foi integral e total. Como exemplo pode-se citar a travessia do rio Niemen, que separava a Polônia da Rússia. Muitos soldados, mesmo sendo tragados pela violência da correnteza, sendo puxados para o fundo das águas com suas montarias, ainda gritavam lá do no meio do rio caudaloso: “Viva o Imperador! Viva o Imperador!”.

Abatidos e desiludidos com mais um fracasso, milhares de poloneses buscaram a estrada do exílio como a única saída possível naquelas circunstâncias dramáticas. Entre eles, encontrou-se o jovem concertista Fryderyk Chopin, e também Adam Mickiewicz. Este foi um poeta militante da sociedade secreta nacionalista, a *Philomathas & Philaretas*, e que introduziu o romantismo na literatura polonesa. Mickiewicz mobilizou os patriotas com versos candentes e atormentados: “Agora minha alma vive no meu país/Minha pátria e eu formamos uma coisa só/Sinto como minha a sua dor e sofrimento/...sinto em mim mesmo o massacre do meu país/ do mesmo modo que uma mãe sente os tormentos do seu filho dentro do ventre”. Em todo o mundo o sentimento de repulsa a essa situação foi a tônica do séc. XIX. Machado de Assis descreveu, em 1864, esse repúdio em sua poesia “Polônia”, onde um dos trechos diz o seguinte:

Eras livre, – tão livre como as águas
Do teu formoso celebrado rio,
A corda dos tempos
Cingia-te a cabeça venerada;
E a desvelada mãe, a irmã cuidadosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
A porta dos teus lares vigiava.

Pobre nação! – é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
É propícia esta hora. O sol dos livres

| Artigos

Como que surge no dourado Oriente.
Não ama a liberdade
Quem não chora contigo as dores tuas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua ressurreição, finada heroica.
(SKOWRONSKI, 1942)

Como consequência da primeira guerra mundial, as três potências que haviam repartido a Polônia foram derrotadas. Ante a Polônia se abriu o caminho da independência, já que os soldados poloneses lutaram dos dois lados. Em 11 de novembro de 1918 foi declarada a independência da Polônia, tendo Józef Piłsudski ocupado o cargo de chefe de Estado, bem como começaram os preparativos para as eleições democráticas. As mulheres obtiveram plenos direitos. Foram introduzidos a jornada de trabalho de oito horas e o seguro dos trabalhadores.

A Constituição de 1921, da Segunda República, aboliu todos os títulos de nobreza e introduziu o princípio da igualdade cidadã. Todavia, com a ampliação da crise econômica internacional desencadeada nos anos 1930, a nação viu-se forçada a aprovar a Constituição autoritária de 1935.

Nos anos seguintes dois novos poderes ameaçadores da segurança da Polônia ergueram-se ao oeste e ao leste. O país foi o local escolhido pela política de extermínio em massa, desencadeado pela ocupação nazista, que lá ergueu seus principais campos de morte, como Auschwitz, Treblinka e Birkenau, contra poloneses, judeus, ciganos, entre outros. Deu-se, paralelamente a isso, um planejado massacre das elites polonesas, executadas pela tropa de extermínio que visou à liquidação de políticos, intelectuais, acadêmicos, professores, padres, oficiais superiores, líderes sindicais, etc. Mais de 14.000 oficiais do exército polonês, de reconhecido patriotismo, foram executados nos campos de prisioneiros de guerra russos ao longo do 2º Grande Conflito Mundial.

Somente em janeiro de 1945, as divisões do Exército Vermelho penetraram na capital polonesa afastando definitivamente os nazistas. Encontraram uma cidade destruída, uma enorme metrópole fantasma,

Artigos

estraçalhada por um vagalhão de balas e de bombas que haviam feito dela um imenso entulho de tijolos e pedras misturadas ao sangue derramado por toda uma geração de poloneses e aliados.

Foi assim, quase que ferida de morte, com o cheiro da pólvora e da putrefação misturados, que a Polônia, aos poucos, como se fora um sobrevivente tateando em meio à fumaça de um grande incêndio, foi mergulhada num regime ditatorial imposto pela Rússia. Em 1945 os territórios poloneses com as cidades de Wilno e Lwów foram incorporados pela União Soviética. Os poloneses foram expulsos e os bens nacionalizados, as casas e as terras polonesas confiscadas. Após a Segunda Guerra Mundial a Polônia ficou sob o regime comunista e forte influência soviética.

República Popular da Polônia foi o nome oficial no período entre 1952 e 1989. A Polónia passou a ser um país independente, mas com forte influência soviética e regime unipartidário, não democrático, que posteriormente assimilou o nome de chamado “Socialismo Realista”. Nessa época, havia uma forte contestação, sobretudo entre os estudantes universitários e a Igreja Católica. Essa contestação foi refletida em músicas que pediam “vida apenas até o raiar do sol”, ou “esperança é a mãe dos idiotas” ou “geração de chances perdidas”.

Nos anos 1980, o sindicato *Solidarność*, liderado por Lech Wałęsa, tornou-se uma forte força de oposição ao presidente Wojciech Jaruzelski. Em 1989 o regime comunista foi derrubado e foi instaurada uma democracia de economia de mercado. Lech Wałęsa, depois de agraciado com o Nobel da Paz, foi posteriormente eleito presidente 1990.

O medo que a troca do poder de um sistema centralizado unipartidário para uma democracia multipartidária pudesse virar uma revolução sangrenta se mostrou infundado devido à presença em ambos os lados, do partido comunista e da oposição democrática, de reformistas pacifistas, comprometidos com uma solução pacífica.

A influência da Igreja Católica polonesa e do Papa polonês João Paulo II na história política da Polónia contemporânea deve ser reforçada.

| Artigos

A Igreja acalmou algumas facções militares oposicionistas e o Papa também foi fundamental, pois tinha uma influência notável em todos os lados, até mesmo entre os ateus e pós-comunistas.

No início da década de 1990, a Polônia fez um grande progresso no sentido de atingir um governo totalmente democrático e uma economia de mercado. Posteriormente, no dia 1 de maio de 2004 passou a fazer parte da União Europeia. E, em 2014, passados dez anos de adesão à União Europeia, a Polônia foi a única grande economia da Europa a evitar uma recessão durante a crise financeira, graças a uma mistura de políticas fiscais e monetárias hábeis, uma taxa de câmbio flexível e baixo grau de endividamento das famílias e das empresas, apresentando possibilidades concretas de desenvolvimento tanto econômico quanto social.

III. A convergência da comunidade polonesa no Rio de Janeiro

Disse S. João Paulo II no decálogo do imigrante: Lembre-se de que você é filho da nação onde a Mãe e Rainha é Maria. Repita frequentemente a oração presente nos corações poloneses: “Estou junto a Ti, lembro, vigio”. Além disso, João Paulo II ainda acrescentou que devemos lembrar que ter uma família-nação é um grande privilégio do direito dos homens, e que não devemos esquecer de que a Pátria constitui-se numa grande responsabilidade.

Desde que os poloneses escolheram a Cidade Maravilhosa para reconstruírem suas vidas, o senso de responsabilidade, que se expressa através da consciência da importância em se honrar as suas raízes, esteve presente. São exemplos dessa visão a fundação da Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro, a Igreja Polonesa e posterior Paróquia Pessoal de Nossa Senhora de Monte Claro e a Associação dos Ex-Combatentes Poloneses.

III.1. Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro de 1890 estava longe de ser chamado de Cidade Maravilhosa: insalubridade da capital, doenças contagiosas, carência de

Artigos

moradias, fome. Apesar dessa situação, a cidade era o espelho da modernização. Ganhou iluminação a gás e água encanada. Aos poucos as carruagens foram esquecidas, dando lugar, primeiro, aos bondes elétricos. A maior cidade brasileira viu sua população no período de 1890 a 1900 crescer 33%. Nesse Rio de Janeiro que tinha acabado de abolir a escravidão e proclamara a república, lutando para ser reconhecido como a Paris dos Trópicos, foi fundada em 1890 a Polônia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro no dia 29 de novembro, aniversário do Levante de Novembro, com o nome de “ZGODA” (Concórdia).

Seu principal objetivo consistia em encontrar ocupação profissional para os imigrantes poloneses. Posteriormente, o “ZGODA” passou a abordar os problemas patrióticos poloneses através da organização de festividades nacionais. Com o aumento da imigração foi fundada no dia 26 de junho de 1910 a “Sociedade Polonesa de Ajuda Mútua e Cultura”. Sua primeira ação foi o envio de um ofício ao Departamento de Imigração, destacando a necessidade de registrar os imigrantes poloneses como poloneses, e não como alemães, austríacos ou russos. (MALCZEWSKI, 1998)

A partir de 1914 a organização aumentou o número de membros e começou cada vez mais a mostrar seu caráter político-social, ora respondendo aos apelos de ajuda vindos da Polônia em guerra, ao recolher doativos e enviá-los para o Comitê na Suíça, ora enviando em 1916, em nome dos poloneses radicados no Rio de Janeiro, uma carta para Rui Barbosa, pedindo sua interseção para que a Polônia recuperasse a independência. Em 1918, com a Polônia tendo recuperado a sua independência, houve então uma mudança nos estatutos, surgindo no dia 21 de julho de 1918 a “Sociedade Polônia”. (MALCZEWSKI, 1998)

O início da II Guerra Mundial mobilizou a “Sociedade Polônia” para o trabalho social e patriótico. Colaborou com o Comitê Brasileiro de Socorro às Vítimas da Guerra na Polônia, com a Cruz Vermelha Brasileira, com a seção da Cruz Vermelha Polonesa e com o Comitê de Socorro às Crianças. Além disso, a “Sociedade Polônia” passou também a acolher os imigrantes poloneses procurando sempre dar-lhes uma ajuda adequada. Terminada a Segunda Guerra, a “Sociedade Polônia”, diante da situação política criada na

| Artigos

Polônia, expressou sua atitude de não reconhecimento ao governo polonês, cortando por completo seus contatos com as Representações Diplomáticas. Também devem ser destacados os inúmeros protestos da “Sociedade Polônia” contra o crime de Katyń, contra as decisões da Conferência de Yalta, contra a prisão dos membros do governo polonês clandestino, contra a prisão do cardeal Stefan Wyszyński e contra o estado de sítio de 1980.

Em 1967, o “Círculo de Senhoras Polonesas” recebeu a propriedade situada à Rua das Laranjeiras, 540 da bailarina e benfeitora Sra. Stefania Plaskowiecka Nodari. Em 1972 a “Sociedade Polônia” e o “Círculo de Senhoras Polonesas” optaram pela unificação, que resultou na fundação da “Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro”. Desde então nossa Sociedade tem como objetivo central ajudar idosos e jovens em idade escolar, bem como comemorar todas as datas nacionais polonesas, mantendo vivas as tradições, propagando-as junto à comunidade brasileira.

A Polonia Sociedade sempre trabalhou para que a Polônia se mantivesse viva no coração de seus descendentes. Em 2013 celebrou os 60 anos de fundação da Igreja Polonesa que foi a grande base para que fosse criada a Paróquia Pessoal dos Poloneses. Sempre se posicionou claramente contra os acontecimentos trágicos que atingiram a Polônia. Foram os sócios da Polônia Sociedade, os advogados Oscar e Oswaldo Przewodowski que em 1916 enviaram uma carta a Rui Barbosa para que apoiasse ainda mais a luta pela independência da Polônia. Esta trazia ao final o seguinte pedido emocionado:

Contudo, só uma recompensa esperam os poloneses ser digna de tanto sofrimento: a unificação com a independência. União sem liberdade é a opressão sob um só tirano. Independência sem união é a fraqueza, a discórdia. A vossa excelência, entregamos os destinos da nossa pátria, que são os nossos próprios destinos. A restauração de um Estado pela voz da Justiça só pode competir a um predestinado a quem a posteridade se curvará agradecida. (PRZEWODOWSKI, 1918, p. 13)

III.2. Igreja Polonesa e Paróquia Pessoal de Nossa Senhora de Monte Claro

Os poloneses radicados no Rio de Janeiro também trabalharam em prol de uma Casa Espiritual. Em 1953 foi inaugurada a Igreja Polonesa no bairro de Botafogo, fato festejado tanto pela colônia polonesa de então, quanto pela sociedade brasileira, que se manifestou através de uma manchete na primeira página do Jornal O Globo de 11 de julho de 1953, véspera da Missa de inauguração da igreja, que foi celebrada pelo bispo Dom Helder Câmara e pelo núncio apostólico, arcebispo Carlo Chiarlo.

Dentro das possibilidades de cada um dos integrantes da colônia polonesa foi posto em prática um ideal, capitaneado pela Polonia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro: o de criar um ponto de referência para os poloneses e seus descendentes que pudessem encontrar nestas terras distantes, de cultura e realidade tão diferentes, um local onde sob o manto da Virgem Negra estivessem protegidos e tivessem suas esperanças renovadas.

Apesar de a iniciativa sair da Sociedade Polonia, toda a colônia polonesa foi envolvida, com o apoio destacado do Monsenhor Wladyslaw Slapa. Até 15 de maio de 1953, as contribuições para o aluguel da igreja atingiram 69 mil cruzeiros (...). A Diretoria da Sociedade Polonia, tendo um fundo tão importante, começou a negociar com a proprietária desta igreja, a Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro. No dia 6 de junho de 1953 foi assinado o contrato de aluguel da igreja. Do lado da Sociedade Polonia, o contrato foi assinado por Aleksander Boleslaw Sliwowski e Lucyna Haczynska". (MALCZEWSKI, 1998, p. 110)

A colônia polonesa celebrava suas missas no altar lateral da antiga Catedral e depois na Igreja da Imaculada Conceição, em Botafogo. A conquista dessa igreja abriu caminho para que em 1970, graças ao trabalho do Pe. Benedykt Grzymkowski, fosse fundada a Paróquia Pessoal dos Poloneses de

| Artigos

Nossa Senhora de Monte Claro, de responsabilidade da Ordem Sociedade de Cristo. (MALCZEWSKI, 1998)

Atualmente, a Paróquia dos Poloneses conta com as relíquias de São João Paulo II, recebidas de seu secretário pessoal e atual Cardeal de Cracóvia Stanislaw Dziwisz, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude em 2013.

III.3. Sociedade dos Ex-Combatentes Poloneses

A data de 2 de agosto de 1964 foi de extrema importância para os poloneses no Rio de Janeiro. Depois de uma Missa Solene celebrada pelo Cardeal Dom Jaime de Barros Camara, os ex-combatentes poloneses, adidos militares das nações aliadas depositaram pela primeira vez uma coroa de flores branco-vermelhas no Monumento aos Pracinhas, tradição que vem sendo mantida até os dias atuais. Na ocasião foram realizadas homenagens por ocasião do aniversário de 50 anos da “I Kadrowa”, 44 anos do Milagre de Vístula e 25 anos do início da Segunda Guerra Mundial.

A Organização dos Ex-Combatentes Poloneses foi criada em 1946 com o objetivo de apoiar os soldados poloneses, bem como de ajudar numa eventual reorganização do exército polonês na época da guerra fria.

Até o ano de 1964 por diversas vezes foi negado o registro da Associação dos Ex-Combatentes Poloneses (SPK). Questões políticas justificavam tal recusa, pois, enquanto o governo brasileiro reconhecia o governo popular da Polônia, a Associação dos Ex-combatentes reconhecia apenas o governo polonês no exílio em Londres. Somente no dia 26 de novembro de 1964 os estatutos foram publicados no Diário Oficial n. 223. Seu primeiro presidente foi Janusz Pawelkiewicz. Em 19 de junho de 1965 foi bento seu estandarte pelo Padre Zygmunt Sz wajkiewicz, pelo Capelão Militar Padre João Batista Cavalcanti e esse ato solene contou com a presença do Marechal Mascarenhas de Moraes (grande protetor dos ex-combatentes poloneses), de combatentes Aliados e de integrantes da colônia polonesa.

Merece uma menção especial a preocupação da SPK para que o exército brasileiro e a sociedade em

geral conhecesse a contribuição do soldado polonês na queda do hitlerismo. Com esta finalidade foi preparado pelos membros da SPK um livro em língua portuguesa, mostrando a colaboração do soldado polonês na vitória dos Aliados na II Guerra Mundial. O título do livro “Pela vossa liberdade e a nossa”, foi editado pela Biblioteca do Ministério da Guerra do Brasil. Esse volume, ilustrado com muitas fotografias e com discurso proferido durante a solenidade no Clube Militar do Rio no dia 15 de agosto de 1969 em homenagem ao Dia do Soldado Polonês, foi enviado a todas as unidades militares e todas as bibliotecas do exército no Brasil inteiro (MALCZEWSKI, 1998, p. 76)

A atuação da SPK foi sempre bastante contundente. Inúmeros protestos foram encaminhados pela SPK em relação à extradição de criminosos de guerra, valorização dos soldados poloneses, pedido de esclarecimentos para veículos de comunicação em função de visões que desvalorizavam a atuação do soldado polonês. A Rede Globo, em resposta, garantiu que seriam feitas mudanças no filme “Holocausto”. A SPK também protestou por ocasião do estado de sítio na Polônia que contou com uma missa na Igreja Polonesa e uma posição de flores no Monumento aos Pracinhas em 1982.

Essa relação de amizade e respeito mútuo entre a SPK e o Monumento aos Pracinhas vem de longa data. Desde o registro oficial em 1964 até os dias atuais, todos os anos é homenageado o Soldado Polonês em solenidade no Monumento. Além da Missa Solene na Igreja Polonesa, os ex-combatentes poloneses depositam uma coroa de flores nas cores branca e vermelha em memória dos soldados poloneses, bem como pelos soldados brasileiros que tombaram em prol da liberdade mundial. Uma solenidade repleta de simbolismos, da qual sempre participaram altos representantes das Forças Armadas Brasileiras, dos Aliados e atualmente os representantes diplomáticos poloneses.

O Monumento aos Pracinhas no Parque do Flamengo é um local

ainda mais especial para a colônia polonesa no Rio de Janeiro. Idealizado pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, que disse “Eu os levei para o sacrifício; cabia-me trazê-los de volta para receber as honras e as glórias de todos os brasileiros...”, tem, entre os 462 soldados sepultados em seu Mausoléu, onze pracinhas descendentes de poloneses, oriundos dos estados de Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (João Protzek, Adão Wojcik, Bruno Estrifica, Estanislau Wójcik, José Wsoek, Marcelino Jasiski, João Rechocoski, Sérgio Grevinski, Venceslau Spancerski, Pedro Krinski e Artur Lourenço Starch), que tombaram nos campos de batalha da Itália em defesa da Pátria brasileira e pela humanidade. (MINISTÉRIO DA GUERRA, 1960; BARROS, 1955)

IV. O papel da mídia na integração da comunidade polonesa

Diferentemente de países como Alemanha e Inglaterra, que experimentam grandes fluxos de imigração no século XXI, o Brasil tem sido alvo de grupos menores de poloneses, com um perfil composto de jovens profissionais alocados em companhias multinacionais que trazem em seu imaginário a Cidade Maravilhosa como lugar almejado não apenas por eles mesmos, mas por gerações anteriores. Há um grupo também de imigrantes que se estabelecem sob o signo da “imigração do coração”, no qual novas uniões polono-brasileiras dão o tom desta diáspora.

Nos casais miscigenados há um claro afastamento da Polônia e assimilação dos costumes e valores brasileiros, com um baixo grau de transmissão, por exemplo, do idioma polonês aos descendentes. Muito disso se deve à necessidade manifestada pelos imigrantes de serem logo aceitos em seus novos círculos sociais. No caso dos profissionais, o elo permanece mais estreito, com uma aproximação muito mais célere com os poloneses radicados há décadas e é registrada uma participação maior nas festividades que buscam manter as tradições vivas.

Mas, caminhos aparentemente distintos convergem para o ambiente midiático. Há um claro movimento de reagrupação e resgate de valores históricos no âmbito da internet e em especial no Facebook. Neste ambiente, comunidades privadas de troca de experiências entre imigrantes

Artigos

são criadas e contam com participação expressiva. No caso da imigração sem vínculos políticos a temática gira em torno de fóruns informais de troca de experiências e comunicações. No caso da imigração mais antiga, as comunidades se constituem num riquíssimo espaço para resgate de vivências, compartilhamento de momentos marcantes dos poloneses ao longo dos últimos dois séculos, resgatando o sentimento de pertencimento à diáspora polonesa.

Um fato curioso tem se mostrado cada vez mais recorrente, mesmo que os dois grupos não convivam neste ambiente virtual, as tradições não são esquecidas. Postagens que remetem ao folclore, aos costumes nas datas religiosas como Natal e Páscoa dão a tônica comum nos dois “universos”. Estas diferentes “tribos” também se encontram em páginas patrióticas que abordam a figura do polonês, bem como que tratam de assuntos como guerras, história e toda a simbologia da Polônia.

Aqui cabe ressaltar uma semântica interessante. Há uma diferença entre Polônia e Polonia. Enquanto Polônia é a nação, o país, Polonia, sem acento, é sinônimo de imigração polonesa, bem como de seus descendentes que, mesmo tendo nascido fora da Polônia, participam ativamente da comunidade e preservam as tradições. Outro ponto importante é que a atuação da Polonia é sempre no sentido de que não se percam as raízes, as bases que permitiram com que a imigração se mantivesse unida.

Aderente a essa visão de atuação também na esfera digital, a colônia polonesa no Rio de Janeiro apostou exatamente numa nova forma de interação, que é o conceito da revista eletrônica intitulada “Polonia Carioca”, que tem como objetivo abordar temas de interesse da Polonia, unindo passado e presente da nação polonesa numa roupagem de renovação, inspirado numa Polônia moderna, misturando, num grande caldeirão, a memória, tanto das raízes polonesas no Rio de Janeiro como aquela que emana da terra de Chopin, além de artigos, poesias e entrevistas, com o objetivo de fornecer aos leitores uma visão deste DNA tão complexo.

“Polonia Carioca” também visa divulgar informações ligadas à Polônia contemporânea na coluna Polônia em Drops, e se constituir num espaço de ajuda para aqueles que se aventuram no difícil idioma polonês na coluna

| Artigos

Mówimy po Polsku (Falamos polonês). A publicação conta com as colunas Radar Polônico, História & Estórias, criadas para divulgar informações sobre festividades e outros acontecimentos com vistas a mostrar a efervescência dos mais de 1,5 milhão de poloneses e descendentes que escolheram o Brasil, bonito por natureza, para se desenvolverem, bem como as suas raízes. Há ainda outra coluna, chamada Visão & Gestão, que aborda aspectos da gestão empresarial na Polônia.

A primeira edição foi publicada e distribuída em abril de 2014, com os melhores ecos possíveis, mostrando que a tônica da versão digital, variada, com raízes no passado, mas vivendo o presente se mostrou adequada. A prova disso é que a segunda edição terá seu conteúdo ampliado, fruto de uma mobilização da colônia polonesa no Rio de Janeiro no sentido de participar e também dividir sua visão de mundo com a sociedade através deste canal.

V. Considerações Finais

Há 124 anos os poloneses que chegavam ao Rio de Janeiro, vindos de uma Polônia dividida, eram registrados como russos, prussianos ou austríacos. Daquela época difícil para os dias atuais, muitas transformações foram registradas na Polônia: independência, guerras, regime totalitário, recuperação da soberania. Um país que ao mesmo tempo quando completa 10 anos de adesão à União Europeia em 2014, passa a ocupar o 24º lugar dentre as 30 nações mais inovadoras do mundo. Com um crescimento previsto de 3% do PIB para 2014, a Polônia é vista como um dos grandes países membros da UE, ao lado de Alemanha, Grã-Bretanha, França, Itália e Espanha. Destino de investimentos de grandes multinacionais, a economia polonesa é tida como uma das mais dinâmicas da Europa. (MANECHINI, 2013)

Em sua longa lista de conquistas, uma das que mais se destacam é a da área de educação. Em 2003, no primeiro ano do teste de matemática do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), a Polônia ficou em 23º lugar. Em 2013, aparece na 14ª posição, superando países como Alemanha, França e Inglaterra (o Brasil, no mesmo intervalo, passou de 30º para 58º). (MANECHINI, 2013)

Artigos

Os progressos destes dez anos na área da educação já se fazem sentir no mercado de trabalho. Somente em 2012 a produtividade por hora cresceu 2,2%, o segundo melhor resultado do bloco. Levando em conta a estrutura demográfica, a Polônia também tem uma vantagem na comparação com a maioria dos vizinhos. É uma das nações na Europa com a maior proporção de jovens com idade entre 15 e 24 anos.

Esta nova Polônia tem motivado que seus descendentes se interessem mais pelo idioma e por um contato mais próximo com a trajetória de seus antepassados. Valores não são esquecidos, mas revisitados com outro olhar, não mais de melancolia, mas de possibilidades, cujos ecos têm resultado numa elevação da autoestima e de resgates como o folclore, antes esquecido. Isso vai ao encontro do sentimento de interseção que permeia cada imigrante. Ao se estabelecer numa terra estranha, este incorpora aos seus valores pessoais os ares da terra que decidiu abraçar, mas sem nunca de fato se encontrar por completo, sendo um eterno caçador de si mesmo.

Referências bibliográficas

BARROS, Aluizio. Expedicionários Sacrificados na Campanha da Itália. Rio de Janeiro: Bruno Buccini, 1955

BARTSCH, Aleksandra Sliwowska. Mercado e estado na Polônia pós-89. Monografia de Graduação em Ciências Econômicas da Universidade Federal Fluminense, 1992.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. A presença dos poloneses e da Comunidade Polônica no Rio de Janeiro. Varsóvia: CESLA, 1998.

MANECHINI, Guilherme. Quer uma Europa sem crise? Basta olhar para a Polônia. Exame. Disponível em:
<http://exame.abril.com.br/revistaexame/edicoes/1056/noticias/uma-europa-sem-crise>. Acesso em 19/07/2014.

MEIRELES, Cecília. Escolha o seu sonho. Rio de Janeiro: Record, 2002.

| Artigos

MICHENER, James. Polônia. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MINISTÉRIO DA GUERRA. Homenagem do Exército aos Mortos da Força Expedicionária Brasileira. Boletim especial do exército – 2ª edição, 1960.

PRZEWODOWSKI, Oscar. Mensagem ao Conselheiro Ruy Barbosa. Polônia, 1918.

ROUSSEAU. Considerações sobre o governo da Polônia e sua reforma projetada. São Paulo: Brasiliense, 1982.

SCHILLING, Voltaire. Cadernos de História. Disponível em: <http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/polonia.pdf>. Acesso em 21/07/2014.

SOUZA, Maria das Graças de. Ocasão propícia, ocasião nefasta: tempo, história e ação política em Rousseau. Trans/Form/Ação. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732006000200017. Acesso em 21/07/2014.

THE ECONOMIST. Poland's second golden age. The Economist. Disponível em: <http://www.economist.com/news/leaders/21605910-poland-just-had-best-25-years-half-millennium-its-transformation-remains>. Acesso em: 15/07/2014

RESUMO – STRESZCZENIE

W zamieszczonym artykule jego autorka podejmuje się ukazania szkicu historii Polski i na jej tle prezentuje społeczność polonijną w Rio de Janeiro.

Imigranci polscy, w dawnej stolicy Brazylii, zapewnili sobie nie tylko życie rodzinne, zawodowe, ale także wspólnotowe. Dużą rolę we wspólnocie polonijnej odgrywają: Towarzystwo Polskie, polski kościół, jak również Stowarzyszenie Posłkich Kombatantów.

W końcowej części swojego tekstu autorka ukazuje aktualną sytuację Polski należącej do Wspólnoty Europejskiej.

A GRANDE GUERRA DO HOMEM BRANCO¹

Jerzy MAZUREK *

O conflito mundial dos anos 1914-1918, chamado atualmente Primeira Guerra Mundial, foi um dos mais destruidores na história da humanidade. Em consequência dele caíram os velhos impérios e deixou de existir o velho mundo. Dissolveram-se a monarquia austro-húngara, a Alemanha e o Império Otomano. A Áustria se tornou uma república, surgiu a Rússia Soviética, além do que muitos países, entre os quais a Polônia, reconquistaram a sua independência. Realizou-se também uma nova divisão das colônias, e novas fronteiras foram traçadas na Ásia e na África. Destruuiu-se na realidade a “Europa dos reis”, mas logo após o encerramento das operações bélicas surgiram duas ideologias totalitárias – o fascismo e o comunismo. No decorrer do conflito foram mobilizadas 65 milhões de pessoas, das quais pereceram mais de 8,5 milhões, e 21,2 milhões ficaram feridas. Como ocorreu esse cataclismo e será que ele realmente tinha de ter ocorrido?

A resposta à pergunta acima tem de ser afirmativa. Com efeito, as fontes desse conflito encontram-se na ordem política que havia sido instituída quase cem anos antes, no Congresso de Viena. Os quatro países vencedores – Rússia, Prússia, Áustria e Grã-Bretanha – dividiram a Europa entre as suas áreas de influência. O Congresso devia significar a base para a paz eterna entre os seus principais signatários, e um dos seus postulados era o equilíbrio de forças. Graças a isso a Europa não sofreu um conflito maior quase por um século inteiro. Naquele tempo, chamado pelos franceses de *belle époque*, acreditava-se no progresso, no desenvolvimento e no bem-estar. No entanto, durante esse período de relativa paz manifestaram-se os antigos e eternos antagonismos. A vitória da Prússia e dos estados alemães unidos sobre a França na guerra

1 O título é uma referência ao ciclo de obras do romancista alemão Arnold Zweig (1887-1968), intitulado *A grande guerra dos homens brancos* (volumes 1-6, 1927-1954). As experiências adquiridas durante a Primeira Guerra Mundial fizeram com que as obras de Zweig tivessem um nítido colorido pacifista. Nelas, são submetidas a uma análise a política da guerra e as mudanças que ocorrem na psique dos heróis sob a influência da guerra.

* Universidade de Varsóvia.

Artigos

de 1870-1871 e a seguir a unificação da Alemanha provocaram uma mudança fundamental na Europa. A Alemanha tornou-se o estado mais forte no velho continente e, para preservar essa situação, procurava isolar politicamente a França. Por isso, no dia 7 de outubro de 1879 foi assinada uma aliança com a Áustria-Hungria. O então chanceler do II Reich, Otto von Bismarck (1815-1898), que temia obsessivamente os contatos russo-franceses, empenhava-se por unir a Rússia a essa aliança. Esses planos foram frustrados pelo conflito balcânico entre a Áustria-Hungria e a Rússia. Quando em 1881 a França ocupou a Tunísia, o “Chanceler de ferro” aproveitou-se da insatisfação da Itália e conseguiu atrair esse país a uma aliança contra a França. Dessa forma surgiu um dos dois blocos político-militares na Europa, definido como a Tríplice Aliança.

A outra aliança que se formou na Europa foi a Tríplice Entente. Esse pacto se baseava no acordo franco-britânico da *entente cordiale*, assinado em 1904, e na aliança de Paris com Petersburgo, assinado em 1894. Uma complementação do pacto foi o acordo concluído entre os britânicos e os russos em 1907, no qual foi realizada a divisão das zonas de influência na Pérsia, no Afeganistão e no Tibete. A base da aliança, que se direcionava contra o II Reich, era constituída por três estados: Rússia, França e Grã-Bretanha. Com o tempo, juntaram-se ao acordo os aliados do Império Russo – Sérvia e Romênia, bem como os aliados da Grã-Bretanha – Grécia e Bélgica, que assinaram um pacto militar.

A maioria dos estados de ambos os blocos possuíam antigos e inflamados conflitos territoriais, e não apenas na Europa. A Alemanha – como se argumentava – estava lutando por um “lugar ao sol” e tinha por objetivo a conquista de colônias. A principal direção das ações alemãs tornou-se o continente africano, o que levou a antagonismos, principalmente franco-alemães. O conflito mais violento foi travado pelo controle do Marrocos – finalmente anexado pela França, pelo que Berlim obteve a permissão para ocupar as áreas orientais do Camarões Oriental (por força de um acordo do dia 4 de novembro de 1911). Antes disso, pelas mesmas razões, a Alemanha havia apoiado também os africaners³ no conflito com a Grã-Bretanha durante

1 Africaners – habitantes brancos da República Sul-Africana e da Namíbia, vivendo igualmente na diáspora em muitos países do mundo. Utilizam-se da língua africâner (ou africana) e professam o calvinismo. São descendentes dos colonos holandeses, alemães e franceses que vinham à Colômbia do Cabo nos anos 1652-1795. No passado, denominados bôeres (literalmente camponeses, em língua holandesa).

Artigos

a segunda guerra dos bôeres (1899-1902). Demonstrava uma ambição semelhante a aliada da Alemanha, a Itália, que após a unificação buscava a *renovatio Imperii Romani* (renovação do Império Romano). As suas pretensões direcionavam-se à Argélia, Líbia e Tunísia, territórios que se encontravam sob o domínio francês ou otomano. No final, em consequência da guerra ítalo-turca, passaram ao domínio da Itália os territórios que constituem a atual Líbia. Nos Bálcãs, por sua vez, existia igualmente a antiga rivalidade russo-austríaca, bem como o antagonismo russo-britânico, que se evidenciou também no Extremo Oriente. As potências europeias, sob a liderança dos Estados Unidos, instituíram a política das chamadas portas abertas na China. Essa política pressupunha a igualdade de todos os países nas relações comerciais com a parte terceira – a China. Inicialmente essa política foi também apoiada pelo Japão, mas num período posterior a política do País do Sol Nascente tornou-se mais radical. Os japoneses, motivados pelo lema “A Ásia para os japoneses”, iniciaram uma guerra com a Rússia, atacando Port Arthur. Antes disso, porém, assinaram com os britânicos uma aliança militar em Portsmouth, que permitia aos russos a utilização do Canal de Suez. Isso teve uma grande influência na derrota da Rússia nessa guerra.

Uma razão dos conflitos e das tensões diplomáticas era também o desigual desenvolvimento econômico das diversas regiões da Europa. A passagem do século XIX para o XX trouxe muitas descobertas técnicas e econômicas. Iam surgindo estabelecimentos de indústria pesada. O desenvolvimento da infraestrutura ferroviária e da navegação marítima contribuiu para a diminuição dos custos de transporte, o que permitiu o comércio até com as mais distantes regiões do mundo. Surgiam grandes corporações industriais, as quais – lutando por mercados de consumo – realizavam a política dos estados dos quais se originavam. Um testemunho de tal expansão foi a marca fabril *made in Germany*, a primeira desse tipo no mundo, afixada a partir de 1887 nos produtos exportados pelo II Reich. As desigualdades no desenvolvimento econômico dividiram a Europa entre o rico Ocidente setentrional, liderado pela Grã-Bretanha, Alemanha e França, e o pobre Oriente.

A fim de preservar a sua posição dominante na Europa, a Alemanha realizava também um amplo programa de armamento, cuja culminação

| Artigos

ocorreu nos anos 1880-1914. A prioridade do II Reich era a infraestrutura ferroviária, que devia servir ao transporte do exército, bem como a equiparação da frota marítima à britânica. Os ingleses aceitaram o desafio. Sabiam que, se não preservassem o domínio dos mares, não seriam capazes de deter as aspirações alemãs à hegemonia. Por isso, em 1889 a Inglaterra elaborou a doutrina do *Two Powers Standard*, de acordo com a qual – para assegurar o domínio no mar – o país devia possuir uma frota maior que as duas maiores frotas de outros países unidas. Nesse mesmo tempo, os exércitos terrestres da França e da Alemanha duplicaram o seu número em relação ao ano de 1870. Foi introduzido o serviço militar obrigatório, foram elaborados sistemas de reservas materiais e detalhados planos de ações militares para o caso de um conflito. O desenvolvimento tecnológico e organizacional levou à instituição de estados-maiores com organogramas precisos de mobilização e de ações ofensivas. Para o equipamento das forças terrestres e marítimas foram introduzidos novos tipos de armas, como metralhadoras, artilharia pesada, lança-chamas, aviões, modernos navios de guerra – os *dreadnaughts*, e também submarinos.

Os historiadores por diversas vezes têm mencionado que várias foram as razões que levaram à eclosão da Primeira Guerra Mundial⁴. No entanto o motivo principal por que a guerra eclodiu justamente em 1914 foi o conflito nos Balcãs. A situação geopolítica na península balcânica era popularmente definida como o caldeirão dos Balcãs. “Quando começa a chover nos Balcãs, toda a Europa sente arrepios”, dizia-se nos salões diplomáticos. O principal problema daquela região da Europa era constituído pela diferenciação étnico-religiosa, bem como pela rivalidade das potências pelas zonas de influência. O conflito dizia respeito à Turquia, Rússia e Áustria-Hungria, apoiada pelo II Reich. Já em 1875 eclodiram levantes de libertação nacional na área da Bósnia e da Herzegovina, Sérvia e Bulgária – então território da Turquia. Os levantes foram apoiados pela Rússia, que declarou guerra à Turquia. Finalmente o conflito se encerrou no Congresso de Berlim de 1878. Segundo as suas decisões, surgiram os estados independentes da Sérvia, Montenegro e Romênia. Os austríacos obtiveram o domínio sobre o território da Bósnia e Herzegovina,

2 James JOLL; Gordon MARTEL. *Przyczyny pierwszej wojny światowej*. Warszawa: Książka i Wiedza, 2008.

Artigos

que finalmente incorporaram ao seu país em 1908. A escalada seguinte do conflito nos Balcãs ocorreu durante as chamadas guerras balcânicas, travadas nos anos 1912-1913⁵, que modificaram por completo a imagem da região, tanto no sentido territorial como político. A Turquia deixou de ser uma jogadora a ser levada em conta e tornava-se cada vez mais pró-alemã. Os russos, que perderam uma grande parte das influências no Oriente, concentraram-se no apoio político e ao mesmo tempo no esforço de tornar dela dependente a Sérvia, a qual se sentiu suficientemente forte para aguçar a sua política contra a casa de Habsburgo.

Nessa situação, bastava uma faísca para que o caldeirão balcânico explodisse. Essa faísca surgiu em junho de 1914 em Sarajevo, quando se realizavam manobras do exército austro-húngaro. Os austríacos queriam exibir à Sérvia o seu poderio militar e, conseqüentemente, exercer influência sobre ela. As manobras deviam ser supervisionadas pelo sucessor do trono, Francisco Ferdinando (n. em 1863). No dia 28 de junho de 1914 um membro da organização nacionalista sérvia Mão Negra, Gavrilo Princip (1894-1918), cometeu um atentado contra Francisco Ferdinando. A Áustria-Hungria, instigada pelo imperador da Alemanha Guilherme II (1859-1941), enviou ao governo sérvio um ultimato extremamente áspero e ofensivo, no qual se exigia, entre outras coisas, que fosse realizada uma investigação – sob a estrita supervisão de Viena. Com isso, no entanto, a Sérvia não podia concordar. Rejeitou o ultimato, o que levou ao rompimento das relações diplomáticas por parte da Áustria-Hungria, que no dia 28 de julho proclamou a guerra contra o governo de Belgrado. Quando a Sérvia se encontrou ameaçada, dois dias depois a Rússia anunciou a sua mobilização. Em resposta, a Alemanha declarou a guerra sucessivamente à Rússia – no dia 1 de agosto e à França – no dia 3 de agosto, e a seguir passou à ofensiva, naquele mesmo dia atacando ainda a Bélgica⁶.

O plano de ataque dos exércitos alemães havia sido elaborado já na segunda metade do século XIX pelo general Alfred von Schlieffen (1833-1913). Esse plano pressupunha o domínio da França no decorrer de seis semanas

3 Egidio IVETIC. *Les guerres balcaniques*. Bologna: Il Mulino, 2006; Jacob Gould SCHURMAN. *The Balkan Wars, 1912 to 1913*. Kessinger Publishing, 2004.

4 Neste mesmo dia o governo italiano anunciou a sua neutralidade. Explicou a sua posição dizendo que a Austro-Hungria havia atacado a Sérvia contra as decisões dos aliados antes de consultas prévias. Por causa disso a Itália considerou-se livre de obrigações diante dos aliados.

| Artigos

a partir da mobilização do exército alemão. Esse objetivo devia ser atingido pela remoção das forças da frente oriental e pelo lançamento de quase todo o exército contra a França. O plano pressupunha uma ampla manobra de flanqueamento pela neutra Bélgica. Quase todo o exército devia passar por esse caminho, deixando apenas pequenas forças de defesa na fronteira com a França, contra as principais forças francesas. Após a passagem pela Bélgica, os exércitos alemães deviam contornar Paris pelo oeste e atacar por trás os exércitos franceses, concentrados na fortalecida fronteira franco-alemã. Essa manobra devia flanquear quase todo o exército francês e levar à sua fácil destruição. Após a vitória sobre o vizinho ocidental mais forte, a Alemanha planejava transferir a maioria das suas forças para a frente oriental e concentrar-se na guerra com a Rússia.

A violação, pelo Império Alemão, do tratado internacional sobre a neutralidade da Bélgica foi a razão imediata da entrada da Grã-Bretanha na guerra contra a Alemanha no dia 3 de agosto de 1914. A Bélgica, que de acordo com Schieffen devia cair no máximo dentro de alguns dias, defendeu-se quase por duas semanas, o que atrasou sensivelmente a marcha dos exércitos para Paris. Enquanto isso os ingleses puderam tranquilamente enviar os seus destacamentos ao norte da França a fim de ajudar na defesa da capital, e ainda iniciaram o bloqueio marítimo da Alemanha, fechando as saídas do Mar do Norte. A ofensiva alemã contra Paris, iniciada no dia 18 de agosto, foi detida pelos exércitos franco-britânicos comandados pelo general Joseph Joffre (1852-1931), durante a batalha de vários dias nas margens do Marne (5-9 de setembro de 1914). O plano da “guerra relâmpago” não funcionou, e com isso os alemães não conseguiram eliminar a França da guerra. Após dois meses de encarniçadas lutas, a frente de guerra estabeleceu-se ao longo de uma dupla linha de trincheiras, estendendo-se através da França, desde a Suíça até o Canal da Mancha. Iniciou-se uma longa e exterminadora guerra de posições.

Enquanto isso no leste o exército russo – sob o comando do general Aleksandr Samsonov (1859-1914) e do general Pavel von Rennenkampf (1854-1918) – em setembro de 1914 atacou a Prússia Oriental, o que forçou os alemães a transferir uma parte dos seus exércitos para o leste. A contraofensiva dos alemães, sob o comando do general Paul von Hindenburg (1847-1934) e do

Artigos

general Erich Ludendorff (1865-1937), acabou com a efetiva vitória na batalha de Tannenberg (23-30 de agosto de 1914), e a seguir numa segunda batalha, nos Lagos Mazurianos (nos dias 6-15 de setembro de 1914). Os russos foram totalmente desalojados do território da Prússia. A Alemanha decidiu também mudar os seus planos anteriores – primeiramente resolveu dominar a Rússia e somente depois acertar as contas em definitivo com a França. Juntou-se às lutas também a Turquia, cuja frota no dia 29 de outubro de 1914 atacou o litoral da Rússia – tendo sido bombardeadas Odessa e Novorossibirsk. A ofensiva alemã no leste continuou durante todo o ano de 1915, e os exércitos alemães e austro-húngaros penetraram profundamente na Rússia. A frente de guerra estabeleceu-se na linha Riga-Dniestr.

As operações bélicas continuavam também na frente balcânica. No dia 23 de maio de 1915 juntou-se à guerra a Itália, que em razão do conflito com a Áustria-Hungria sobre o Tirol afastou-se da Tríplice Aliança e colocou-se ao lado da Entente. Em junho os italianos atacaram os austríacos em Isonzo. A guerra prosseguia também na Sérvia. Após sucessos iniciais dos sérvios, em outubro os exércitos austríacos e alemães começaram aos poucos a dominar o seu país. A entrada na guerra da Bulgária naquele mesmo mês, ao lado dos estados centrais, levou à total repressão da resistência sérvia. No início de 1916, a balança da vitória inclinou-se para o lado dos estados centrais, que obtiveram a hegemonia nos Bálcãs, conquistaram grandes áreas no leste e alcançaram a supremacia numérica, material e moral sobre a Entente. A única falha era a falta de um comando único.

O conflito de 1914-1918 desenrolou-se não apenas em território europeu. Lutas podiam ser observadas também no Oriente Médio, na África e na Ásia Oriental, embora em escala não tão elevada como na Europa. No primeiro ano das operações de guerra a Alemanha perdeu, em favor das forças anglo-francesas, o Togo e, em 1916, o Camarões. O Japão, aproveitando-se do conflito na Europa, buscou alcançar uma posição de hegemonia na Ásia. Naquela ocasião ocupou as colônias alemãs na China. Operações bélicas iniciaram-se também no Golfo Pérsico, onde um corpo expedicionário britânico ia avançando ao longo do Tigre em direção a Bagdá. No dia 8 de dezembro de 1917 os ingleses entraram em Jerusalém, onde anunciaram a criação na Palestina

| Artigos

de uma sede nacional judaica (a chamada declaração de Balfour).

Enquanto isso, no dia 1 de fevereiro de 1917 a Alemanha proclamou que estava dando início a uma ilimitada guerra submarina, o que significava que a marinha alemã devia afundar, sem aviso prévio, todos os navios, especialmente os mercantes, nas águas que cercavam as Ilhas Britânicas, a França e a Itália. A adoção, pela Alemanha, dessa nova concepção de uso dos submarinos prejudicou muito os interesses americanos, que forneciam mercadorias à Europa. Isso provocou um significativo aumento entre os partidários da facção pró-guerra, intensificado mais ainda após a interceptação e a decifração de um telegrama do ministro das relações exteriores da Alemanha – Arthur Zimmermann (1864-1940), do qual os Estados Unidos ficaram sabendo a respeito dos planos secretos de uma aliança entre o México e a Alemanha. Não querendo admitir isso, no dia 6 de abril de 1917 declararam guerra à Alemanha.

Nesse ínterim, importantes mudanças ocorreram nos círculos do poder dos principais participantes do conflito. No dia 21 de novembro de 1916 morreu o imperador austríaco Francisco José I (que exercia o poder desde 1848), e o seu sucessor tornou-se Carlos I (1887-1922), o último imperador austríaco. No dia 10 de dezembro, na Grã-Bretanha, para o cargo de primeiro-ministro foi escolhido David Lloyd George (1863-1945), e no dia 13 de novembro de 1917 o comando do governo da França foi assumido por Georges Clemenceau (1841-1929). Uma revolução popular (segundo o calendário gregoriano – em março) derrubou o tsar Nicolau I e a Rússia tornou-se uma república. Alguns meses mais tarde – em outubro de 1917 – o poder foi assumido pelos bolcheviques, que num decreto do dia 8 de novembro decidiram afastar-se da guerra.

Um importante acontecimento propagandístico, embora não tivesse influenciado muito a situação nas frentes de guerra, foi a proclamação, no dia 1 de agosto de 1917, de uma nota de paz pelo papa Bento XV. O plano do chefe da Igreja postulava que os exércitos alemães se afastassem da França e devolvessem a independência à Bélgica. Em troca disso, o Reich receberia de volta as colônias alemãs tomadas. A respeito do destino da Alsácia, da Lotaríngia e do Tirol deviam decidir os habitantes dessas áreas. Era preciso também cuidar do destino da Polônia, da Armênia e dos estados balcânicos. O

Artigos

papa conclamava também ao desarmamento geral, à liberdade de navegação e à renúncia a reparações de guerra. O fato de que o programa pontifício foi rejeitado confirmou incontestavelmente que a paz só era possível entre vencedores e vencidos.

A fim de poder utilizar as suas forças armadas para a defesa das conquistas da revolução, as autoridades da Rússia a todo o custo buscavam o término da guerra. Interessada por tal solução estava também a Alemanha – porquanto estava travando uma guerra em duas frentes. Por isso buscava o fechamento da frente oriental e, a seguir, o direcionamento de todo o esforço militar para a frente ocidental. O tratado entre Berlim e Moscou, assinado no dia 3 de março de 1918 em Brest, decidiu o afastamento da Rússia da guerra e o rompimento da aliança com a Entente. As autoridades da Rússia soviética concordaram, além disso, que o exército alemão ocupasse as áreas a leste da linha fronteira estabelecida pelo tratado, o que significava que a Rússia perderia as áreas da atual Polônia, Lituânia, Letônia, Estônia, Bielorrússia e Finlândia.

Esse tratado teve um enorme significado para a Alemanha, porque permitiu transferir para o oeste 44 divisões do exército, o que era tanto mais importante porque na primavera se havia iniciado a grande ofensiva dos estados aliados na frente ocidental. Tornou-se comandante-chefe o marechal francês Ferdinand Foch (1851-1929). A contraofensiva decisiva ocorreu no dia 18 de julho nas margens do Marne, e os exércitos alemães foram forçados à retirada. Alguns dias depois, na batalha de Amiens (8-13 de agosto), a Alemanha foi derrotada. Devido à extensão das perdas, o dia 8 de agosto foi chamado pelo comandante das forças alemãs, general Ludendorff, de “Dia negro do exército alemão”. Também os aliados da Alemanha não alcançavam sucessos. No dia 29 de setembro, numa batalha contra os exércitos reunidos franco-sérvios, foi derrotada a Bulgária. No dia 24 de outubro foi também quebrada a resistência austro-húngara em Vittorio Veneto, o que levou à derrota total das forças dos estados centrais na frente italiana.

A derrota dos estados centrais foi decidida não tanto pelos insucessos nas frentes de guerra quando pelos movimentos revolucionários e nacionalistas no interior dos seus estados. Esses movimentos – como sabemos – ocorreram principalmente no interior da monarquia austro-húngara. A fim da existência

| Artigos

do império austríaco devia servir à satisfação das aspirações nacionais. No dia 16 de outubro o imperador Carlos I anunciou o surgimento da monarquia federativa da casa de Habsburgo. Esse passo estava atrasado em anos inteiros, por isso não podia produzir os resultados esperados. No dia 28 de outubro foi proclamada em Praga a independente República da Checoslováquia, e no dia seguinte foi proclamada em Zagreb a criação do estado unificado dos eslovenos, croatas e sérvios. Em Viena, no dia 11 de novembro, foi derrubada a monarquia de Carlos I, e no dia seguinte a Áustria foi proclamada uma república. Alguns dias depois, no dia 16 de novembro, também a Hungria tornou-se uma república. Com isso, deixou de existir definitivamente a secular união que ligava ambos os países.

De maneira um pouco diferente transcorreram os acontecimentos na própria Alemanha. As derrotas na frente de guerra e o longo bloqueio econômico promovido pelos estados da Entente ocasionaram enormes dificuldades econômicas. Nas cidades, eram comuns nas ruas demonstrações pró-comunistas. Os operários exigiam a abdicação de Guilherme II, a quem responsabilizavam por toda a guerra. O imperador abdicou somente no dia 9 de novembro, quando a derrota da Alemanha já era certa. Ele viajou para fora da Alemanha, que de fato se tornou uma república, mas a respeito do regime do país devia decidir a futura Assembleia Nacional. No dia 11 de novembro o governo, composto na sua maioria de social-democratas, assinou o armistício. Muitos alemães acreditavam mais tarde num “golpe pelas costas”, que teria decidido a derrota do Reich. Esse golpe teria sido desferido por “inimigos internos”, ou seja, pela esquerda alemã. Finalmente, graças a um entendimento entre Friedrich Ebert (1871-1925) – o último chanceler do Império Alemão (9-11 de novembro) e a seguir primeiro presidente da Alemanha (República de Weimar) e o comando do exército alemão, tornou-se possível a introdução da concepção republicana e a supressão dos distúrbios armados, provocados pela radical União Spartacus, sob o comando de Rosa Luxemburgo (1871-1919) e Karl Liebknecht (1871-1919).

O ano de 1918 encerra definitivamente as lutas da guerra. No dia 29 de setembro capitula a Bulgária, no dia 30 de outubro cai a Turquia, no dia 3 de novembro a Áustria-Hungria, e no dia 11 de novembro, na floresta de

Artigos

Compiègne, a Alemanha assina o armistício com os estados da Entente. Com isso a Primeira Guerra Mundial chegou ao fim. O tratado de paz principal que encerrou a Primeira Guerra Mundial foi assinado no dia 28 de junho de 1919 em Versailles – no lugar onde em 1871 a Alemanha havia proclamado o surgimento do II Reich. Por força desse tratado, a Alemanha perdeu cerca de 70,5 mil km² do seu território (habitado por cerca de 6,5 milhões de pessoas) em favor da França, Bélgica, Polônia e Checoslováquia. As colônias alemãs foram divididas entre os vencedores e transferidas à proteção da recém-criada Liga das Nações, que devia solucionar os conflitos mundiais por via pacífica. A Alemanha foi reconhecida como culpada pela eclosão da guerra. O exército alemão (o chamado *Reischwehr*) podia a partir de então contar não mais que 100 mil soldados, que deviam ser exclusivamente voluntários. Foi-lhe proibida a posse de armamento blindado, artilharia pesada, aviação e navios de guerra, bem como submarinos. À Alemanha foi imposta a obrigação de pagar (até 1951) indenizações de guerra na importância de 132 bilhões de marcos em ouro.

Bibliografia:

BECKETT, Ian F. W. *The Great War 1914-1918*. Ed. 2, Harlow: Pearson Education Limited, 2007.

CHICKERING, Roger. *Imperial Germany and the Great War, 1914-1918*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FERRO, Marc. *A Grande Guerra – 1914-1918*. Lisboa: Edições 70, 2008.

FROMKIN, David. *O último verão europeu: Quem começou a grande guerra de 1914?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

GILBERT, Martin. *First World War*. London: Harper Collins 1994.

JOLL, James; MARTEL, Gordon. *Przyczyny pierwszej wojny światowej*. Warszawa: Książka i Wiedza, 2008.

| Artigos

LIDDELL, Hart; HENRY, Basil. *History of the First World War*. London: Weidenfeld Nicolson, 1970.

PADFIELD, Peter. *The Great Naval Race: The Anglo-German Naval Rivalry, 1900-1914*. Edinburgh: Birlinn, 2005.

PAJEWSKI, Janusz. *Pierwsza wojna światowa 1914-1918*. Warszawa: PWN, 2004.

RICH, Norman. *Friedrich von Holstein, Politics and Diplomacy in the Era of Bismarck and Wilhelm II*, vol. 1. London: Cambridge University Press, 1965.

PÉTAINE, Philippe. *La bataille de Verdun*. Verdun: Fremont [1931].

TRZECIAKOWSKI, Lech. *Otto von Bismarck*. Wrocław: Ossolineum, 2009.

TUCHAMAN, Barbara Wetheim. *Zimmermann Telegram*, 2nd ed. New York: Macmillan, 1966.

RESUMO – STRESZCZENIE

Pierwsza wojna światowa (1914-1918) była pierwszym konfliktem zbrojnym na skalę światową. Przyczyną tego konfliktu była rywalizacja między mocarstwami europejskimi, które na przełomie XIX i XX wieku podzieliły się na dwa antagoniczne obozy. Do jednego, znanego jako Trójprzymierze (albo Mocarstwa Centralne), należały Niemcy, Austro-Węgry i Włochy (później także Turcja i Bułgaria). Drugi, tzw. Ententa albo Alianci, stwanowiła Wielka Brytania, Francja i Rosja. W pierwszej wojnie światowej uczestniczyło 28 krajów (4 po stronie Trójprzymierza i 24 po Stronie Ententy). Mimo ogromnych strat i zniszczeń, wojna nie rozwiązała większości konfliktów, powodując wybuch drugiej wojny światowej 21 lat później.

BRZECZWA * DZIECIOM
BRZECZWA PARA CRIANÇAS

*Tradução: Rodrigo PENA ***

NIEDŹWIEDŹ	URSO
Proszę państwa, oto miś. Miś jest bardzo grzeczny dziś, Chętnie państwu łapę poda. Nie chce podać? A to szkoda.	Senhoras e senhores, eis o ursinho. Hoje ele está muito educadinho. De bom grado, oferece sua pata pequena. Não quer dar sua pata? Ah, que pena.

* Jan Brzechwa (1898-1966) – um escritor e poeta polonês conhecido principalmente por suas obras de literatura infantil. Embora seja reconhecido por seu pseudônimo literário Brzechwa, seu nome verdadeiro era Jan Wiktor Lesman, de família de descendência judaica. O seu primo, Bolesław Leśmian, foi um dos maiores poetas poloneses. Embora tenha escrito novelas, poemas líricos e peças para cabaré, é na literatura infantil que deixou obras que até hoje encantam não só os jovens leitores. É responsável, junto a Julian Tuwim, pelo enriquecimento e renovação da literatura infantil polonesa, permitindo que a mesma falasse com imaginação e visão de mundo das crianças e com a propensão destas a brincar com as palavras.

** Aluno de Engenharia Elétrica da Universidade de Brasília (UnB) onde cursa também disciplina de Língua Polonesa 3. Quando morou por um ano na França, conheceu pessoas de diversos países e culturas e se encantou pela língua polonesa. Conseguiu ir à Polônia por duas vezes.

Poemas

<p style="text-align: center;">WILK</p> <p>Powiem ci w słowach kilku, Co myślę o tym wilku: Gdyby nie był na obrazku, Zaraz by cię zjadł, głuptasku.</p>	<p style="text-align: center;">LOBO</p> <p>Em poucas palavras, eu conto, O que é que penso do lobo: Se ele não estivesse na foto, Já te teria comido, seu bobo.</p>
<p style="text-align: center;">DZIK</p> <p>Dzik jest dziki, dzik jest zły, Dzik ma bardzo ostre kły. Kto spotyka w lesie dzika, Ten na drzewo szybko zmyka.</p>	<p style="text-align: center;">JAVALI</p> <p>O javali é selvagem, é bravo de- mais E tem presas bem afiadas, rapaz. Quem no bosque encontrar um javali, Ache uma árvore e vá nela subir.</p>
<p style="text-align: center;">ŻUBR</p> <p>Pozwólcie przedstawić sobie: Pan żubr we własnej osobie. No, pokaż się, żubrze. Żróbże Minę uprzejmą, żubrze.</p>	<p style="text-align: center;">BISÃO-EUROPEU</p> <p>Permita-me uma apresentação: Em pessoa, o senhor bisão. Apareça, bisão. Vamos lá. Com uma cara simpática, já.</p>
<p style="text-align: center;">PANTERA</p> <p>Pantera jest cała w cętki, A przy tym ma bieg tak prędko, Że chociaż tego nie lubi, Biegnać – własne cętki gubi.</p>	<p style="text-align: center;">LEOPARDO</p> <p>É coberto de pintas, o leopardo, E ainda corre muito depressa, E mesmo não sendo do seu agrado, Correndo, ele perde pintas à beça.</p>

Poemas

SŁOŃ

Ten słoń nazywa się Bombi.
Ma trąbę, lecz na niej nie trąbi.
Dlaczego? Nie bądź ciekawy –
To jego prywatne sprawy.

ELEFANTE

Chama-se Bombi, este elefante.
Tem tromba, mas bramido não garante.
Por quê? Indiscrição faz mal –
É seu assunto pessoal.

57

WIELBŁĄD

Wielbłąd dźwiga swe dwa garby
Niczym dwa największe skarby
I jest w bardzo złym humorze,
Że trzeciego mieć nie może.

CAMELO

Sustenta suas corcovas, o camelo,
Como um tesouro, tal é seu zelo.
E muito mal-humorado ele está,
Pois uma terceira não pode ganhar.

ŻYRAFA

Żyrafa tym głównie żyje,
Że w górę wyciąga szyję,
A ja zazdroszczę żyrafie,
Ja nie potrafię.

GIRAFA

O que principalmente ela faz,
É erguer muito alto o pescoço,
Tenho muita inveja das girafas,
Porque fazer assim eu não posso.

ŻÓŁW

Żółw chciał pojechać koleją,
Lecz koleje nie tanieją.
Żółwiowi szkoda pieniędzy:
– Pójdę pieszo, będę prędzej.

TARTARUGA

A tartaruga queria andar de trem,
Mas o preço da passagem não convém.
Ela não quer gastar dinheiro:
– Irei a pé, é mais ligeiro.

Resenhas

MAZUREK, Jerzy. *A Polônia e seus Emigrados na América Latina (até 1939)*. Tradução de Mariano Kawka. Goiânia-GO: Editora Espaço Acadêmico, 2016, pp. 458

Leila BIJOS *

A obra *A Polônia e seus Emigrados na América Latina (até 1939)*, do renomado historiador Jerzy Mazurek, nos apresenta um fascinante relato dos movimentos migratórios da Europa para a América Latina. Mazurek estudou história e biblioteconomia na Universidade de Varsóvia, onde completou seus estudos com uma pós-graduação em museologia, história da arte e em administração. Foi outorgado com bolsa de Doutorado no Departamento de Humanidades da Universidade de Szczecin, sob os auspícios do *The Marshall Fund* em Washington. Atua como professor adjunto no Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, e é vice-diretor do Museu de História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia, desde 1998. Mazurek tem publicado extensivamente sobre a emigração polonesa aos países da América Latina, brindando-nos agora com esta magnífica obra que traduz historicamente o conturbado ambiente do imperialismo da Prússia, da Rússia e da Áustria, que, em 1795, após três consecutivas partilhas, apagaram a Polônia, durante 123 anos, do mapa político da Europa, causando uma emigração que se estendeu pelo século XIX e século XX, uma vez que os cidadãos poloneses sonhavam com novas terras em que pudessem trabalhar, ter um lar e oferecer dignidade para suas famílias.

A Polônia como um Estado existe desde o século X, com um território estimado em cerca de 250 mil km², uma população de um milhão de pessoas, que se dedicava exclusivamente à agricultura. Os missionários católicos que se

* Doutora em Sociologia do Desenvolvimento, Universidade de Brasília (UnB), com Pós-Doutorado pela *Saint Mary's University*, Canadá. Professora Adjunta do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Direito, Universidade Católica de Brasília. Pesquisadora Visitante da *Universidade de Hyderabad*, Índia; do Programa de Doutorado em Economia Internacional da *Universidade de Tsukuba*, Japão; e Professora Visitante da *University of California*, San Diego, USA. A obra a qual se resenha é tema de pesquisa da autora, que tem se debruçado na análise de questões migratórias na Europa e na América Latina.

Resenhas

estabeleceram na Polônia trouxeram um cabedal inestimável de conhecimento administrativo, a cultura escrita e um novo conceito de poder. Introduziram a língua latina, e edificaram conventos e igrejas, que se tornaram centros da vida intelectual e artística. Soma-se a isso, o ensino de técnicas do cultivo da terra, a correção dos solos, o uso de novas ferramentas e a rotação de culturas, com inegáveis contribuições ao desenvolvimento da economia agrícola.

O proprietário de toda a terra no país, naquele tempo era o duque, que pouco a pouco começou a ceder uma parte do seu poder e seus direitos às diversas pessoas ou instituições. Uma sociedade de estados ou instituições foi moldada ao longo do tempo, tendo à frente o clero e os cavaleiros. A Polônia se inseriu nos meandros da civilização ocidental, solidificou suas bases culturais, e integrou-se a Europa.

O estado mais numeroso era o campesinato que representava 70% da população, em seguida vinham os burgueses, cujas elites eram principalmente comerciantes e artesãos associados em corporações.

Em decorrência do desenvolvimento econômico e tecnológico na Europa Ocidental, a Polônia se transformou numa base de matéria-prima, com o fornecimento de cereais e madeira. O sistema agrícola era baseado na servidão da gleba, e tornou-se o modelo de um capitalismo periférico, multiplicado mais tarde em diversas regiões do mundo, agregadas ao sistema capitalista. Sem a servidão dos camponeses, o sistema agrícola então praticado não seria absolutamente rentável e seria difícil compreender a cultura política polonesa, as suas divisões específicas e as formas dominantes de consciência coletiva. Havia um mundo dos senhores e dos escravos, que perdurou até 1864, quando os camponeses foram libertos da servidão, mas que não eram donos da terra.

A indústria em desenvolvimento não tinha condições de absorver os camponeses sem terra e donos de propriedades pequenas demais para a sustentação das famílias, até o final do século XIX, se viram na contingência de emigrarem.

A emigração para as Américas (Estados Unidos, Canadá, Brasil e Argentina) traduzia-se na única salvação diante da miséria, decorrente dos conflitos políticos e da mecanização na agricultura, com a dispensa compulsória dos camponeses.

Resenhas

Os países abriram suas fronteiras para apoiarem a emigração, assegurando aos imigrantes a viagem gratuita, o fornecimento de terra, o crédito barato, facilitada pelo desenvolvimento dos meios de transporte, com embarcações rápidas, o que dinamizou o deslocamento da população.

Como marco histórico, ressalte-se que na passagem do século XIX ao XX, os países que mais rapidamente se desenvolveram foram os que receberam maior número de imigrantes, como Estados Unidos, 34 milhões de pessoas, Canadá, nos anos 1821-1924, um total de 4,5 milhões de pessoas, Argentina (1821-1949), 7 milhões de pessoas, e Brasil (1821-1945), 5 milhões.

Os imigrantes poloneses, representantes de profissões liberais, engenheiros, técnicos, médicos, passaram a desempenhar um papel pioneiro em diversas áreas das sociedades locais. Paralelamente à emigração colonizadora, tanto antes da I Guerra Mundial como no período de entreguerras (1918-1939), ocorria a emigração econômica aos países da América Latina, principalmente à Argentina, mas também ao Brasil, Equador, Chile, Peru, Venezuela e México.

Em 1918 a Polônia recupera sua independência, no final da Primeira Guerra Mundial, como a Segunda República Polonesa, mas o período de paz foi limitado, em razão da eclosão da Segunda Guerra Mundial, e a invasão pela Alemanha nazista, e pela União Soviética; mais de seis milhões de cidadãos poloneses morreram na guerra. Em 1944, a República Popular da Polônia foi proclamada e, em 1947, depois de um breve período de conflitos, referendos e eleições fraudadas, o país se tornou um Estado Satélite do chamado “Império Soviético”. Em 1989, em consequência do movimento “Solidariedade” liderada por Lech Wałęsa, que de forma proeminente contribuiu para a derrocada do governo comunista polonês, a Polônia adotou uma nova constituição, que estabeleceu o país como uma democracia.

Os partidos camponeses se organizaram desde o final do século XIX, apesar das severas repressões políticas impetradas pela Rússia, com prisões dos líderes, de dirigentes e deportações para a Sibéria. Os anseios por liberdade não coibiram os líderes que se agrupavam e se organizavam. Mazurek descreve com propriedade o ardor do movimento socialista e dos partidos direitistas, que fortaleceram a consciência nacional e política dos camponeses, que constituíam mais de dois terços da sociedade polonesa. Na Galícia (na

Resenhas

zona de ocupação austríaca), surgiu a União do Partido Camponês (1893) e, a seguir, o Partido Popular (1895, a partir de 1903 – Partido Popular Polonês – PPP, em Polonês PSL – *Polskie Stronnictwo Ludowe*). Os líderes políticos da Galícia agiam em condições legais, participando ativamente de campanhas eleitorais ao Parlamento Nacional em Lvov e ao Conselho de Estado de Viena. O ambiente era de liberdade e participação democrática.

As premissas ideológico-programáticas inspiraram Bolesław Wysłouch (1887) a publicar seus *Esboços programáticos* na *Revista Social* de Lvov, fortalecendo as discussões e motivando o surgimento de novos partidos, dentre eles a União Popular Polonesa (1904-1907), a União da Jovem Polônia Popular (1906-1908), o Movimento Precursor (1907-1915), a União Camponesa (1912-1915), a União Nacional Polonesa (1912-1915). Os curtos períodos de atividades denotam as restrições na parte de ocupação russa, o pulso forte das autoridades em reprimir as manifestações; que se aglutinavam com as pressões do lado da Prússia. A Prússia almejava integrar as terras polonesas após a unificação da Alemanha, em 1871, o que dificultava o funcionamento de um movimento popular autônomo. As organizações que surgiram na área de ocupação prussiana foram o Partido Popular da Mazúria (1896) e o Partido Popular Polono-Católico (1912), que se concentravam na defesa do estado de posse polonês, em assuntos administrativos locais.

A problemática da emigração camponesa e a atitude diante dela por parte dos partidos políticos são temas importantes e extremamente complexos, mas desconhecidos e tratados de forma marginal pelos historiadores. O autor enfatiza seu objetivo em apresentar a posição do movimento popular organizado, isto é, dos partidos, facções e organizações, diante da ação colonizadora camponesa na América Latina. A inserção dos poloneses na América Latina, sua atitude como líderes populares diante dessa coletividade, localizada tanto no Brasil, quanto na Argentina, faz parte também da história da Polônia.

Mazurek, como historiador habilidoso, elabora sua obra a partir de uma ampla pesquisa de fontes impressas, materiais de arquivos, debruçando-se sobre inúmeras leituras e discussões com especialistas, além de visitas *in situ* nas comunidades polonesas na América Latina. A sua obra, publicada agora em português, constitui uma contribuição inestimável para os estudos de imigração no Brasil.

85 ANOS DA SOCIEDADE POLONO-BRASILEIRA

*Stanislaw PAWLISZEWSKI **

A Sociedade Polono-Brasileira é a única, ou uma das poucas organizações sociais que atua na Polônia desde o ano de 1929, divulgando entre o povo polonês o conhecimento sobre o Brasil, sua história, cultura, as relações polono-brasileiras e a sociedade polonesa no Brasil.

A Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia, que no início se chamava Rui Barbosa, foi fundada em novembro de 1929 pelo então Marechal do Senado da República da Polônia, Prof. Julian Szymański, que tinha passado muitos anos no Brasil. Na reunião fundadora, realizada na sala do Senado da República da Polônia em novembro de 1929, participaram, entre outros, o Prof. Józef Siemiradzki, o escritor Waław Sieroszewski e o Ministro do Brasil em Varsóvia, Alcibiades Peçanha.

A criação da Sociedade tinha por objetivo a intensificação do contato entre ambos os países, visto que no Brasil viviam centenas de milhares de emigrantes poloneses. O Brasil foi o primeiro país da América Latina que, em agosto de 1918, reconheceu a Polônia unida e independente. As relações diplomáticas entre ambos os países foram estabelecidas no dia 27 de maio de 1920. Reconhecendo os méritos de Julian Szymański no fortalecimento da amizade entre ambos os países, as autoridades brasileiras condecoraram-no com a Ordem Nacional do Cruzeiro do Sul.

Após a Segunda Guerra Mundial, Julian Szymański fez com que a Sociedade Polono-Brasileira reiniciasse a sua atividade. No período pós-guerra pertenciam à Sociedade muitas personalidades, entre elas poetas e

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia.

Crônicas

escritores, tais como Julian Tuwim, Antoni Słonimski, Jarosław Iwaszkiewicz, Józef Ozga-Michalski, Michał Rusinek e Antoni Olcha.

No desempenho das suas atribuições legais, a Sociedade organiza encontros dedicados ao Brasil, à sua cultura, economia, às relações polono-brasileiras e à sociedade polonesa no Brasil, nos quais participam personalidades brasileiras que visitam a Polônia e poloneses. A Sociedade colabora com a organização de competições de conhecimento sobre o Brasil, realizadas anualmente na Escola Secundária Rui Barbosa, em Varsóvia, e concentra seus esforços na realização de exposições e outras formas de divulgação de informação, especialmente entre os alunos de ensino médio e universitários.

Para comemorar datas importantes nas relações entre os dois países, a Sociedade organiza, junto com a Embaixada do Brasil, o Liceu Rui Barbosa, o Museu da História do Movimento Popular Polonês e o Centro dos Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, diversas exposições ou simpósios, dentro os quais destacamos os seguintes:

- ✓ Exposição “Poloneses no Brasil”, realizada em 2005 pela ocasião do 85º aniversário das relações diplomáticas e do 140º aniversário da emigração polonesa para o Brasil. Foi a versão polonesa da exposição “POLONESES NO BRASIL”, preparada por um grupo de poloneses e brasileiros de origem polonesa em Brasília.
- ✓ Simpósio na Universidade de Varsóvia (ano 2005), organizado pelo Centro dos Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia e esta Sociedade, pela ocasião do 85º aniversário das relações diplomáticas.
- ✓ Exposição “A POLÔNIA E O BRASIL MAIS PRÓXIMOS DO QUE PARECEM”, em 2010, pela ocasião de 90º aniversário das relações diplomáticas.

- ✓ Exposição “STANISŁAW SKARŻYŃSKI – UM VOO HISTÓRICO PELO OCEANO ATLÂNTICO em 1933”, realizada em 2013, pela ocasião do 80º aniversário do voo de Stanisław Skarżyński sobre o Oceano Atlântico, de Senegal ao Brasil, no qual, viajando no avião RWD-5bis, construído por poloneses, estabeleceu um recorde internacional de distância e de tempo de voo.

As exposições foram apresentadas em várias instituições em Varsóvia e em todo o país, entre elas na Biblioteca Nacional em Varsóvia, no Museu da História do Movimento Popular Polonês, no Parlamento da República da Polônia, na Galeria da Universidade de Varsóvia, na Biblioteca da Universidade de Łódź e no Liceu Rui Barbosa em Varsóvia. Nas inaugurações participaram o Embaixador do Brasil, os Vice-Presidentes do Parlamento, representantes do Ministério das Relações Exteriores, da Universidade de Varsóvia e de meios culturais.

Em comemoração pelos aniversários importantes da Sociedade (como o 75º e o 80º aniversários), foram organizados simpósios com a participação do Ministro Adjunto de Relações Exteriores, do Embaixador do Brasil, do Diretor do Centro dos Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, do Presidente do Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro do Parlamento Polonês e também do neto do fundador da Sociedade, Dr. Jack Szymanski, de Cascavel, Paraná. No 90º aniversário da morte de Rui Barbosa, a Sociedade, com a colaboração do Centro dos Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, organizou em março de 2013 um simpósio com a participação do Embaixador do Brasil e do Diretor do Departamento da América do Ministério das Relações Exteriores.

Pela ocasião do 85º aniversário da Sociedade, foi realizado um simpósio no dia 6 de novembro de 2014 na sala principal do Liceu Rui Barbosa em Varsóvia. O coorganizador do simpósio foi o Ministério das Relações Exteriores.

| Crônicas

Junto com o Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, a Sociedade publicou uma coletânea de poesia de Tomasz Łychowski, um poeta e pintor do Rio de Janeiro, intitulada “Limiares de fronteira”.

A Sociedade colabora com muitas instituições, entre elas com o Liceu Rui Barbosa, o Museu da História do Movimento Popular Polonês, o Centro dos Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia, o Ministério das Relações Exteriores, a Embaixada do Brasil, o Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro do Parlamento Polonês e a Associação “Wspólnota Polska” (Comunidade Polonesa). Ela mantém também contatos com a Embaixada da Polônia em Brasília, o Consulado Geral da Polônia em Curitiba, a Sociedade Beneficente “Polônia”, a Associação de Combatentes Poloneses no Rio de Janeiro, a Braspol – Representação Central da Comunidade Polono-Brasileira em Curitiba, com o padre Zdzisław Malczewski SChr, que é Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e redator geral de revista “Polonicus” (dedicada aos assuntos brasileiro-poloneses e editada em polonês em Curitiba), com o Prof. Henryk Siewierski da Universidade de Brasília, um tradutor conhecido de obras de escritores e poetas poloneses para o português, e com Tomasz Łychowski – um poeta, pintor e militante da sociedade polonesa do Rio.

A representação da Sociedade é composta pela Presidência (seis pessoas) e pela Comissão de Revisão (três pessoas), escolhidas para o período de cinco anos. O Presidente da Sociedade é Sr. Stanisław Pawliszewski, que é ex-Embaixador da Polônia no Brasil.

Varsóvia, 30.09.2014

JUBILEU FRANCISCANO

Para uma melhor compreensão dessa comemoração dos frades franciscanos, apresento um pouco de história. Eis que no dia 18 de janeiro de 1975, no navio comercial Norwid, veio ao Rio de Janeiro o primeiro grupo dos padres franciscanos conventuais poloneses com o objetivo de se dedicarem ao apostolado na Igreja do Brasil. Ao me enviar o convite para a mencionada dupla comemoração em Águas Lindas, no estado de Goiás, o padre aniversariante Francisco Kramek OFMConv falou da história da sua aventura evangélica franciscana na Terra do Cruzeiro do Sul. Gostaria aqui de citar algumas frases do Frei Francisco na carta a mim enviada: “[...] Na abertura dessa missão teve grandes méritos o Pe. Paulo Piotrowski, na época reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. Em maio de 1973, o Provincial Frei Mariusz Paczowski (meu colega de curso), por intermédio do secretário-geral Frei Filipe Blaine, contactou-se oficialmente com o Pe. Piotrowski. O Pe. Paulo concordou em prestar ajuda na missão dos franciscanos poloneses no Brasil. Essa ajuda do Pe. Paulo mostrou-se eficaz.

Dessa forma, no dia 17 de setembro de 1973 o provincial frei Mariusz Paczowski informou por carta ao Pe. Paulo Piotrowski que o primeiro grupo dos missionários poloneses seria composto de cinco pessoas e que o superior desse grupo seria o Frei Agostinho Januszewicz.

E assim, graças ao Pe. Paulo Piotrowski, no dia 18 de janeiro de 1975, viajando no navio mercante Norwid, aportamos no Rio de Janeiro. No dia 20 de janeiro fizemos os cinco uma visita ao Pe. Piotrowski para lhe agradecer pela ajuda na abertura da nossa missão no Brasil. E eis um trecho da crônica: ‘Um outro fato muito importante foi o primeiro encontro em terra brasileira (1975). O grupo recebeu a visita do Pe. Paulo Piotrowski, reitor das comunidades polonesas no Brasil. Às 19h, o grupo de seis pessoas se encontrou para vivenciar a tradicional ceia natalina. A solenidade da Missa natalina foi presidida pelo frei Marcos, e a homilia foi pronunciada pelo Pe. Paulo Piotrowski’.

No dia 12 de janeiro de 2015, na cidade de Águas Lindas, no estado de Goiás, os franciscanos conventuais poloneses comemoraram solenemente

Crônicas

os 40 anos do seu ministério apostólico no Brasil. A Missa solene, na igreja dos franciscanos de S. Maximiliano Maria Kolbe, foi presidida pelo bispo Dom João Wilk OFMConv – ordinário da diocese de Anápolis, no estado de Goiás. Concelebraram também: o bispo Dom José da Silva Gomes, da diocese de Uruaçu (atualmente hierarca emérito, que há 40 anos acolheu na sua diocese os primeiros missionários franciscanos poloneses), bem como o bispo Dom Afonso Fioreze OP – ordinário da diocese de Luziânia, na qual também trabalham os franciscanos poloneses, bem como sacerdotes diocesanos da Polônia.

A mencionada diocese de Luziânia foi instituída no dia 29 de março de 1999 pelo papa João Paulo II. O seu primeiro ordinário foi o bispo Dom Agostinho Estêvão Januszewicz OFMConv. Em razão da idade, ele se aposentou no dia 15 de setembro de 2004 e assumiu o ministério de missionário na Amazônia. Faleceu no dia 20 de março de 2011 em Juruá, onde trabalhou com dedicação aos fiéis locais.

Concelebraram mais de vinte sacerdotes. Entre os franciscanos poloneses e brasileiros, havia também missionários poloneses, tendo à frente o monsenhor Ceslau Rostkowski, da paróquia de S. Judas Tadeu em Brasília. Além do mencionado jubileu do trabalho pastoral dos franciscanos poloneses na Terra do Cruzeiro do Sul, o Frei Francisco Kramek OFMConv celebrou também os 80 anos da sua rica e espiritualmente devotada vida missionária.

Prestigiou a solenidade, com a sua presença, o embaixador da Polônia Sr. André Braiter, acompanhado de sua esposa.

Durante a Missa celebrada, não faltaram acentos poloneses, que foram muitos, mas para estes não há aqui espaço para serem mencionados.

É preciso reconhecer que os paroquianos brasileiros foram capazes não somente de tornar memoráveis os 40 anos do trabalho dos franciscanos poloneses, mas também de enriquecer a liturgia com muitos elementos que familiarizaram os participantes da Eucaristia com a Polônia e a sua Igreja, que é capaz de partilhar a riqueza da sua fé e cultura com outras nações. Neste caso, com a Igreja e a nação brasileira.

Na ocasião, um eloquente sermão sobre a espiritualidade de S. Maximiliano M. Kolbe foi pronunciado pelo bispo Dom José da Silva Chaves,

| Crônicas

que há 40 anos recebeu em sua diocese os missionários franciscanos poloneses. O bispo falou também da grande contribuição deles para as comunidades paroquiais onde exercem o ministério pastoral.

Chamou a minha atenção a presença, na Missa jubilar, da numerosa juventude local, o grande grupo dos ministros extraordinários da S. Comunhão e dos coroinhas.

Admirei não apenas a seriedade dos fiéis, mas também a sua espontaneidade e alegria. Há ainda o simpático sinal da unidade dos missionários poloneses, que aqui eu gostaria de enfatizar.

Particpei – mais uma vez – de uma solenidade onde encontrei um grupo dos nossos valorosos missionários diocesanos e religiosos. Alegria muito um coração polonês a visão dos nossos missionários que, tendo tantas obrigações em suas comunidades paroquiais e – por vezes – apesar das grandes distâncias, são capazes de demonstrar a sua identidade nacional em terra brasileira.

Após a longa, sublime mas não cansativa celebração no santuário, realizou-se o solene jantar no salão paroquial adequadamente decorado, onde igualmente podiam ser percebidos os elementos polono-brasileiros.

Para quem chegou de Curitiba, foi uma simpática visão de uma peculiar simbiose, que se manifesta onde trabalham os nossos missionários. Os nossos fiéis brasileiros são capazes não apenas de perceber a nossa origem polonesa, mas de adequadamente expressá-la na decoração e nas suas palavras. São capazes de ser cordiais, gratos pelo ministério dos missionários vindos de um “país distante”...

Uma prova “material” e perceptível de gratidão eram as palavras inscritas no cartaz que se encontrava na parede da entrada do santuário. E o elemento polonês era o fundo branco e as letras vermelhas. Não será isso uma alusão às cores nacionais polonesas? Eis o conteúdo do texto: “Frei Francisco e Frei Eusébio, nós paroquianos Os acolhemos de joelhos e de braços abertos! Somos gratos a Deus pela Sua dedicação e por todo o trabalho em nossa comunidade”.

Já não vou me estender a respeito do lauto e saboroso jantar preparado com muita dedicação e benevolência em relação aos convidados. Em meio

aos saborosos pratos típicos brasileiros não faltaram também alguns petiscos poloneses. Nisso já se pode perceber a influência dos nossos missionários sobre as cozinheiras brasileiras.

Voltei com o monsenhor Rostkowski já altas horas da noite de Águas Lindas a Brasília. Na nossa conversa, rememoramos não somente os momentos espirituais vivenciados, os encontros com os missionários compatriotas, mas também o grande trabalho apostólico dos missionários poloneses diocesanos e religiosos, e de maneira especial o dos caros frades franciscanos, que festejavam os 40 anos do seu ministério em terra brasileira.

Polônia – Pátria e Igreja nas margens do Vístula: será que percebes lá além das montanhas, da grande água, em algum lugar no “fim do mundo” o esforço dos Teus filhos, que juntamente com o Evangelho de Cristo levam a outras nações a cultura, a instrução, e que com a sua postura dão um bom testemunho de Ti? Ao participar de comemorações de missionários e missionárias poloneses aqui, em diversas regiões do Brasil, essa reflexão me vem à mente... Olha para o retrato do Pe. Slawomir Gagacki – pároco na paróquia de S. Pedro Apóstolo na cidade de Águas Lindas, no estado de Goiás, e nota como ele se mostra alegre e feliz pelo seu ministério tão longe da Pátria, realizando-se como o semeador da Verdade e sendo um exemplo vivo de entrega da vida pelos bem dos outros... Não faltam tais apóstolos poloneses entre os brasileiros. Oxalá o seu número aumente...

Pe. Zdzislaw M.

VISITA À “FAZENDA POLÔNIA”

“Fazenda Polônia” é o nome de uma área de terras doadas na década de 1840 pelo imperador Dom Pedro II ao general Antônio Dołęga-Czerwiński como recompensa pelo seu fiel serviço. Essa grande extensão de terras encontra-se no estado de Goiás, numa distância de cerca de 180 quilômetros de asfalto desde Brasília.

No dia 17 de janeiro de 2015 o monsenhor Tomás Grys – conselheiro da Nunciatura Apostólica no Brasil, o Prof. Henrique Siewierski – professor titular da Universidade de Brasília e o Pe. Zdzislaw – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil fazem uma visita à “Fazenda Polônia”, onde vivem os descendentes do general Antônio Dołęga-Czerwiński.

Os três poloneses visitaram algumas famílias que se orgulham da sua origem polonesa. Em algumas casas, vizinhas umas das outras, reuniu-se em número significativo a numerosa família. Durante a nossa estada, iam chegando em carros ou motos novos membros da família. Verificou-se que naquela tarde de sábado os moradores deviam receber um grupo de missionários leigos ambulantes (músicos, cantores, animadores), que preparariam a comunidade para as festividades em honra de S. Sebastião.

Como nos informaram, já há alguns anos é uma tradição que esse grupo visite as famílias. Há tempo para a oração, os cânticos, as reflexões. O elemento religioso encerra-se com um almoço comunitário. Diante do atraso daqueles missionários, a família que nos hospedava convidou-nos para o almoço.

Não tenho condições de enumerar os nomes de tudo aquilo de que se compunha o almoço, visto que para mim isso era uma absoluta novidade. Após o nosso almoço, vinham cada vez mais pessoas, a fim de participar do anunciado encontro.

Após o almoço o monsenhor Tomás Grys voltou à capital, visto que havia assumido as obrigações pastorais em uma paróquia. O nosso guia, Jucelino Sales (professor na Fundação Educacional do Distrito Federal), que defendeu na Universidade de Brasília (UnB) uma tese de mestrado a respeito da história do heroico general polonês e da “Fazenda Polônia”, viajando na nossa frente no seu automóvel, mostrava-nos o caminho à capela onde devia ser celebrada a Missa. Juntamente com o Prof. Henrique viajamos por uma

Crônicas

estrada de chão batido em meio a nuvens de poeira, observando com atenção a pista, para não quebrar o motor de encontro a alguma grande pedra... Viajando por essa estrada típica, lembrei-me dos meus primeiros anos no estado do Rio Grande do Sul e das idas às capelas filiais justamente por esse tipo de estradas...

Às 15h, na capela de Nossa Senhora de Fátima, situada na região que leva o nome de Monte Claro, pertencente à área da “Fazenda Polônia”, celebrei a santa Missa para uma comunidade de fiéis que se orgulhavam de serem descendentes do general Antônio Dołęga-Czerwiński.

No sermão que pronunciei naquela ocasião, procurei transmitir aos descendentes do imigrante polonês os valores da nossa fé, bem como a riqueza da nossa por vezes difícil história nacional e imigratória no Brasil.

Após a Missa, tivemos ainda tempo para conversas diante da capela. Como se verificou, entre os participantes da Missa havia apenas um jovem de pele um pouco mais clara. Ele havia chegado de uma outra colônia para participar da Missa e não tinha raízes étnicas polonesas.

Como me disse durante a nossa conversa o acima mencionado prof. Jucelino Sales (que também afirma ser um descendente do general Czerwiński), durante a sua pesquisa ele registrou cerca de 2.500 pessoas descendentes do tronco do general. Desse número, vivem cerca de 1.500 pessoas. Era preciso ver os documentos ou ouvir as pessoas que se apresentavam pronunciando o sobrenome do seu antepassado. Um sobrenome de tal forma arresvesado eu ainda não encontrei neste país. Bem, mas isso já é uma questão que decorre da forma de o tabelião brasileiro registrar os nascimentos ou os casamentos...

O que mais me edificou é que as pessoas de pele escura que encontrei naquela região do Brasil, embora não fossem capazes de dizer muita coisa a respeito do seu antepassado, demonstravam em suas palavras um grande orgulho: “O nosso antepassado foi um polonês, um general!”

Visto que, como anteriormente mencionei, aquela parte da propriedade chama-se Monte Claro, prometi às pessoas do lugar que na minha próxima viagem à Polônia eu traria uma imagem de Nossa Senhora de Monte Claro para a comunidade deles. Através dessa imagem vinda da Polônia, eles poderão estreitar mais ainda os seus laços com a nação da qual saiu o seu antepassado, que se estabeleceu na região do planalto goiano, onde recebeu as terras do imperador Dom Pedro II.

Pe. ZM

JUBILEU DE PRATA DA BRASPOL

A Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol) comemorou os 25 anos da sua atividade no Brasil. Essa comemoração realizou-se em duas dimensões.

No dia 25 de janeiro de 2015, às 9h, na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir em Curitiba, foi concelebrada uma Missa solene. O Pe. Zdzislaw Malczewski – reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil presidiu a solene Eucaristia e pronunciou o sermão alusivo ao evento. Foram concelebrantes os sacerdotes locais da congregação dos Padres Verbistas: Pe. Mário José Steffen – pároco e Pe. Eduardo Guc – vigário.

Entre os presentes na igreja, tendo à frente o eng. Rizio Wachowicz, presidente da Braspol, encontrava-se também uma delegação da Polônia: o presidente da Wspólnota Polska, em Varsóvia, Sr. Longin Komołowski com a diretora Sra. Iwona Borowska-Popławska. O Ministério das Relações Exteriores foi representado pelo Dr. Jacek Junosza-Kisielewski. O Consulado Geral da Polônia em Curitiba foi representado pelo cônsul-geral Marek Makowski e sua esposa Hanna, bem como pela vice-consulesa Dorota Ortyńska.

A delegação da Polônia, juntamente com representantes diplomáticos da Polônia, fez uma visita ao reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil. O diálogo que ocorreu esteve ligado sobretudo a assuntos relacionados com a comunidade polônica brasileira.

O item seguinte da comemoração jubilar foi o solene jantar oferecido no dia 27 de janeiro para os convidados, membros e amigos da organização. Esse festivo jantar ocorreu em um restaurante do bairro Santa Felicidade, em Curitiba.

Pe. Zdzislaw M.

ANIVERSÁRIO DO MONSENHOR CESLAU ROSTKOWSKI

No dia 5 de fevereiro de 2015 o decano dos sacerdotes poloneses no Brasil monsenhor Ceslau Rostkowski comemorou o seu 80º aniversário. Por ocasião do aniversário do pároco da paróquia de S. Judas Tadeu em Brasília, presidiu uma Missa concelebrada o bispo auxiliar da arquidiocese da capital brasileira Dom Marcony Vinícius Ferreira. Entre os concelebrantes, encontrava-se também um outro bispo auxiliar da arquidiocese, Dom Valdir Mamede. A Nunciatura Apostólica no Brasil foi representada pelo monsenhor Tomás Grys e pelo monsenhor Piergiorgio Bertoldi. Os fiéis participaram em grande número na ação de graças comum pelos frutuosos anos do apostolado do seu pastor.

No final da solene Missa tomou a palavra o representante da Polônia. Durante o seu pronunciamento, o embaixador André Braiter transmitiu o especial agradecimento ao aniversariante pelos seus anos de ministério, bem como enfatizou o significado da presença dos padres e religiosos poloneses para as relações polono-brasileiras.

A segunda parte da solenidade realizou-se no salão inferior da igreja, onde houve uma recepção para os convidados.

Mons. Tomasz GRYSA

CASA DA CULTURA POLÔNIA-BRASIL EM CURITIBA

No dia 11 de fevereiro de 2015 a Casa da Cultura Polônia-Brasil reiniciou as suas atividades após as férias inaugurando uma exposição de desenhos recortados (*wycinanki*) da sra. Emília Piaskowska. A exposição foi aberta no dia 11 de fevereiro e esteve aberta à visitação pública, com entrada livre, até 10 de abril de 2015 na Sala do Artista Popular, nas dependências da Secretaria da Cultura em Curitiba.

“Dentro da enorme diversidade e riqueza da arte popular polonesa, os desenhos recortados ocupam um lugar especial como arte decorativa, fruto da abundante e livre manifestação do temperamento artístico da nação polonesa. A artista Emília Piaskowska representa dignamente a arte popular polonesa através dos seus recortes, possibilitando a existência e a permanência dessa forma de expressão artística e cultural na comunidade polono-brasileira” – esclarece Schirlei Freder, diretora da Casa da Cultura Polônia-Brasil.

Emília Piaskowska é uma pessoa de incomum sensibilidade e personalidade artística. Há algumas dezenas de anos, é a mais apreciada artista popular polônica no Brasil. Ela cria belos recortes coloridos com motivos poloneses e brasileiros. Há muitos anos, é também participante do coral curitibano S. João Paulo II, tendo sido anteriormente uma militante e apoiadora de muitas organizações polônicas.

O evento foi organizado com a colaboração da Secretaria da Cultura do Paraná, do Salão do Artista Popular, do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba e com o apoio da Sociedade Tadeu Kościuszko, da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (Braspol) e da Sociedade José Piłsudski.

É preciso enfatizar que a atividade da Casa da Cultura Polônia-Brasil em Curitiba é muito animada e repleta de diversas iniciativas que têm por objetivo familiarizar a comunidade polônica, e sobretudo a coletividade brasileira, com a literatura, a arte, a cultura e a língua e até com a gastronomia polonesa. Resta desejar aos representantes da elite polônica em Curitiba concentrada na Casa da Cultura Polônia-Brasil a perseverança na continuidade da promoção da riqueza da cultura polonesa e de novas fascinantes iniciativas.

Pe. ZM

FRANCISCANO POLONÊS NOMEADO BISPO NO BRASIL

O Frei Janusz Danecki OFMConv foi nomeado bispo auxiliar da diocese de Campo Grande, no estado do Mato Grosso do Sul. O bispo recém-nomeado nasceu em 1951 em Sochaczew e é franciscano conventual. Ingressou no seminário menor dessa Ordem em Niepokalanów e depois no noviciado. Realizou os estudos de filosofia e teologia no seminário religioso em Cracóvia. Após a ordenação sacerdotal, que recebeu em 1975, trabalhou em paróquias em Niepokalanów e Łódź. Em 1985 viajou para as missões no Brasil. Durante o seu ministério no continente americano, foi formador dos postulantes franciscanos, diretor nacional da Milícia da Imaculada, pároco, reitor do seminário religioso em Brasília, guardião de diversas comunidades religiosas e vigário provincial. Ultimamente era pároco na paróquia da Santíssima Virgem Maria de Fátima na amazônica Juruá, na prelazia de Tefé.

Em uma entrevista à Rádio Vaticano, Frei Danecki confessa que a nomeação episcopal é para ele um enorme desafio, implicando a mudança total do ambiente do trabalho pastoral.

“Onde eu estive até agora, havia sobretudo a pastoral das comunidades ribeirinhas no interior da Amazônia, em Juruá. A paróquia é enorme, tem 19 mil km² de superfície, sendo que o único acesso a ela é o rio Juruá, um afluente do Amazonas. Em pequenos barcos a gente visita as comunidades, os pequenos povoados situados nas margens do rio. Agora terei de conhecer uma realidade completamente diferente do Brasil. Já estou nesse país há 30 anos, mas nunca estive em Campo Grande, capital do Mato Grosso do Sul. Trata-se de uma região agrícola em desenvolvimento. É aquela parte da Amazônia que na realidade deixou de ser Amazônia e que atrai muitas pessoas. Trata-se para mim de um grande desafio. Eu dei o meu ‘sim’ ao núncio no momento em que se iniciava aqui a Campanha da Fraternidade, cujo lema era: ‘Vim para servir’. E isso me confere a direção para aquilo que como bispo e como missionário aqui vou fazer” – disse o recém-nomeado bispo Janusz Danecki.

Texto: Rádio Vaticano - 25.02.2015

DELEGAÇÃO DE UNIVERSIDADES POLONESAS NO BRASIL

Nos dias 14 a 22 de março de 2015, representantes do Ministério da Ciência e da Educação Superior, da Fundação do Desenvolvimento do Sistema de Educação e de universidades polonesas participaram de uma missão educacional polonesa no Brasil. A delegação visitou a capital federal, onde participou do “Dia polonês” na Universidade de Brasília (UnB), bem como das feiras educacionais denominadas Salão do Estudante em São Paulo e em Curitiba.

No dia 20 de março, o cônsul geral da Polônia em Curitiba, Sr. Marek Makowski, recebeu a delegação com um coquetel na Sociedade Polonesa Tadeu Kościuszko.

Para o encontro com os representantes de diversas universidades da Polônia foram convidados representantes da comunidade polônica local. Como de costume em tais ocasiões, foi uma oportunidade para a troca de impressões e diálogos enriquecedores.

O PROF. MARIANO KAWKA PUBLICA UM NOVO DICIONÁRIO

No dia 17 de abril de 2015, no Palácio Blank, em Varsóvia, realizou-se o solene lançamento do *Dicionário Português-Polonês e Polonês-Português (variante brasileira)* de Mariano Kawka, publicado na série da Biblioteca Ibérica, com redação do Prof. Dr. Jerzy Mazurek, pelo Museu da História do Movimento Popular Polonês e pelo Instituto de Estudos Ibéricos e Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia. Esse dicionário, que é uma versão nova e ampliada do dicionário publicado há alguns anos por Mariano Kawka, é hoje o maior dicionário polonês-português e português-polonês. Em seu pronunciamento, o Prof. Dr. Jerzy Mazurek enfatizou não apenas a importância dessa publicação, mas também o fato de ser obra de um único autor. Mariano Kawka partilhou as suas experiências durante os vários anos de trabalho na confecção do dicionário, bem como apresentou as principais diferenças entre a língua portuguesa de Portugal e a sua variante brasileira. Do encontro do lançamento, participaram, entre outros, o ex-embaixador da Polônia no Brasil e presidente da Sociedade Polono-Brasileira Stanisław Pawliszewski e a diretora do Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos da Universidade de Varsóvia, Prof^a Dr^a Zofia Marzec.

Henryk SIEWIERSKI

*

Por sua vez a editora polônica Rodycz & Orkadowski Editores, de Porto Alegre, estado do Rio Grande do Sul, publicou o dicionário do Prof. Mariano Kawka em um só volume. A versão publicada na Polônia compõe-se de dois volumes. O lançamento da edição brasileira do dicionário realizou-se em Curitiba, no dia 25 de agosto de 2015, na Casa da Cultura Brasil-Polônia.

O Prof. Mariano Kawka é filho de imigrantes poloneses e atuou por muitos anos como professor no sistema escolar do Estado do Paraná e no Centro Universitário Campos de Andrade – Uniandrade, em Curitiba. Neste ponto vale a pena lembrar que em 1984 o Prof. Kawka publicou o *Dicionário Polonês-Português*, que surgiu mais de cinquenta anos depois do dicionário equivalente de autoria do Pe. José Joaquim Góral CM. Em período posterior,

| Crônicas

concretamente em 1999, o Prof. Kawka publicou o *Dicionário Brasileiro Polonês-Português*. Esses dois dicionários foram publicados pela Editora Vicentina Ltda., herdeira do jornal *Lud*. Na versão mais recente dos dois dicionários o autor promoveu uma ampliação e atualização de ambos.

Graças ao empenho do Prof. Mariano Kawka, a comunidade polônica e os brasileiros interessados têm atualmente a possibilidade de se utilizarem de um dicionário que contém o acervo básico do vocabulário polonês e português utilizado atualmente. Cordialmente felicitamos o Prof. Mariano Kawka pelos seus anos de trabalho dedicados à redação do dicionário, que com certeza servirá a novas gerações interessadas no conhecimento de ambos os idiomas.

Pe. ZM

COMEMORAÇÃO DO 3 DE MARIO EM PORTO ALEGRE

Solenidade da SVM Rainha da Polônia e da Constituição de 3 de Mario. Tradicionalmente nesse dia, no Santuário de Nossa Senhora de Monte Claro, elevam-se preces na intenção dos compatriotas que vivem no exterior. Igualmente nos núcleos de imigração polonesa comemora-se solenemente a festa da nossa Rainha Celestial e rememora-se a atualidade da Constituição de 3 de Maio de 1791.

No dia 2 de maio de 2015 tive a oportunidade de participar de uma solenidade organizada pela Sociedade Polônia em Porto Alegre. Essa associação já atua há mais de cem anos e possui uma rica história na preservação do polonismo, da língua e das nossas tradições polonesas.

Para comemorar mais um aniversário da Constituição de 3 de Maio, a diretoria da Sociedade, sob a liderança do seu enérgico presidente Paulo Ratkiewicz, promoveu um solene jantar. Conheço muitas associações polônicas neste país. Não gostaria aqui de melindrar ninguém, mas, da forma como a Sociedade Polônia em Porto Alegre cuida da aparência da sua sede, da adequada ornamentação do salão onde se realizam os encontros sociais, do alto nível dos encontros cívicos – seria de desejar que todos nós, os oriundos do tronco dos polanos, dedicássemos o mesmo cuidado.

Não vou me estender na descrição da aparência e da apresentação das pessoas vindas para a solenidade de 3 de Maio à sede da Sociedade. A elegância das senhoras, os trajes de bom gosto dos senhores, o salão ornamentado com requinte e devidamente iluminado. Numa palavra: a grande cultura dos nossos polônicos, a qual, infelizmente, sob a influência de uma mal compreendida globalização, começa a desaparecer da sociedade brasileira e também das nossas comunidades polônicas.

Entre os presentes no salão, podiam ser vistos: a consulesa Dorota Ortyńska, especialmente vinda para essa solenidade de Curitiba; Sebastião de Araújo Melo – vice-prefeito de Porto Alegre; Estanislau Stasinski – ex-deputado estadual e autor do projeto (apresentado há alguns anos) de estabelecer o dia 2 de maio como o Dia do Imigrante no Rio Grande do Sul; o cônsul honorário da Polônia Dr. Wilson Rodycz com sua esposa; Paulo Ratkiewicz – presidente

| Crônicas

da Sociedade Polônia juntamente com a diretoria e o conjunto de folclore polonês, que trouxe para o salão muito da beleza da juventude e das cores. Após o jantar, preparado com muito esmero, a consulesa Dorota Ortyńska entregou a cruz do mérito da República da Polônia a Tiago Halewicz pelo seu trabalho de promover a cultura polonesa no Brasil. Diversas pessoas, em seus pronunciamentos, enfatizaram a importância da comemoração da data de 3 de Maio, expressando também a sua alegria pelo encontro. Tomaram a palavra, entre outros: Sebastião de Araújo Melo – vice-prefeito da cidade de Porto Alegre; Estanislau Stasinski – ex-deputado estadual de origem polonesa, e o presidente da Sociedade Polônia – Paulo Ratkiewicz.

Para coroar a comemoração polônica, apresentou-se o conjunto de folclore “Polônia”. Era de admirar a beleza da coreografia preparada para aquela noite. Entre os participantes do jantar, não faltou entusiasmo diante da beleza das danças apresentadas.

O último item da comemoração na sede da Sociedade Polônia foi o baile abrilhantado por um conjunto musical. Como mais tarde me informaram os polônicos presentes na igreja polonesa, a diversão continuou até as quatro horas da manhã...

No domingo 3 de maio, às 11h, na igreja polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro, celebrei a solene Missa de ação de graças pela presença de Nossa Senhora como Rainha da Polônia na história dessa nação, bem como da comunidade polônica em Porto Alegre.

Demos graças a Deus pela Constituição de 3 de Maio de 1791, que tinha por objetivo consertar a Nação Polonesa e apresentar aos seus cidadãos o espírito da fraternidade e da corresponsabilidade pela história do País.

*

Havia cinco anos a comunidade polônica em Porto Alegre não contava com um padre permanente. No sábado, 2 de maio de 2015, parti de Curitiba para celebrar juntamente com os compatriotas e Eucaristia comum por ocasião de uma tão grande festividade. Aproveitando a numerosa presença dos compatriotas (alguns se haviam divertido na Sociedade até às quatro da

| Crônicas

manhã, e naquele domingo chovia), como reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil deixei aos polônicos a esperança de que em breve eles contariam com a presença permanente e a assistência pastoral de um sacerdote polonês, para lhes servir e juntamente com eles edificar e manter nessa ativa comunidade de Porto Alegre os nossos valores espirituais cristãos e poloneses.

Após a solenidade da Eucaristia, o médico Dr. Vitoldo Królikowski, um ativo polônico e sinceramente devotado à capelania polonesa, convidou-me para almoçar no Restaurante Polônia, para um almoço comum com sua família e um grupo de amigos.

O almoço, a sobremesa e o cafezinho brasileiro, mas sobretudo o maravilhoso clima do diálogo completaram o peso dessa comemoração polônica.

Na segunda-feira, 4 de maio de 2015, juntamente com uma delegação da colônia polonesa de Porto Alegre, tivemos na Cúria Arquidiocesana de Porto Alegre um encontro com o Pe. Carlos Gustavo Haas – vigário-geral. O principal objetivo da visita e das nossas conversas era a questão de assegurar um padre permanente para a Capelania Polonesa na capital do Rio Grande do Sul. Durante o encontro, que transcorreu num clima de fraternal compreensão, foi decidido que no final de agosto o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, juntamente com uma delegação da comunidade polônica, teria um encontro com o arcebispo metropolitano. O vigário-geral comprometeu-se a transmitir ao pastor da arquidiocese a situação da Capelania Polonesa, bem como as propostas por nós apresentadas durante o encontro comum na Cúria Arquidiocesana.

No dia seguinte voltei a Curitiba repleto da esperança de que os polônicos daquela cidade poderiam ter em breve um padre permanente, e de que no futuro eu não partiria daquela cidade com a consciência de ter deixado as ovelhas polonesas sem um pastor. No caminho de volta visitei a cidadezinha de Parobé, a fim de levar as relíquias de S. João Paulo II, que deviam fazer uma peregrinação pelas paróquias de Curitiba.

Pe. Zdzislaw M.

VISITA DO ARCEBISPO DE CZĘSTOCHOWA DOM VENCESLAU DEPO

Em abril de 2015 estive no Brasil Sua Excelência o arcebispo de Częstochowa Dom Venceslau Depo. O ordinário de Częstochowa veio ao Brasil a convite do Pe. Casimiro Długosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo no país. A principal motivação para a vinda do hierarca polonês era pregar um retiro de seis dias para os padres da Sociedade de Cristo, que se realizou na casa de retiros dos padres jesuítas em Florianópolis, Santa Catarina.

A primeira etapa da viagem foi o Rio de Janeiro, onde Sua Excelência o arcebispo Dom Depo celebrou na igreja polonesa uma Missa solene para membros da colônia polonesa e teve um encontro com eles. No início da celebração, dirigiu palavras de saudação ao hóspede polonês a Prof^ª Dr^ª Aleksandra Sliwowska Bartsch, que enfatizou a sua emoção, bem como o patriotismo da comunidade polonesa do Rio de Janeiro. Apresentamos abaixo a saudação da Prof^ª Aleksandra:

Excelentíssimo Senhor Arcebispo,

Cordialmente saudamos Vossa Excelência, agradecendo pela Sua vinda à igreja polonesa. Neste lugar, há 61 anos, juntamente com a Sociedade Beneficente Polonia e com a Associação dos Combatentes Poloneses, comemoramos em espírito democrático todas as festas eclesásticas e nacionais, pondo em prática as palavras do nosso grande Compatriota, São João Paulo II: “Até nas piores circunstâncias, mudando de lugar de residência ou de cidadania, não renuncie jamais à fé e à tradição dos antepassados, lembrando-se de que ter uma família-nação é um grande privilégio resultante do direito do homem, mas não se esqueça também de que a Pátria é uma grande obrigação coletiva”.

Somos descendentes de poloneses que em diversos períodos da tumultuada história da Polônia tiveram de abandonar a sua Pátria e construir uma nova vida num país tropical distante, no Brasil. Os costumes, a língua e o clima diferentes lhes proporcionaram muitas dificuldades, que foram recompensadas pela hospitalidade e cordialidade dos brasileiros.

Crônicas

Apesar de não termos nascido na Polônia, ou de lá termos nascido mas termos passado a vida toda fora dela, apesar de, por vários motivos, não possuímos muitas vezes a cidadania polonesa, com toda a ênfase queremos dizer que nos sentimos poloneses. Os nossos pais e a Igreja ensinaram-nos a amar e respeitar a Polônia, onde pulsou o coração dos nossos antepassados.

Cultivamos aqui esse amor que em nós foi inculcado de diversas formas, como por exemplo participando de santas Missas em polônês todos os domingos, ou ainda de encontros e sessões solenes por ocasião das festas nacionais polonesas.

Aprofundamos o histórico respeito brasileiro ao país nas margens do Vístula com o brasão da águia branca na coroa.

Encontra-se dentro da nossa comunidade também um grupo de emigrados jovens, já voluntários, que pela sua presença, através da língua atual e dos costumes, nos ajudam a aproximar-nos da pátria outrora perdida.

Em 1991, juntamente com o professor Rodrigo Lychowski, fui enviada pelo nosso pároco naquela época, o atual reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, padre Zdzislaw Malczewski, para um encontro com São João Paulo II durante a Jornada Mundial da Juventude em Częstochowa.

Excelentíssimo Senhor Arcebispo, o encontro de hoje com o ordinário da diocese de Częstochowa ajuda-nos a rememorar aqueles dias, quando vivenciamos o cristianismo na sua plenitude, repetindo em nossos corações: Abba, Pai.

Neste dia especial, na festa da Divina Misericórdia, fazemos votos de que o ministério temporal de Vossa Excelência produza abundantes frutos e congregue as pessoas no único rebanho de Cristo. Também fazemos votos de divina alegria e de muitos corações humanos benevolentes, prontos a prestar ajuda na proclamação da Boa Nova.

Vossa Excelência pode estar certo de que os nossos corações polono-brasileiros, que na nossa igreja se aproximam da Polônia e transmitem aos seus descendentes o verdadeiro sentido da luta pela soberania, pelo patriotismo e pela liberdade, sempre estarão abertos a Vossa Excelência nesta cidade tropical, chamada “maravilhosa”, do Rio de Janeiro.

Antes do encerramento da santa Missa, o pároco Pe. João Flig convidou o Senhor Arcebispo e os compatriotas presentes na igreja para um

| Crônicas

café no salão da igreja.

Após o encerramento do retiro para os padres da Sociedade de Cristo, Sua Excelência o arcebispo Dom Venceslau Depo, seguindo as pegadas do seu predecessor, o bispo Dom Teodoro Kubina, veio à paróquia de Rio Claro do Sul, no Paraná.

Essa visita do arcebispo de Częstochowa teve um significado especial, visto que a primeira igreja paroquial de madeira daquela localidade, construída por imigrantes poloneses, era chamada de Częstochowa Paranaense. Esse nome continua a ser utilizado, embora o atual santuário já seja de alvenaria e tenha uma torre um pouco mais baixa que a igreja primitiva.

Durante a sua estada na paróquia, Dom Venceslau Depo encontrou-se com os paroquianos na igreja e dirigiu a eles palavras especiais de estímulo para a perseverança na fé. Abençoou também uma imagem de Nossa Senhora de Monte Claro executada por um artista local e fez a entrega de dois rosários: do pessoal, de que se utilizava todos os dias para a oração, e daquele que havia recebido do papa Francisco durante a visita *ad limina*. No final do encontro, o hierarca polonês concedeu a todos a sua bênção.

Após o almoço, para o qual o pároco Pe. Anderson Spegiorin SChr convidou na casa paroquial construída há mais de cem anos, Sua Excelência visitou a igreja filial de Nossa Senhora de Częstochowa. A seguir viajou até a paróquia de Marechal Mallet, onde após uma breve oração na igreja foi recepcionado na casa paroquial pelo pároco Pe. Francisco Adamczyk SChr.

POLONESES COMEMORAM 140 ANOS DE PRESENÇA NO RIO GRANDE DO SUL

No dia 17 de maio de 2015, na comunidade Sete de Castro/Linha Azevedo de Castro, no município de Carlos Barbosa, foram comemorados os 140 anos da vinda ao Rio Grande do Sul do primeiro grupo de colonos poloneses. Convém enfatizar que os poloneses apareceram nesse estado já em data anterior – antes de 1875. No entanto, como data do início da presença dos imigrantes poloneses nesse estado é aceita a do estabelecimento do grupo dos nossos colonos na linha acima mencionada. Dessa forma, a Linha Azevedo de Castro é considerada como o berço da imigração polonesa no Rio Grande do Sul.

A solene comemoração foi inaugurada com uma Missa celebrada por três padres de origem polonesa.

A celebração dos 140 da vinda dos colonos poloneses foi abrilhantada pela presença de: José Ivo Sartori – governador do Rio Grande do Sul, Marek Makowski – cônsul geral da Polônia em Curitiba, bem como de delegações que representavam as comunidades polônicas espalhadas pelo estado.

Neste ponto vale a pena lembrar que no ano 2000 realizaram-se nessa mesma colônia as solenidades relacionadas com os 125 anos do estabelecimento dos nossos compatriotas. Após a solene Missa, realizou-se a bênção de um cruzeiro ali colocado, bem como o descerramento de uma placa comemorativa.

ZM